



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

**LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA DIVERSIDADE E
INCLUSÃO**

MAGNÓLIA MARIA OLIVEIRA COSTA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ESTADUAL CÔNEGO ESTEVAM
DANTAS NAS NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA: uma análise dos anos de 1970
– 1980**

MOSSORÓ/RN
ABRIL/2018

MAGNÓLIA MARIA OLIVEIRA COSTA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ESTADUAL CÔNEGO ESTEVAM
DANTAS NAS NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA: uma análise dos anos 1970 –
1980.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Normândia de Farias Mesquita Medeiros.

**MOSSORÓ/RN
ABRIL/2018**

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

C837p COSTA, MAGNÓLIA MARIA OLIVEIRA
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ESTADUAL
CÔNEGO ESTEVAM DANTAS NAS NARRATIVAS DE
UMA PROFESSORA: uma análise dos anos 1970 -1980. /
MAGNÓLIA MARIA OLIVEIRA COSTA. - Mossoró, 2018.
200p.

Orientador(a): Profa. Dra. Normandia de Farias
Mesquita Medeiros.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Práticas Pedagógicas. 2. Narrativas
(Auto)biográficas. 3. Grupo Escolar Cônego Estevam
Dantas. 4. Profissionalidade Docente. I. de Farias
Mesquita Medeiros, Normandia. II. Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte. III. Título.

MAGNÓLIA MARIA OLIVEIRA COSTA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ESTADUAL CÔNEGO ESTEVAM
DANTAS NAS NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA: uma análise dos anos 1970 -
1980.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Normandia de Farias Mesquita Medeiros.

Dissertação apresentada em ____/____/____

Banca examinadora

Prof.^a. Dr.^a. Normandia de Farias Mesquita Medeiros
Orientadora - UERN/FÉ/POSEDUC

Prof.^a. Dr.^a. Lia Matos Brito de Albuquerque
UECE/CED/PPGE

Prof.^a. Dr.^a. Ana Lúcia Oliveira Aguiar
UERN/FÉ/POSEDUC

Prof.^a. Dr.^a. Rosa Maria Barros Ribeiro
UECE/CED/PPGE

Prof.^a. Dr.^a. Giovana Carla Cardoso Amorim
UERN/FE/POS.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus admiráveis filhos. “Anjos”, Amor perfeito no meu peito:

Para estes anjos que enfeitam os meus dias:

Indira Morgana Oliveira Marinho, Ingridy Iáscara Oliveira Marinho, Francisco Remington Oliveira Marinho, aos meus netos: Matheus David Marinho dos Santos e Paulo Victor Marinho dos Santos, minha força, fé e luz, razões da minha existência, vocês tornam meu caminhar mais feliz, me motivam para continuar lutando e, me impulsionam a não desistir, mesmo quando tudo parece impossível.

AGRADECIMENTOS

Q UESITO RELIGIOSO.

Primeiramente, agradeço ao Pai e Criador, o Deus do impossível que possibilitou a realização desta pesquisa impulsionando forças e sabedoria para a escrita da dissertação. “Ainda que a minha mente e o meu corpo enfraqueçam, Deus é a minha força. Ele é tudo que eu sempre preciso” Salmos 73:2

“Deus é bom o Tempo Todo”

Q UESITO GRATIDÃO.

Agradeço de modo muito especial a:

À profa PhD, Ana Lúcia de Oliveira Aguiar, minha orientadora do coração sempre presente com palavras de incentivo, força, carinho e acima de tudo respeito pelo meu trabalho e crescimento. Conduziu-me na escrita deste trabalho, no processo de construção intelectual e na formação continuada dando-me oportunidade de viajar nas asas do conhecimento e na busca pela produção com determinação e zelo. Acolheu-me como membro do seu grupo de mestrados, e contribuiu para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Meus sinceros agradecimentos. OBRIGADA. Seus ensinamentos levarei para além da escrita desta dissertação. Carregarei para toda a vida.

À minha mãe “Maria do Socorro Araújo Oliveira” que soube com sabedoria educar e encaminhar os filhos a seguir sempre nos caminhos da ética e da lealdade, sem seus ensinamentos não teria chegado até aqui, meu exemplo de vida. Sua exigência em nos educar permitiu-nos sempre seguir de cabeça erguida. Obrigada. TE AMO.

À profa Dr^a Normândia de Farias Mesquita Medeiros, minha professora que me escolheu no processo de seleção para o Mestrado em Educação, que acreditou no meu potencial deste o tempo em que trabalhamos juntas por vários semestres a disciplina de Estágio Supervisionado II. Sou eternamente grata. Sempre afetuosa e suave. OBRIGADA,

À profa Dona Delma, pelas contribuições para essa pesquisa. Obrigada por partilhar suas experiências exitosas, suas lembranças sempre vivas, o encanto e afeto com que fala das suas experiências e dos ex alunos. Sinto-me parte também de sua história de vida. É com grande emoção e afeto, que registro suas experiências e narrativas de vida e formação, que permitiram a construção da pesquisa. Agradeço de coração.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), espaço de minha formação inicial e continuada, onde cursei a Graduação em Pedagogia e História, Especialização em Educação de Jovens e Adultos- EJA. Atuei como docente no PROFORMAÇÃO e na Graduação no Curso de Pedagogia, e como aluna do Mestrado em Educação. Tudo isso regado a muitas aprendizagens, amizades e companheirismo.

À Faculdade de Educação (FE), Espaço afável onde encontrei amigos. Obrigada a cada um de forma carinhosa, que me auxiliou, enquanto professora substituta Klauss Nascimento, Kassandra, Francinilda Honorato e Karoline, obrigada pelo apoio de todos.

Ao meu inestimável e adorado amigo Francisco Bento, que esteve comigo desde os primeiros ensaios da minha formação que tem início na primeira graduação em Pedagogia e se estende até os dias atuais. Sempre me apoiou e acreditou que eu sempre poderia ir mais além, esteve comigo a cada nova conquista com palavras de carinho e conforto. Sou eternamente grata, A você meu muito OBRIGADA. Esta conquista devo, também, a você.

Aos meus irmãos “bem maior”, Margarida Marinho, Margarethe Lima, Mário Costa e Marta Araújo, pelos momentos de crescimento juntos e sempre unidos. Vocês são peças fundamentais na minha vida. Conviver com vocês é um presente, que Deus me permite a cada novo amanhecer. Obrigada vocês moram em meu coração.

À professora Francisca de Fátima Araújo Oliveira, tia, amiga, professora, pessoa impar, que segui como exemplo para minha vida estudantil. Profissional exemplar. Seu apoio e compreensão me ajudaram a chegar ao mestrado. Obrigada.

Aos estimados professores do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Educação: Ana Lúcia Oliveira Aguiar, Nomândia Farias Mesquita de Medeiros, Francisca de

Fátima Araújo Oliveira, Silvia Maria Barboza, Hostina Ferreira do Nascimento, Júlio Ribeiro, com as suas experiências, transmitiram seus saberes relacionados à educação. Cada disciplina cursada era um presente recheado de aprendizagens e novos conhecimentos.

À secretaria do Programa de Pós Graduação – POSEDUC, Adiza, pelo apoio sempre presente em nossas disciplinas e nas informações precisas.

À Professora e querida amiga Glaudionora Silveira, por ter me concedido a primeira oportunidade de ministrar aula no PROFORMAÇÃO, sua sabedoria e simplicidade me encaminharam no mundo acadêmico no ensino superior. Obrigada.

À amiga Rosely de Sousa Fernandes, uma pessoa em forma de anjo que Deus colocou no meu caminho. Agradeço-lhe por tudo. Pela paciência em me auxiliar, sempre com palavras de carinho e conforto, quando as coisas parecem não ter solução. Meu muito OBRIGADO.

À amiga Leilimar pela paciência, atenção, compromisso, zelo e dedicação na correção da dissertação. OBRIGADA.

Ao Grupo de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura Diversidade e Inclusão, pelas ajudas na construção da pesquisa. De modo especial, aos momentos das Formações, dos debates e dos seminários que possibilitaram a construção das aprendizagens a cada encontro.

Ao grupo do “Bom da Viagem”, de forma especial a Helane Maia, pelas contribuições, aprendizagens companheirismo, pelas trocas de experiências. Juntos fortalecendo laços. Os ensinamentos aprendidos com este grupo levarei para a vida.

Às estimdas professoras da banca de qualificação e defesa, profa Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, Profa Dra Lia Matos Brito de Albuquerque, Profa Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro, Profa. Dra Giovana Carla Cardoso Amorim, pelo apoio e ajuda no sentido de aquilatar a escrita desta dissertação com zelo, também pelas recomendações.

Q UESITO AMIZADE

À Rosely de Sousa Fernandes amiga muito especial. É gratificante te-lâ como parceira, você, que esteve sempre ao meu lado, auxiliando de forma colaborativa, nos momentos em que mais precisei. Amparando sempre que precisei estar ausente da Escola Municipal Marineide Pereira da Cunha me ajudando a conduzir a gestão, bem como em todos os projetos realizados durante o ano de 2017. OBRIGADA, OBRIGADA E OBRIGADA.

Ao meu querido amigo Marcos Randall Oliveira de Freitas, que conheci no dia da defesa do projeto. Sempre com palavras de carinho, nos momentos de angustias, quando tudo parecia difícil ele sempre falava “Meu povo, vamos ter calma, vai dar tudo certo”, sempre alegre suave e carinhoso. Obrigada pela sua paciência.

Á Rita de Cássia Araújo Amaro, amiga de infância, que reencontrei no Mestrado. Obrigada pelas palavras de carinho, compreensão e cumplicidade nos momentos de incertezas na construção deste trabalho.

A Stênio de Brito Fernandes, amigo maravilhoso e sempre pronto a ajudar. Obrigada pelos momentos de descontração e trabalhos juntos.

Aos meus colegas da turma do “Bom da Viagem”, Rita Amaro, Marcos Randall Oliveira de Freitas, Rosa Maria da Costa Siqueira, Stênio de Brito Fernandes, Rosilene da Costa Bezerra Ramos, Glaedes Pontes de Carvalho Sousa, Amon Evangelista dos Anjos Paiva, Maria Cleoneide Soares, Hemaue Emanuele da Silva, Luzilene Fontes do Nascimento, Márcia Núbia da Silva Oliveira, Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento, Wilson Pereira Gomes de Oliveira, José de Paiva Rebouças, Priscila Tatiane Dutra, Lucielton Tavares de Almeida, Lourdes Bernadete L.L.Rocha (Betinha), Wilson Pereira Gomes, Mariluzi Riane Riani Diniz dos Santos, Maria Kélia de Araújo, Aylana Araújo Pinto, Francisco Canindé de Moraes Costa, Yokky Ywky Dantas de Oliveira, Rosângela Maia de Freitas, faltam palavras para agradecer as todos os conhecimentos compartilhados, teorias que proporcionaram nosso crescimento intelectual.

À Francinilda Honorato, sempre com um conselho e uma mão amiga para atender e amenizar as situações. Calma, serena e muito atenciosa. Continuamente pronta a executar as tarefas propostas. Obrigada pelo apoio.

Ao professor José Evangelista de Lima, PROFESSOR BACANA, pelos momentos de descontração e leveza, que proporciona ao nosso grupo consolidado.

À amiga e escritora Helane Maia de Paula agradeço pelas palavras de apoio intelectual, incentivo e pelos momentos de compreensão para me ouvir.

Q UESITO COLABORAÇÃO.

À Equipe da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, escola escolhida para fonte de minha pesquisa, em especial à diretora Maria Cidete Dantas pelo apoio, compreensão, amizade e confiança em mim depositados. De forma especial á: Professora Delma dos Santos Nascimento pela contribuição com suas experiências e relatos de suas práticas. Aos meus companheiros de trabalho durante nove anos a saber: Wladimir Geovanne dos Santos Duarte, Maria Janiclide de Lima (amiga do coração a quem tenho um imenso respeito), Francisco Joselito da Silva, Marcos Luiz dos Santos (o primeiro amigo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas), Maria Elisângela, Arnilton Araújo, Rosilene Rodrigues, Emanuelle, Maria da Paz, Maria Risomar, Neilza Maia, Maria Vanusa, Tia Vera, Fátima Cavalcante, Leocádia Santos, Marinete, Ana Sandra, Euzileide Vieira.

A Equipe da Escola Municipal Marineide Pereira da Cunha pelo apoio, compreensão e acolhimento em especial à: Rosely de Sousa Fernandes, Aldivan (Magão), Alzinete Régis, Ana Rafaela, Elisângela Michelli, Andréa Carla, Maura Fernandes, Zilda, Marluza, Claudia Glauciana, Anne Michelle, Genival, Camilo, e a todos os professores e professoras, que direta ou indiretamente contribuíram para a execução deste trabalho.

Aos estagiários que atuam na Escola Municipal Marineide Pereira da Cunha a saber: Ana Paula Carvalho, Elidianne Silva, Moab Paiva, Arielma Fernandes, Lívia Silva, Rayssa Torquato, Thaianne Fernandes, Jônatan Lima e Flávio Luan.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

BAKHTIN, 1981

RESUMO

O presente estudo constitui-se em uma pesquisa de mestrado e encontra-se situado na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Insere-se no campo investigativo da prática pedagógica de uma professora da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, cujo objeto de estudo centra-se nas narrativas da professora. Com foco nas práticas pedagógicas de uma professora, que lecionou no Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, no período de 1970 e 1980. O interesse na temática emerge a partir das inquietações de compreender o processo educacional da escola, focalizando como as práticas pedagógicas eram desenvolvidas na escola de acordo com o contexto educacional e social. Definimos como ponto de partida a seguinte pergunta: Quais as práticas pedagógicas da professora que atuou na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas em Mossoró/RN nos anos de 1970- 1980 no processo de profissionalização docente? Para melhor compreender como se efetivavam essas práticas deliberamos como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas de uma professora que lecionou na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas nos anos 1970 a 1980. Avultamos como objetivos específicos: narrar na perspectiva da pesquisa (auto) biográfica o meu processo formativo, as experiências de vida e a aproximação com o tema de estudo; elencar os fatos presentes na trajetória e história contemporâneas da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas; identificar nas narrativas da professora as práticas pedagógicas ancoradas no processo da profissionalização docente. Partimos para a investigação pela via da pesquisa (auto)Biografia e a utilização da História Oral. No que se refere ao processo metodológico, executamos entrevistas semiestruturadas com perguntas sobre o percurso percorrido pela professora na década estabelecida no recorte histórico, pois essas vias possibilitaram a construção das narrativas orais da professora entrevistada. As narrações vão aos poucos se desenhando como as fontes principais para atingir o objetivo proposto. Entendendo que para a realização de uma pesquisa, o primeiro passo é a pertença. O estudo passeia pela pertença da autora com o *locus* da pesquisa, pois, ambos se entrelaçam para dar visibilidade ao encontro com nossa prática pedagógica como parte do estudo. A pesquisa possibilitou refletir sobre alguns aspectos relevantes vivenciados ao longo de sua construção e constatamos, que para exercer a docência no ensino primário na época dos anos de 1970 e 1980 o professor era aquela pessoa que pudesse ser referencia para a comunidade, ou seja, ser professor era ter grande prestígio diante a sociedade, pois era reconhecido como uma autoridade e referenciado por todos os alunos. Averiguamos que as práticas pedagógicas, realizadas nesse período, desenvolveram-se baseadas, principalmente, nos princípios do modelo tradicional de ensino, nas experiências pessoais e profissionais dos professores, e na realidade precária das condições de materiais e de trabalho, bem como, questões para pensar sobre as diretrizes que se exibem hoje da escola pública do Ensino Fundamental, bem como, relativo aos processos de formação continuada, humana e social dos professores em exercício. As narrativas, nos proporcionou interpretações aprofundadas e elaboradas sobre a evolução do processo pedagógico para a sociedade atrelados aos valores culturais e políticos, que vem ao encontro das experiências construídas num espaço/tempo que foram significativos para ressignificar cada passo em busca de compreender a própria história.

Palavras chave: Prática Pedagógica; Narrativas (auto)biográficas; Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas; Profissionalidade docente.

ABSTRACT

The present study is research of master degree and is insert in on the Research Line: Educational Practices, Culture, Diversity and Inclusion, from Graduate Program in Education of the State University of Rio Grande do Norte. It is inserted in the field of investigation of pedagogical practice from a teacher of the State School Cônego Estevam Dantas, whose object of study focuses on the narratives of the teacher. Focusing on the objective to discuss the pedagogical practices of a teacher who taught in the School Group Cônego Estevam Dantas, in the period of 1970 and 1980. The interest in the theme emerges from the concerns of understanding the educational process of the school, focusing on how the pedagogical practices were developed according to the educational and social context. We define as a starting point the following question: What are the pedagogical practices of the teacher who worked at the State School Cônego Estevam Dantas in Mossoró/RN in the years 1970-1980 in the process of teacher professionalization? To better understand how these practices were effective, we defined as a general objective to analyze the pedagogical practices of a teacher who taught at the State School Cônego Estevam Dantas in the years 1970 to 1980. We highlight as specific objectives: to narrate from the perspective of (self) biographical research my formative process, the life experiences and the approximation with the subject of study; to list the facts present in the contemporary trajectory and history of the State School Cônego Estevam Dantas; to identify in the narratives of the teacher the pedagogical practices anchored in the process of teacher professionalization. We started for the research by means of the research (auto) Biographical and the use of Oral History. As far as the methodological process is concerned, we conducted semi-structured interviews with questions about the course taken by the teacher in the decade established in the historical period, since these routes enabled the construction of the oral narratives of the teacher interviewed. The narratives are gradually being designed as the main sources to achieve the proposed goal. Understanding that for conducting a research, the first step is belonging. The study traces the author's belonging to the locus of the research, because both are intertwined to give visibility to the encounter with my pedagogical practice as part of the study. The research made it possible to reflect on some of the relevant aspects experienced during its construction and it was verified that to practice teaching in primary education in the 1970s and 1980s the teacher was that person who could be a reference for the community, to be a teacher was to have great prestige in the face of society, for it was recognized as an authority and reference for all students. We found that the pedagogical practices, developed during this period, were based mainly on the principles of the traditional teaching model, on the personal and professional experiences of teachers, and on the precarious reality of material and work conditions. We realize that this research brings elements for a historical reading of the pedagogical practices of the decade, and in particular of the School Group Cônego Estevam Dantas, and also, questions to think about the guidelines that are exhibited today of the public school of the Elementary School related to the processes of continuing training, human and social skills of practicing teachers. The narratives provided us with in-depth and elaborate interpretations of the evolution of the pedagogical process for society, tied to cultural and political values, which is in line with the experiences constructed in a space/time that were significant in order to re-signify each step in the search of understanding one's own history.

Keywords: Pedagogical Practice; Biographical (self) narratives; School Group Cônego Estevam Dantas; Professional teaching

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Foto 1: Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas | 20 |
| Foto 2: Magnólia Maria Oliveira Costa | 36 |
| Foto 3: Maria do Socorro Araújo Oliveira (mãe) | 37 |
| Foto 4: Marcolino Antônio de Oliveira e Maria Araújo Oliveira. (Avós Maternos) | 38 |
| Foto 5: Prédio da Escola União Caixeiral, onde funcionou a Escola E.I P Solon Moura | 50 |
| Foto 6: Prédio da Escola União Caixeiral, onde funcionou a Escola Estadual Professor Solon Moura. Ano 2009 | 50 |
| Foto 7: Magnólia Maria Oliveira Costa. Desfile Cívico 07 de setembro | 56 |
| Foto 8: Escola Normal de Mossoró-RN. 1924 | 60 |
| Foto 9: Escola Estadual Jerônimo Rosado Ano de 1959 | 61 |
| Foto 10: Magnólia Maria Oliveira Costa | 62 |
| Foto 11: Histórico escolar do 1º e 2º grau. Ano de 1999 | 63 |
| Foto 12: Magnólia Maria Oliveira Costa. Prof. ^a Valdete Formatura. 1984 | 65 |
| Foto 13: Indira Morgana Oliveira Marinho (filha) | 66 |
| Foto 14: Magnólia Maria Oliveira Costa. Uma amiga professora, ao meu lado dos alunos ... | 67 |
| Foto 15: Magnólia Maria Oliveira Costa e a equipe de professores do turno vespertino da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas | 69 |
| Foto 16: Magnólia Maria Oliveira Costa e Alunos da E. E. C. E. Dantas - Aula de Ano de 2014, Campo no RECICRIANÇA - Canoa Quebrada - Comunidade de Estevam | 69 |
| Foto 17: Formatura do Curso de Pedagogia- UERN Ano de 2002..... | 74 |
| Foto 18: Magnólia Costa, Aldo Gondim, Evânio Raposo, Dr. Dauri Lima. Currais Novos... | 76 |
| Foto 19: Magnólia Costa e a Professora Normândia Farias | 77 |
| Foto 20: Magnólia Costa e a turma de História - Formatura 2010.2 | 78 |
| Foto 21: Magnólia Maria Oliveira Costa e Sérgio Aragão (Padrinho de formatura) | 79 |
| Foto 22: Magnólia Maria Oliveira Costa e Sérgio Aragão (Padrinho de formatura) | 79 |
| Foto 23: Magnólia Costa e a turma de Educação Quilombola - UFERSA 2016 | 79 |
| Foto 24: Magnólia Costa Seminário de Narrativas (auto)Biográfica - 2016 | 81 |
| Foto 25: Escola enquanto Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, 1930 | 93 |
| Foto 26: Igreja do Alto da Conceição, 1972 | 95 |
| Foto 27: Professora e diretora da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, ano 1930 | 98 |
| Foto 28: Estrutura Física da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas 1979 | 100 |
| Foto 29: Imagem de Padre Cônego Estevam Dantas. Ano de 1930 | 106 |

| | |
|--|-----|
| Foto 30: Imagem da Fachada do Colégio Diocesano Santa Luzia – 2000 | 106 |
| Fotos 31-32: Equipe diretiva do Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró/RN e Padre Sático Cavalcante Dantas e Padre Charles Lamartine de Sousa | 107 |
| Foto 33: Comemoração da Páscoa na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas | 111 |
| Foto 34: Atividade de Comemoração do dia do trabalhador na Escola Estadual Cônego | 112 |
| Foto 35: Atividade festiva em Homenagem ao dia das mães na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas | 114 |
| Foto 36: Homenagem as mães /1980 | 114 |
| Foto 37: Festas Juninas - Coroando o rei e a rainha, denominados Príncipes e Princesas..... | 115 |
| Foto 38: Comemoração sobre o dia da Libertação dos Escravos Ano 1980 | 116 |
| Fotos 39-40: Comemoração do dia do folclore - Exposição de objetos antigos | 117 |
| Foto 41: Apresentação do Pastoril. Cordão azul e Cordão Vermelho | 118 |
| Fotos 42-43: Atividade realizada para retratar a copa do Mundo e os Jogo da seleção Brasileira | 119 |
| Foto 44: Comemoração do dia da árvore..... | 120 |
| Foto 45: Dia da árvore - Horta comunitária para utilizar os produtos na escola | 120 |
| Foto 46: Comemoração do dia da Bandeira | 121 |
| Foto 47: Encerramento do Natal da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas..... | 122 |
| Foto 48: Encerramento do Natal da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas | 122 |
| Foto 49: Aniversário da professora Dona Rosa 08/ 2017..... | 129 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|----|
| Mapa 01: ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – 2014 | 89 |
| Mapa 02: MOSSORÓ | 92 |

LISTA DE SIGLAS

AEQ: Aperfeiçoamento em Educação Quilombola

A.J.P. L: Ambulatório José Pereira Lima

AFIRSE: Associação de Estudos e investigação em Educação

CA: Centro Academico

CAIC's: Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente

CEJA: Centro de Educação de Jovens e Adultos Professor Alfredo Simonetti

COBAL: Centro de Abastecimento de Frutas Legumes e Verduras

CIPEV: Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana

CINTED: Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação

CONEDU: Congresso Nacional de Educação

EJA: Educação de Jovens e Adultos

ERNAB: Encontro de Narrativas (Auto) Biográficas: “Povos do campo: Memória, Saberes, Tradição”.

IEM: Instituto de Educação de Mossoró

LBI: Lei Brasileira de Inclusão

IEM: Instituto de Educação de Mossoró

NURE: Núcleo Regional de Educação

12ª DIREC: Diretoria Regional Educação Cultura e Desportos

PROFORMAÇÃO: Programa de Formação Continuada

RN: Estado do Rio Grande do Norte

UERN: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFERSA: Universidade Federal Rural do Semi-Árido

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| QUADRO I: PROCESSO FORMATIVO DE DONA ROSA | 136 |
| QUADRO II: OS CONTEÚDOS DE ENSINO | 161 |
| QUADRO III: FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS DE DONA ROSA SOBRE SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS | 166 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| CAMINHOS INTRODUTÓRIOS - O DESPERTAR INVESTIGATIVO ACERCA DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA, CAMINHOS DE UMA TRAJETÓRIA DE MOTIVAÇÃO E BUSCA PARA MINHA FORMAÇÃO | 20 |
| CAPÍTULO 1 – TECENDO NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS: DAR VOZ AO PERCURSO DE FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO | 32 |
| 1.1. Memórias de Mim e do Outro, Eu, Texto e Contexto: ressignificando a formação | 33 |
| 1.2. Adolescência: uma viagem nas asas do passado retratado na busca e na da redefinição da formação inicial | 49 |
| 1.3. Curso Magistério: reter algumas linhas de força sobre os sonhos de se formar professora: os primeiros passos na profissionalização, rumo à carreira de professora | 58 |
| 1.4. Aproximação com o Método (Auto) Biográfico: uma viagem pela memória | 70 |
| CAPÍTULO 2 – CONTEXTO HISTÓRICO DOS GRUPOS ESCOLARES E O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO | 82 |
| 2.1 Contexto Histórico-social dos Grupos Escolares e o processo de institucionalização | 83 |
| 2.2 Histórico do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas: de escola rudimentar a Escola Estadual..... | 93 |
| 2.3 Biografia do Padre Cônego José Estevam Dantas: nasce nome da escola | 104 |
| 2.4 Resgate das práticas educativas do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas: os acontecimentos que marcaram e fizeram sua história | 108 |
| CAPÍTULO 3 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA DO GRUPO ESCOLAR CÔNEGO ESTEVAM DANTAS NO PERÍODO DE 1970 E 1980 | 126 |
| 3.1 Profissionalidade docente e os elementos constituintes da identidade de Dona Rosa como produto da história de vida, formação e prática | 128 |
| 3.2 Narrativas de Dona Rosa sobre suas práticas: ativar a memória para compreender O presente | 137 |
| 3.3 Relação Professor/Aluno e as Metodologias adotadas: a boniteza das relações entre Dona Rosa e discípulos | 148 |
| 3.4 Avaliação da aprendizagem e os conteúdos de ensino: com a palavra a professora Dona Rosa | 157 |
| DISCUSSÕES E PALAVRAS INTERPRETATIVAS | 170 |
| REFERÊNCIAS | 178 |
| ANEXOS | 183 |

CAMINHOS INTRODUTÓRIOS - O DESPERTAR INVESTIGATIVO ACERCA DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA, CAMINHOS DE UMA TRAJETÓRIA DE MOTIVAÇÃO E BUSCA PARA MINHA FORMAÇÃO



Foto 1: Foto da Escola enquanto Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, 1930.

Fonte: Arquivo pessoal de um morador do bairro do Alto da Conceição.

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

Paulo Freire, 1997

No transcorrer de minha trajetória de vida pessoal e profissional, vi-me diante de portas com pequenas e grandes aberturas, nas quais tinha que enfrentar. Nessa trajetória, procurei sempre direcionar o olhar para o futuro e visualizava que essas portas poderiam ser minhas inquietações sendo desvendadas, a partir da consciência da minha prática pedagógica. Os percalços foram existindo na medida em que encontrava com meu fazer pedagógico, porém não fracassei diante dos obstáculos surgidos. Procurei forças para lutar, resistir, encarei barreiras e conquistas, alimentei sonhos e expectativas e, sobretudo, continuei na busca de alcançar meus objetivos e realizar meus sonhos de alcançar níveis mais elevados na vida profissional e pessoal.

No curso de minha vida, muitas vivências conduziram-me ao interesse de estudar e pesquisar sobre o tema narrativo (auto)biográfico. Embalada no devaneio desta construção, muitas ideias povoaram minha mente e meu coração, até decidir que trabalharia com o seguinte tema: Práticas Pedagógicas da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas nas narrativas de uma professora: uma análise dos anos de 1970 – 1980.

Esta dissertação discute a construção de um caminho de pesquisa expressado na relação do pesquisador com o objeto de estudo. Essa relação com o meu objeto de estudo se estabeleceu na graduação em História, cursado na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no final do curso, no momento do trabalho de conclusão, era necessário escrever a monografia e cada aluno escolheu sua temática. As discussões em sala de aula sobre a Escola dos Annales¹ despertaram em mim o deleite inicial de trabalhar com Patrimônio Imaterial. Na medida em que, as discussões em sala de aula aconteciam, acendia em mim o desejo de dar vida e voz aos sujeitos, que fizeram parte da construção desta história. Ainda sem muito conhecimento sobre a temática, já tinha interesse em narrar a biografia do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, com qual tenho um referencial e uma vivência aliados à minha vida e prática pedagógica, iniciada na década de 1970.

Mentalizamos a temática e após muitas propostas levantadas e questionadas, resolvemos detalhar a história da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, antes conhecido como Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas com vistas nas práticas pedagógicas de uma professora que lecionou na década delimitada na pesquisa. Essa ideia de delinear a história da escola já habitava meus sonhos de historiadora há alguns anos. Discutia com meus familiares a questão desse Grupo Escolar ser bem conceituado e não haver registros sobre sua identidade como instituição escolar situado na localidade do Alto da Conceição que educou diferentes gerações.

Escrever sobre a escola me encantava, pois despertava o desejo de compreender a história de vida dos sujeitos e também, a descrição do patrimônio e as mudanças ocorridas ao longo dos anos na estrutura física da escola.

Desejava pesquisar a escola, na qual estudei os anos iniciais e passei momentos inesquecíveis durante minha infância, onde costumava brincar de queimada na parte lateral, que abroilhava acesso aos fundos da escola. Também participava das competições e dos concursos de leitura realizados pela professora, que, hoje, faz parte da construção dessa dissertação como entrevistada para afirmar e legitimar através das suas narrativas como as práticas pedagógicas se efetivavam, suas experiências e expectativas em prol de educar e passar seus ensinamentos aos alunos da comunidade do Alto da Conceição e adjacências.

¹ Na década de 1960, influenciados pela discussão da Escola dos Annales sobre a crise do historicismo - corrente historiográfica que se propõe a narrar o que considera fatos históricos sem haver necessariamente uma análise social do período estudado - e a história vista como ciência social a partir da interdisciplinaridade, historiadores ingleses passaram a produzir e defender a chamada história vista de baixo. Dentre os expoentes dessa corrente é possível citar Christopher Hill e E. P. Thompson. A proposta da história vista de baixo é produzir um estudo sobre um processo histórico focado naqueles que, para Thompson, faziam parte da "massa de esquecidos": camponeses, artesãos, operários, etc. FONTE: E. P. Thompson, "Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional".

No ano de 2009, como graduanda em História, meu desejo de escrever sobre a escola, onde estudei na infância, foi colocado em silêncio, ficando adormecido por falta de fonte e clareza do que eu realmente abordaria no texto monográfico e, também, por falta de orientador². Fugia do meu entendimento, o fato de não haver registros sobre sua história, me inquietava saber que não compreendia porque os historiadores e as pessoas da comunidade não despertaram o interesse de trazer a história da escola para o conhecimento da localidade, que se encontrava em um contexto educacional de fundamental importância para a cidade de Mossoró.

O nosso interesse foi fazer um resgate histórico das práticas de uma professora na década entre 1970 e 1980 e destacar a relevância da escola para a sociedade mossoroense por ter sido significativa em um momento de mudanças educacionais e contribuiu para a formação de pessoas, que, hoje, fazem ou, já tiveram destaque na história da educação mossoroense. Enfatizo a importância da pesquisa para mim enquanto aluna, professora de História e parte da equipe administrativa da escola. Resgatar sua importância para a comunidade local para que alunos, professores e funcionários conheçam a história da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas. Neste espaço escolar, tenho todo um processo de pertença iniciado na década de 1970, que se estende até os dias atuais.

Nossa pretensão configurava-se em conhecer os fatos e a professora que fizeram história na escola nas décadas estabelecidas para o estudo e deixaram suas marcas na vida de muitos alunos, em questões afetivas, e nas relações sociais e humanas. Sentíamos que tínhamos o dever de deixar um legado na história dessa instituição. Essa é a minha escola, meu passado e presente. Temos todo um referencial que fez e continua fazendo parte na minha essência. A história da escola faz parte de um determinado tempo da minha história de vida e formação intelectual.

A pertença do estudo com o *lôcus* da pesquisa está atrelada à minha prática pedagógica. Para a realização de uma pesquisa, o primeiro passo é a pertença. Fazer ou ter feito parte da nossa trajetória de vida, que pode ser um tempo ou algo que desejamos conhecer a fundo, ou seja, como parte do ideal de vida, das aspirações, das pretensões, de anseios e dos sonhos.

A pesquisa é de fundamental importância para a escola, uma vez que traz as práticas pedagógicas das décadas de 1970 e 1980 no século XX, a postura da docência em relação a estes exercícios para a comunidade escolar. De posse dessas informações, tecemos uma analogia para compreender as antigas práticas, ainda delimitamos como fundamental rever e aprimorar as práticas atuais.

² Grandes partes dos professores do curso de História estavam saindo para cursar pós-graduação, em mestrado e doutorado. Desta forma ficou inviável a execução da monografia na temática pretendida. (Grifo da autora)

É mister, que algumas dificuldades surgiram ao longo da pesquisa, um desses enigmas foi a falta de fontes³ para concretizar o estudo do histórico cronológico e contemporâneo da escola. Destaco o desejo de saber mais sobre a biografia, o contexto educacional e a contribuição para a comunidade local na qual se encontra inserida.

Investigamos com prazer a realização dessa pesquisa o meu entrelaçamento com a escola que se justifica também na relação com o meu fazer pedagógico, no qual realço como fator preponderante, pois desenvolvo minhas atividades como professora de História, atuando de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental por nove anos, e a partir de 2015 passei a fazer parte da equipe administrativa como Coordenadora Pedagógica desde 2009 até os dias atuais.

Existe um vínculo de afetividade e cumplicidade com as práticas atuais, isso me propicia mais laços com a proposta de estudo, pois incluímos deleite, zelo, compromisso e amor no papel que desempenho na escola. Trata das práticas desenvolvidas na escola de alguma forma nos aproxima cada vez da construção de sua cronologia histórica.

Temos convicção que o sonho de trazer a história da Escola Cônego Estevam Dantas começa a se tornar realidade e dar os primeiros passos a partir da minha entrada como aluna em caráter especial, no ano 2011, na Pós-Graduação em nível de mestrado em Educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Processos Formativos em Contextos Locais, com as seguintes linhas de pesquisas: Políticas e Gestão da Educação, Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. Tudo começa a fazer sentido ao cursar a disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica ministrada pela Professora PhD em Educação Ana Lúcia Oliveira Aguiar⁴, com possibilidades de compreender sobre memórias, narrativas e (auto)biografia, surge uma luz que nos faz enxergar que é possível trazer a discussão para a academia, e a minha intenção de pesquisa ser realizada

A profa. Ana Lúcia Aguiar realiza momentos charneiras⁵ e traz reflexões que possibilitam uma viagem ao passado sobre acontecimentos, que fizeram parte de um determinado momento em nossa vida. Essas reflexões foram relevantes para despertar o

³ Falta de fontes aqui esta relacionada aos documentos oficiais. Como a pesquisa diz respeito às narrativas de uma professora, as fontes são evidenciadas pela docente entrevistada, pelos poucos documentos do acervo da escola e do Jornal o Mossoroense da cidade de Mossoró/RN

⁴ Professora Dra. em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁵ Momentos ou acontecimentos-charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”. Poderia dizer. Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é utilizado nas obras francesas portuguesas sobre as histórias de vida, para designar os acontecimento,s que separam, dividem e articulam asa etapas da vida. (JOSSO, 2004 p.90).

interesse de adentrar nas narrativas (auto)biográficas e aguçar minhas inquietações de pesquisar sobre a escola. A partir de então começo a ver uma possibilidade de resgatar o meu desejo adormecido e passo a sentir mais interesse em trazer para a comunidade escolar do Alto da Conceição a história do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas.

Este estudo envolveu as práticas pedagógicas da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas nas narrativas de uma professora: uma análise nos anos de 1970-1980. A nossa problemática e o objeto de estudo estão pautados a partir da estruturação de três capítulos, cada um com quatro tópicos com a intenção de compreender as práticas pedagógicas de uma professora que lecionou na escola Estadual Cônego Estevam Dantas e o processo de profissionalização docente.

A partir das leituras em Josso (2010), das discussões em sala de aula, diálogos, reflexões e purgações, optamos desenvolver a nossa pesquisa pela via do método (auto)biográfico, utilizamos as narrativas (auto)biográficas de uma professora para contemplar as questões norteadoras da problemática e dos objetivos. Buscamos como fonte de pesquisa para dialogar com a nossa temática, documentos existentes no acervo da escola, recortes de jornais da cidade de Mossoró, fotos e narrativas da professora Dona Rosa.

Com base nas leituras em Josso, compreendemos que o método (auto)biográfico é um método dinamizador para o processo de transformação da lembrança de si. Neste sentido, o sujeito torna-se protagonista da sua própria história ao passo que vai tecendo os fios da produção de si, o que possibilita o (auto)conhecimento e sua (auto)formação.

A autora traz subsídios para a pesquisa através da (auto)biografia, no sentido de mostrar as práticas pedagógicas da professora por meio das narrativas, pois possibilitou-nos fazer uma apreciação para compreender o processo da profissionalização docente da década estabelecida na pesquisa.

O objetivo da (auto)biografia é aprofundar o conhecimento do sujeito sobre sua própria vida, pois busca mergulhar no interior da pessoa e estuda o percurso de sua vida para fazê-lo emergir ciclos, etapas e fases, que podem ser de ruptura e/ou de transição e trazer subsídios para evocar as memórias, que os representam de mim para comigo, desvelando meu caminhar profissional e pessoal para a aproximação do meu objeto de pesquisa. A perspectiva de investigação–formação, por evidenciar um caminhar para si, busca sentido e conhecimento do real e possibilita ao indivíduo mergulhar no processo investigativo, e também, formativo.

O percurso metodológico adotado para execução do estudo foi explicitado através de estudos nas fontes e dos caminhos percorridos, que nos levaram às apreciações obtidas por meio

da entrevista (auto)biográfica da professora. Por fim, apresentamos a composição do nosso trabalho, de modo a proporcionar uma visão geral desta pesquisa.

A pesquisa proporcionou uma visão global do trabalho, o problema, o objetivo geral e os específicos, o *locus* da pesquisa, bem como a pertinência fundamentada nos referenciais bibliográficos e levantamento feito no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nas produções locais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), nos documentos do acervo da escola e na entrevista com a professora. Nosso objetivo geral é: Analisar as práticas pedagógicas realizadas por uma professora que lecionou e fez parte da história da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas nos anos 1970 a 1980 com base em suas narrativas no processo da profissionalização docente.

Quando se estabelece o objeto da pesquisa, é chegado o momento de refletirmos seu amadurecimento por meio do desbravamento dos caminhos metodológicos e, para isso, foi necessário assinalar os objetivos específicos, que respondem o que está proposto nos capítulos. Elencamos para nossa pesquisa os seguintes objetivos, a saber: Narrar na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica o meu processo formativo, as experiências de vida e a aproximação com o tema de estudo; analisar as representações e os fatos presentes nas trajetórias e histórias contemporâneas na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas; identificar nas narrativas de uma professora as práticas pedagógicas ancoradas no processo da profissionalização docente.

Para aclarar buscamos decisão de adentrar com a temática sobre as práticas pedagógicas de uma professora da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, subsídios na disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica, sem deixar de ressaltar que essa harmonizou uma viagem inesquecível em busca do meu ideal de pesquisa. A profa Ana Lúcia Aguiar criou um slogan para referenciar a turma “O Bom da viagem é a viagem”. Frase criada e reforçada como referência para os alunos que entraram no Programa do Mestrado na turma de 2015. Cada aula era uma viagem ao mundo do conhecimento.

A profa Ana Lúcia dava voz e vida aos alunos. Cada frase dita e autor evidenciado tornava essa viagem fantástica. Eu copiava todas as informações que Ana Lúcia falava e em casa, após a aula, lia, relia e pesquisava os autores por ela citados. A cada aula a nossa viagem nas ondas do conhecimento tornava-se mais interessante e produtiva, com debates, relatos, momentos charneiras de puro deleite e debruçamento nas leituras, discussões em sala, aulas de campo, narrativas dos viajantes do Bom da Viagem. O melhor desta viagem foi o fato de proporcionar a conquista de ser aprovada no mestrado como aluna regular no ano de 2016 e ter o prazer de escrever sobre a minha escola de infância e trazer as narrativas da minha professora tão querida do 4º ano Dona Rosa sobre suas práticas pedagógicas.

Para compreender as práticas pedagógicas do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas no período delimitado na pesquisa, foi preciso escolher uma a professora, que lecionou na época, pois daria mais visibilidade e credibilidade às interpretações das narrativas e das suas vivências. Levamos também em consideração a formação em nível Médio na modalidade Normal. Visto que, na década de 1970, o curso superior não era tão almejado, pois o contexto educacional atrelado à Ditadura Militar pouco contribuía para despertar nos estudantes o prazer da continuidade dos estudos, e também, não colaborava para despertar o interesse da formação continuada na maioria dos professores. Com base na Lei nº. 692/71, nesta década, a educação estava voltada aos trabalhadores e objetivava a formação de mão de obra para ocupar inúmeros postos de trabalho, e atender às necessidades do mercado à formação de um exército de reserva com um mínimo de formação profissional.

Nesse contexto educacional, o ensino estava pautado na perspectiva da formação para o trabalho, potencializa a economia do país, e não apresentava nenhuma linha de formação crítica. Aos alunos, cabia realizar atividades voltadas à formação profissional, e não havia incentivo para que desenvolvessem suas habilidades individuais mais amplas e diversificadas, e forma, assim uma grande massa manipulada pelas ordens políticas e econômicas. Com base em leituras de Libâneo, podemos ressaltar que na época o ensino profissionalizante possibilitava aos alunos terminar o segundo grau e estar habilitado para o mercado de trabalho. Porém, não propiciava a formação continuada e crítica.

Para trabalharmos com o conceito de práticas pedagógicas da professora, utilizamos as contribuições de Freire (1996), quando se refere aos saberes necessários à prática educativa como ferramenta essencial no cotidiano de professores. Tais saberes acarretam aos docentes a segurança e autoridade, que trazem em autonomia, e que se fundem para definir a competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente de tais competências.

O professor que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Freire (1996) traz requisitos que facilitam e aprimoram as práticas dos professores, partindo do princípio que o docente necessita ser pesquisador no sentido de avaliar sua atuação em sala, sua formação e a necessidade de contribuir para a melhor qualificação dos sujeitos que atendem e fazem parte do real processo de formação.

A concretização de uma pesquisa requer uma metodologia que considere, de forma significativa, a proposta do estudo. Assim, o investigador trabalha a conveniência dos métodos disponíveis, em face ao tipo de informações imprescindíveis para desempenhar os objetivos do estudo.

O processo metodológico evidenciado na pesquisa é de caráter qualitativo, pois levamos em consideração que este tipo de pesquisa interpreta questões muito particulares, preocupando-se com uma condição real, na qual procura ver e extrair tudo que pode ser utilizado para dar visibilidade ao tema em questão.

No caso da pesquisa qualitativa, busca-se a compreensão de fatores específicos em profundidade, sem a necessidade de dados estatísticos, ou regras, pois a análise ocorre de forma interpretativa e descritiva, ou seja, essa pesquisa trabalha com representatividade da intuição, da exploração e do subjetivismo. Portanto, a realidade é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante.

A pesquisa ora apresentada configura-se a partir de uma abordagem de cunho qualitativa, na qual foi priorizado o método (auto)biográfico, partindo do princípio de que esse expressa o escrito da própria vida, seus anseios e desejos e vem colocar o sujeito como avaliador do que foi vivido para narrar suas próprias experiências, tanto pessoais quanto profissionais. As narrativas de vida e de formação permitem ao sujeito se (re)conhecer e se (re)descobrir nas afinidades com os saberes práticos. O escrito enfatizou a perspectiva de investigação–formação, por evidenciar um caminhar para si, quando se busca sentido e conhecimento do real, permite ao indivíduo um mergulho investigativo e também formativo.

Para autenticar o método (auto)biográfico na pesquisa, optamos pela realização de uma pesquisa de campo, na qual tínhamos como ponto de referência as narrativas de uma professora. Decidimos pela elaboração de uma entrevista semiestruturada com perguntas pré-estabelecidas acerca das práticas pedagógicas de uma professora que atuou na escola no recorte estabelecido como sujeito da investigação, com o intuito de conhecer como se efetivavam suas práticas de sala de aula.

A professora é referenciada com o codinome de Dona Rosa por questões de ética. O nome foi escolhido em uma das entrevistas em comum acordo entre a entrevistada e a autora desta dissertação. Escolher seu nome não foi uma tarefa fácil, pois não poderia ser qualquer demoninação, precisava de um nome que tivesse algum indício de pertença com a época em que essa foi minha professora, e também que se relacionasse com o seu perfil de educadora. Era preciso uma designação que demonstrasse todo meu afeto, respeito e reconhecimento do quanto foi prazeroso ser sua aluna. Decidimos que seu codinome seria Dona Rosa, pois ROSA representa a singularidade que a professora passou para mim enquanto parte no meu processo formativo e na construção de cidadã.

A partir de suas narrativas, ressignificamos cada passo dado na busca de compreendermos a história das práticas pedagógicas exercidas no Grupo Escolar Cônego

Estevam Dantas, considero que essas práticas favorecem aos educadores uma fundamentação reflexiva, crítica e eficaz, e em suas práticas suscitar as ações, que permeiam a profissão docente da época para compreender como acontecia a formação profissional, às metodologias de coordenação no campo educacional como também relacionada à profissão docente.

A apreciação das narrativas da professora Dona Rosa foi efetivada de forma interpretativa e descritiva, trazendo à tona suas memórias na busca das compreensões e significações dos relatos representados, visualiza não só a totalidade de suas histórias de vida, mas também de sua profissionalização e trajetória de vida no Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas.

Comprovamos como as práticas da professora propiciam significados para o *lócus* da pesquisa e os sujeitos que contribuíram de forma significativa por meio da história oral. Para interpretar as narrativas, utilizamos o processo de transcrição das entrevistas, e fundamentamos com base nos autores citados no corpo do texto que tratam da temática.

Após algumas indagações e debruçamento nas leituras de Josso (2010), Passeggi e (1992) e outros autores que estudam a temática, decidimos aprofundar a escrita da pesquisa através de três conceitos: narrativas (auto)biográficas, que têm como objetivo tratar da minha história de vida e minha formação profissional e dos fatores que impulsionaram a escolha da temática. A pertença com a escola serviu como argumento para dar visibilidade e coesão ao texto, pois tive o prazer de fazer parte de alguns momentos do contexto e da vida da professora entrevistada.

O conceito da profissionalização docente, tem como fundamentação demonstrar as mudanças ocorridas durante os anos estabelecidos na pesquisa sobre a profissão dos professores, na forma de como suas práticas se diferenciam mesmo em um determinado período de transição na educação e no processo econômico, social e político do Brasil.

Embalados pelo viés dos estudos de Freire (1996), destacamos o conceito das práticas pedagógicas. Esse trouxe o exercício pedagógico da professora Dona Rosa, suas experiências e fundamentação para concretizar sua organização pedagógica docente.

Apresentar a composição deste trabalho requer situar a respeito de que a escolha da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas como *lócus* de pesquisa deu-se devido a nossa aproximação estudantil, profissional e a vivência na docência nessa instituição, inclusive pela necessidade de apontar as práticas pedagógicas como significativas proposições para colaborar com o desvelamento da história da escola. A pesquisa encontra-se estruturada em três capítulos em que cada um se divide em quatro tópicos.

Iniciamos com *Caminhos Introdutórios - O despertar investigativo acerca da relação*

pedagógica: caminhos de uma trajetória de motivação e busca para minha formação. Fazemos referência ao curso de minha vida, as vivências que despertaram o interesse de pesquisar a temática das narrativas (auto)biográficas embalada no devaneio da minha infância. Minha mente e meu coração se encheram de luz para trazer os fatos ocorridos durante o período em que fiz parte na história da escola como aluna na década de 1970.

No primeiro capítulo: *Tecendo narrativas (auto)biográficas: dar voz ao percurso de formação e transformação*, trazemos minhas histórias de vida, a relação do interesse de pesquisa com a minha existência, e os motivos que me impulsionaram ao tema. Para tanto, neste primeiro capítulo, evoco as minhas memórias individuais e coletivas para dar vida a fatos que fizeram parte dessa trajetória. Inicialmente temos: *Memórias de mim e do outro, eu, texto e contexto: ressignificando a formação*. Este item tem como finalidade dar voz a minha infância, a interação entre o espaço de vida familiar e o social como ressignificação da formação e das minhas vivências como aluna. Enfatizo também a *Adolescência: uma viagem nas asas do passado retratado na busca e na da redefinição da formação inicial*. Nesse tópico, retrato minha adolescência como um composto de contentamentos e novidades, vividos com grandes aprendizados, regada a amizades e paixões. Rememorar a minha adolescência é fazer uma viagem no tempo e recordar os bons momentos da época, um período de amadurecimento e conhecimento intelectual. Sublinhemos *O curso Magistério: reter algumas linhas de força sobre o sonho de se formar professora, os primeiros passos na profissionalização, rumo à carreira de professora*. Para elaboração desse tópico, analisamos as afinidades advindas do ser professor, o tempo e o aprendizado do trabalho, sabemos que os saberes servem de base para o ensino. Também discutimos no capítulo a *Aproximação com O Método (Auto) Biográfico: Uma Viagem Pela Memória*. Ressaltamos que essa aproximação advém de vários fatores, faço advertência ao curso de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) como princípio impulsionador para desvelar a escolha da temática.

No segundo capítulo, *Contexto histórico dos Grupos Escolares e o processo de institucionalização*, demonstramos os fatos presentes na trajetória da história da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas e realizamos análises em documentos do acervo da escola e em fotos das atividades desenvolvidas durante as décadas elencadas no recorte histórico da pesquisa. No primeiro tópico, relatamos o *Contexto Histórico-social dos Grupos Escolares e o processo de institucionalização*, destacamos o processo de implementação enquanto instituição escolar e seus primórdios. Traremos da *Biografia do Padre Cônego José Estevam Dantas: nasce nome da Escola* e relatamos o histórico do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas. Apresentamos a biografia do Padre que veio dar nome a escola e o seu processo de edificação,

atentando para o fato de ser bem conceituado nos arredores do bairro do Alto da Conceição, desde a época de escola rudimentar até se transformar em Escola Estadual. Destacamos o *Resgate das Práticas Educativas do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas: os acontecimentos que marcaram e fizeram sua história*, no qual evidenciamos as primeiras professoras que fizeram parte da equipe da instituição, bem como, fizemos um resgate das práticas pedagógicas do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas.

No terceiro capítulo, *Práticas Pedagógicas nas narrativas de uma professora do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas no período de 1970 e 1980*, fizemos um apanhado das práticas educativas para entender a relação professor-aluno, tendo em vista o processo político das décadas elencadas, as metodologias e métodos adotados para viabilização do ensino. Tornar evidente essas práticas com o intuito de entender também como se transformaram ao longo dos anos para demonstrar a evolução do processo de formação. Tratamos no tópico *A profissionalidade docente e os elementos constituintes da identidade de Dona Rosa como produto da história de vida sobre a formação e prática* sobre as reflexões críticas da formação de professores e sobre suas práticas como estratégia formativa e implica para a reconstrução da prática profissional, os recursos teórico-metodológicos que dão suporte a uma nova práxis profissional na vida dos professores. Elencamos as *Práticas Pedagógicas nas narrativas de Dona Rosa*. Fizemos um exercício de busca na memória para compreender o presente da professora do Grupo Escolar Estevam Dantas, uma análise das práticas executadas pela professora nas décadas de 1970 e 1980, atento para as teorias, que fundamentavam e davam respaldo às suas práticas a partir das narrativas das professoras sujeitos da pesquisa que foram entrevistadas, das minhas narrativas, pois sou parte do estudo, para dar visibilidade ao que está sendo discutido e destacar as práticas das professoras. No tópico *A relação professor/aluno e as metodologias adotadas: a boniteza das relações entre a professora Dona Rosa e seus discípulos*, fomentamos a identidade adquirida nos espaços de construções da maneira de ser e de estar no ofício como professor. Por isso, podemos utilizar a nomenclatura de processo identitário, destaque que diferencia o modo como cada um se sente e se diz professor. Em *A avaliação da aprendizagem e os conteúdos de ensino: com a palavra Dona Rosa*, ressaltamos as questões que envolvem o processo da avaliação como fonte de aprendizagem e que incidem sobre as ponderações em todas as esferas dos procedimentos educativo. Segundo Dona Rosa, a avaliação da aprendizagem é um processo gradual e deve fazer parte em todas as ações do trabalho pedagógico de qualquer professor.

Considerando a relevância em voltar à atenção para as práticas pedagógicas, buscamos dar um novo sentido a história das práticas pedagógicas da professora Dona Rosa exercidas no

Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, avaliando que o trabalho com a historiografia vem de encontro ao princípio de que as fontes orais são independentes, e se fazem sem necessariamente ser preciso documentos escritos e que podemos legitimá-las como um fato histórico e científico.

Neste sentido, a ausência de fontes documentais escritas nos impulsionou a executar uma escrita significativa e complexa que foi concebida com imensurável prazer, dedicação e respeito pela história da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas nas palavras da professora, que, com suas narrativas deu visibilidade e concretude à nossa pesquisa.

As vozes nas narrativas da professora contam-nos muito mais que detalhes de uma vida, revelam-nos contornos de sua respectiva de ingressar no processo de formação que serve de estímulo para o desenvolvimento de suas capacidades, ser protagonista de uma verdadeira identidade e autonomia profissional.

CAPÍTULO 1: TECENDO NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS: DAR VOZ AO PERCURSO DE FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

O fenômeno da recordação e da localização das lembranças não pode ser percebido e analisado se não forem levados em consideração os contextos sociais que servem de base para a reconstrução da memória

(Maurice Halbwachs)

O capítulo Tecendo Narrativas (auto) Biográficas: dar voz ao percurso de formação e transformação introduzo ao leitor minha história de vida⁶, Etse estruturado em quatro tópicos e tem como objetivo narrar na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica o meu processo formativo, as experiências de vida e a aproximação com o tema de estudo.

Mostramos também a relação do interesse de pesquisa atrelado a minha trajetória de vida e os motivos embricados ao tema em minhas vivências. Evoco a memória para dar vez, voz e vida aos fatos das vivências referenciadas no caminhar, em busca da formação continuada com o intuito de aprender cada dia mais e partilhar as interações com o outro, com o firme propósito de chegar ao mestrado em Educação. Focalizamos nosso objetivo de narrar na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica o meu processo formativo, as experiências de vida e a aproximação com o tema de estudo e o encontro com a profa Ana Lúcia Oliveira Aguiar⁷

Neste capítulo, retrato os caminhos trilhados em busca do encontro de mim para comigo. Apresento recortes das narrativas (auto)biográficas, quando faço uso da memória do outro para rememorar as lembranças passadas e refletir sobre alguns momentos charneiras por mim vivenciados, como a infância: um tempo feliz e ao mesmo tempo vivido com muita dificuldade no que diz respeito ao fator econômico, regada a momentos de muitas alegrias e descontrações harmoniosas nas brincadeiras infantis na rua da casa dos meus avós maternos. A infância era

⁶ O texto foi escrito em duas pessoas verbais, consideramos que o trabalho traz momentos de narrativas de experiências pessoais da autora da dissertação e, em outros momentos, construções coletivas realizadas junto com a orientadora e sujeitos da pesquisa. Desse modo, se justifica o uso da primeira pessoa do singular para marcar a opinião, a primeira pessoa do plural para representar as ideias construídas junto com a orientadora e sujeitos da pesquisa.

⁷ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, e representante da Linha de Pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente. É diretora da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN). Possui licenciatura em História, pela Universidade Federal de Pernambuco; mestrado em Sociologia, pela Universidade Federal de Pernambuco; doutorado em Sociologia, pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola.

repleta de dias felizes quando a turma de crianças se reunia na calçada para brincar de garrafão⁸, tomar banhos de rio e dormir no alpendre na casa da Fazenda de Miguel⁹.

A reflexão que fazemos da vida ao longo da nossa existência configura-se como uma reviravolta no passado em forma de passeios e deleites pela memória, pois passamos a reviver não de forma traumática, mas de modo prazeroso e com olhar diferenciado, sem culpas, sempre a refletir em consonância como o contexto. Em outras palavras, é buscar na memória fatos e acontecimentos vividos, para escrever e meditar sobre experiências, formação de sujeitos ativos e participativos, nossos projetos, sonhos, insucessos, sucessos e sensibilidades. Essas ações transformam o dia a dia do ser humano de modo geral e nos leva a buscar a (auto) transformação de si mesmo.

Embalada nessas reflexões e nas palavras de Clarice Lispector (1920-1977), quando enfatiza que, “Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada¹⁰”. Início a escrita desta dissertação para narrar as minhas vivências, conduzir e trazer à tona um passado não muito distante, mas impulsionador de um grande desejo, deixar neste espaço a minha existência, os percalços para a construção e reconstrução de mim mesma que deram início ao estudo da pesquisa, contada pelos olhos da autora.

1.1 Memória de mim e do outro, eu, texto e contexto: ressignificando a formação.

Neste tópico se encontra retradada na reflexão de Rubem Alves (1933-2014), com palavras confortantes, relatando que: Aquilo que está escrito no coração não necessita de agenda, porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno. O autor enfatiza que aquilo que faz sentido em nossa vida, não precisa de data, pois a memória guarda tudo que tem um significado e nos traz lembranças de vida existentes em tempos passados, e, ao revivermos

⁸ Riscado em terreno de areia uma enorme garrafa (10 passos de largura por 15 de comprimento). Uma vez dentro do garrafão só se pode sair pelo gargalo com os dois pés no chão de fora do garrafão. O objetivo é desafiar a habilidade do escolhido para o pega pega. (Grifo da autora).

⁹ Miguel Alves, o patriarca de uma família muito unida carismática por excelência religiosa. Na época era o único vizinho rico da rua da casa dos meus avós.

¹⁰ Clarice Lispector e Inês Pedrosa: Aproximação. De Angela Maria Rodrigues Languardia. Lisboa 2017. Publicação financiada por Fundos Nacionais através da Fundação da Ciência e Tecnologia – FCT- 2013.

tais lembranças trazem de volta um passado, que está presente habitado em nossas memórias.

“Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2013, p. 31), pois, por mais que se tenha a percepção de ter vivenciado eventos e objetos, que, somente, nós vimos, nossas lembranças permanecem coletivas e podem ser evocadas por outros.

Ressalto lembranças de momentos e fatos que fizeram sentido em algum tempo de minha vida, às vezes, prazerosas, outras tristes. que nos levam a refletir sobre o passado, sobre os percursos vividos no contexto familiar, escolar e social, a influência e os significados desses lugares. As contribuições imprimem marcas no processo de autonomização, quando esses momentos vêm à tona na memória involuntária, ao passo que só a invocamos de acordo com o momento, a partir dos sentimentos de pertença dos lugares no contexto, o que dá origem ao que na realidade interessa em um dado momento, impulsionado por um sentimento. Segundo Albuquerque Júnior (2006, p. 03):

A memória involuntária que chamaremos de reminiscência é um nível em a que a memória individual, é violentada por “choques” provenientes de signos sensíveis, e fazem chegar à consciência sensações ou imagens já vividas que aparece como rasgos e passam através desses rasgos figuras indecisas.

Tais reminiscências trazem a nosso presente fatos passados, e nos levam a refletir como nossa vida passa por fases, que são significativas em um determinado tempo, e reencontramos esse passado, entramos em conflitos, que, aos poucos, se transformam em reflexões e (auto)transformação. É preciso ter uma espécie de semente de rememoração para que todos esses conjuntos de testemunhos exteriores se transformem numa massa consistente de lembranças. Quando ocorre de não nos recordarmos do evento narrado por aqueles que, assim como nós, estiveram presentes em sua ocorrência, podemos então dizer que um elo se rompeu entre nós e o grupo do qual fazíamos parte.

O trabalho é de caráter introspectivo, sendo preciso desenvolver um clima de bem-estar alicerçado no olhar do outro, pois quando olho para mim mesma não estou a sós, o outro também deve estar presente, para dar voz e consistência ao meu relato, fazendo parte da minha história para ser contada e compreendida. Entender que preciso do outro, é saber que não ando sozinha, mas que o outro serve para elucidar e dar visibilidade e veracidade ao que está posto. Segundo Halbwachs (2013, p. 39), sobre o contexto:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

Para dar início à dissertação com a narrativa da minha história de vida, ressaltao que a presença do outro me trará condições de mover o olhar para o passado sempre no presente. Para aquecer a memória, recorro também, as belas palavras de Rubem Alves, compreendo que “o que a alma ama fica eterno”, pois bem, vamos conhecer a minha história e os motivos, que impulsionaram meu interesse pela temática da pesquisa, advindos de fatos que fizeram parte no decorrer das minhas vivências, como um todo e seguindo meu caminho, lembrados como um tempo precioso por mim vivenciado/ que transmite um pouco do meu processo de transição e de mudanças, das lembranças que eu trago na vida, que quando relembro sinto meu passado bem perto de mim outra vez.

Meu nome é Magnólia Maria Oliveira Costa, nasci em Mossoró/RN aos cinco de outubro de 1965 ao meio-dia. Minha mãe, *Maria do Socorro Araújo Oliveira*, estava na maternidade Almeida Castro¹¹ em trabalho de parto e olhava vislumbrada pela janela do pré-parto uma passeata¹² em homenagem ao prefeito eleito, em quem ela votou “Monsenhor Walfredo Dantas Gurgel¹³”.

Parafraseando mamãe, é daí que emerge meu caráter dinâmico e determinado. Sempre procurei buscar meus anseios por acreditar que o futuro pertence a quem acredita nos sonhos e nas conquistas do fazer acontecer os objetivos, na vontade de superar os obstáculos. Entendo que é preciso seguir para alcançar as metas estabelecidas por nós, cientes num constante processo de equilíbrio e desequilíbrio. É preciso ir em frente, vencer os esforços com determinação e delimitando seus espaços em consonância com os afazeres apropriados.

¹¹ A associação de Assistência e proteção à Maternidade e a Infância De Mossoró. APMIM foi instituída, por iniciativa da Sociedade civil, em 19 de abril de 1941. É uma Instituição Filantrópica sem fins lucrativos, com sede em Mossoró no Estado do Rio Grande do Norte. Mantenedora da Maternidade Almeida Castro, situada na Praça Cônego Estevão Dantas, nº 334, Centro.

¹² Segundo Aurélio. Pequeno passeio. Marcha coletiva em sinal de regozijo, reivindicação, protesto, etc.

¹³ “O padre é bom de urna”. Esta frase ficou famosa, na vida pública do sacerdote e, poeta, político e ex-governador do RN. Antes de entrar na vida pública e de ser ordenado sacerdote em Roma em 25/10/1931, ele já havia recebido o grau de doutor em Direito Canônico e colou grau em Filosofia em 1928, Teologia em 1932 na Universidade Pontifícia Gregoriana de Roma.



Foto 2: Magnólia Maria Oliveira Costa 03/03/1976
Fonte: Arquivos da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

Minha mãe, Maria do Socorro Araújo Oliveira a quem dedico todo meu amor e respeito, devo tudo que sou, desde meu caráter até ações advindas de uma formação religiosa e movida pela ética. Uma mulher virtuosa que aos 27 anos ficou “*viúva de marido vivo*”¹⁴, como costumava falar. Uma mulher de caráter inquestionável, digna, pessoa de estimável valor. Incentivava nossas brincadeiras de escolinha. Foi minha mãe minha primeira professora e dos meus irmãos, sempre atenciosa e muito rígida com relação à educação. Sua alteoridade partia do princípio da honestidade, integridade, ensinando-nos apenas a ter o que é nosso, respeitar os outros como gostaríamos de sermos respeitados.

Lembro-me, mesmo sem a formação oficial de professora, excendo função de merendeira, desempenhava o papel de educadora, fazendo seu treino com os filhos. E o mais importante, mamãe colocava os irmãos para ensinar os outros. Éramos cinco, então era difícil dar atenção a todos, por isso fazia a divisão na qual os mais velhos ensinavam aos mais novos. Sempre nos fazendo entender que estudar era um modo de mudar de vida¹⁵ e que a educação possibilita passagem para a transformação e exercer os direitos do ser cidadão.

É preciso que a educação propicie a reflexão sobre seu próprio poder em decorrência de suas capacidades. Nossa mãe nos aconselhava sobre a necessidade de estudar para ter

¹⁴ Expressão utilizada pela minha mãe para justificar a ausência do meu pai em nosso convívio. (Grifo da autora).

¹⁵ Expressão utilizada pela minha mãe para mostrar que precisávamos estudar para ter um futuro melhor do que tínhamos na época, onde ela sozinha criou os 5 filhos.

conhecimento e possibilidades, para que assim poder concretizar nossos sonhos. Hoje compreendo o que estava embricado nas suas palavras, como o poder do conhecimento atrai as possibilidades e o empoderamento do sujeito como cidadão e ser social.



Foto 3: Maria do Socorro Araújo Oliveira 03/02/2015

Fonte: Arquivo pessoal.

Minha mãe educou os filhos com base na doutrina da ética e a exemplos da minha avó, nos ensinamentos religiosos do cristianismo da Igreja Católica. Casou-se muito cedo, aos 15 anos, e logo nos primeiros anos do casamento engravidou. Desta união, nasceram sete filhos, destes, dois morreram um menino ainda recém-nascido, e uma menina aos sete anos. Logo veio a separação. Criou os filhos com muita dificuldade financeira, mas com o auxílio dos meus avós maternos. Chamávamos meu avô de pai e minha avó de mãe, a eles dedico respeito e amor. *In memoriam* Marcolino Antonio de Oliveira e Maria Araújo Oliveira.



Foto 4: Marcolino Antônio de Oliveira e Maria Araújo Oliveira. Meus avós Maternos, 1992.
Fonte: Arquivo pessoal

Meu avô, um homem calmo, alegre, tranquilo e carismático. Descendente de índio era alto, forte e sempre amoroso com os netos, também muito querido pelas pessoas com quem convivia. O carisma era sua âncora e filosofia de vida. Tratava as pessoas com igual paciência. Trabalhava como vigilante na Casa de Saúde e Maternidade Santa Luzia¹⁶. Pelo fato da profissão, era conhecido por uma boa parte da população mossoroense, também porque a cidade não tinha muitos hospitais, a população se voltava para esse local.

A minha avó era mais rígida para com os netos, conduzia a todos na linha¹⁷. Uma mulher de baixa estatura, mas também muito carismática, tinha um princípio religioso advindo de meus bisavôs. Do matrimônio nasceram cinco filhos, Maria José, Antônia Brígida (*in memoriam*), Socorro Araújo, José Fabiano e Fátima Araújo¹⁸, uma tia que me serviu de exemplo e impulsionou a minha escolha de ser historiadora.

Conduziu os filhos e os netos aos ensinamentos cristãos. Não sabia ler, pois seus pais não permitiram que ela frequentasse a escola pelo fato de ser a mais velha. No entanto, seus nove irmãos estudaram. O fato de não dominar a leitura era motivo de muita tristeza, mas sabia

¹⁶ Casa de Saúde e Maternidade de Mossoró – Órgão Público que atendia a vários municípios do Estado e região. (Grifo da autora).

¹⁷ Forma de mostrar os caminhos certos (Grifo da autora).

¹⁸ Professora Doutora, em Educação desta instituição (UERN), atuando na docência desde o ano de 1985, entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas no Departamento de História e Faculdade de Educação, no Departamento de Educação.

interpretar a Bíblia e repassava para os familiares. Com minha avó os primeiros ensinamentos religiosos. Pelo fato de ouvi-la cantar os hinos, aprendia rápido e isso lhe causava orgulho. Do meu pai não tenho recordação nenhuma, pois não tive o prazer de fazer parte do seu convívio, enquanto criança. Ele morava em outra cidade com uma segunda família. Este fato foi por muito tempo, doloroso em minha vida. Por várias vezes, chorei sozinha com desgosto e tristeza, pois as crianças da minha idade tinham pai, falavam dos seus pais com carinho e eu não tinha como falar do meu, pois nem sequer o conhecia.

Sou a terceira dos sete filhos da família. Meus irmãos, Margarida, Margarete, Manoel Júnior (*in memoriam*), Ana Magna (*in memoriam*), Mário e Marta. Advenho de uma família pobre, porém honrada e bem vista pela sociedade da localidade onde morávamos, apesar de condições financeiras humildes. Fomos presenteados com pessoas s honestas e éticas, sempre preservaram a moral e os bons costumes iniciados pelos meus avós maternos, e seguidos por todos seus, netos, noras e genros.

Continuando minha história, sou fruto de uma linhagem familiar de professores motivo que veio despertar em mim o desejo de seguir na ascendência acadêmica familiar, como referência enveredar na docência. Para Dominicé (2010), quando explícita [...] “a família é o lugar principal dessas lembranças e evocam em que os pais são objeto de memórias muito vivas”.

Com base nas palavras do autor, percebo que desde muito cedo, quando criança já aspirava à profissão de professora. A maioria dos familiares maternos é profissional da educação, que influenciou o meu desejo de enveredar no ofício da docência. Ser professora era meu ideal de vida. Ficava encantada quando assistia as professoras ministrarem suas aulas, e pensava comigo: “*quando crescer quero ser professora*”.

Na minha infância, nas brincadeiras infantis sempre predominavam as de Casinha, de fazer os Cunzinhadinhos¹⁹, Escolinha, Queimada. Tô no Poço, Garrafão e jogar Pedra²⁰. Entre as brincadeiras, predominava a Escolinha. Eu gostava quando fazia o papel da professora, posto muito disputado, todas as crianças queriam ser a professora.

Para mim era encantador, pois eu pensava que ser a professora significava ter mais

¹⁹ Era uma espécie de piquenique que as crianças faziam com o apoio das mães. Fazia-se o fogo e cozinhava pequenas quantidades de alimentos, como: arroz, macarrão. O restante era feito pela mãe que mandava para as crianças completarem o minialmoço. (Grifo meu)

²⁰ Era uma espécie de jogo composto de 12 pedras, as quais eram escolhidas pelo formato. As melhores pedras eram o bem arredondado, pois facilitava pegar no alto. O jogo acontecia assim: Eram sempre iniciadas por duas pessoas, elas jogavam as pedras para o alto com a palma das mãos e a pega na volta com o lado oposto da mão. As que caíam no chão eram pegos pela jogadora. Quem pegasse todas as pedras primeiras ganhava o jogo. (Grifo meu).

sabedoria, esse era meu pensamento infantil. Nesta década, as crianças viviam como crianças, brincavam, corriam livremente nas ruas sem nenhuma preocupação. Vale salientar que não havia perigo. E as mães estavam sempre por perto, sentadas nas calçadas.

Fascinada pela posição de estar na frente, era como se aquilo proporcionasse uma preparação para quando crescesse, como um estágio para a minha futura profissão.

No início da década de 1970, minha família mudou-se para cidade de Natal²¹, a capital do Estado do Rio Grande do Norte. Em uma das idas e vindas do meu pai, às vezes dizia, para minha mãe que ia trabalhar fora em outras cidades e até em outros estados, e passava vários meses e até anos sem voltar para casa por consequência da distância. Levou-nos para morar em Natal, quando iniciei meus estudos aos seis anos de idade, na escola convencional, pois a escola da vida e dos ensinamentos da família já dominava muitos conhecimentos. Visto que a educação começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instrui. Então nosso primeiro ensaio é no seio familiar.

Este tempo foi um martírio para nós e, mais ainda, para nossa mãe, lembro-me de poucas coisas, mas como não sou de guardar por muito tempo coisas ruins na memória esse passado não me afligiu de forma desastrosa, a ponto de trazer danos à minha saúde. Guardei as boas lembranças, entre tantas, uma das mais especiais que recordo com carinho, é da primeira escola que estudei, Escola Estadual Capitão Mor Gouveia. Outra recordação que trago comigo guardada na mente e no coração é a imagem do mar. Ficava horas esquecida, olhando-o pela janela da sala da minha casa. O reflexo e a silhueta traziam paz e harmonia. E se transformava na paz infinita, ao ponto de nada atingir esse momento prazeroso.

Quando olhava pela janela e me deparava com aquela imagem deslumbrante, era como se tudo fosse mágico, naquele momento ímpar nada importava, não existia sofrimento, era um momento inesquecível, sobrenatural, maravilhoso, sentia-me como se estivesse no céu de tão bom. Olhar o horizonte e imaginar como seria bom estar tão próximo e o privilégio de presenciar aquela plenitude. Tinha um desejo de guardar todos aqueles reflexos para mim. Naquela época, achava poderia pegar os reflexos e guardar para eles não apaguem nunca.

A minha casa estava localizada em Areia Preta, bairro da capital do Estado, na época um local humilde e pacato de pessoas pobres. A casa que morávamos ficava em um morro em frente à praia. Mas para mim era tão distante tocar o mar, pois, para chegar à praia era preciso descer o morro, chegar ao asfalto e ainda tinha um calçadão e o mar.

²¹ Natal é a capital do Estado do Rio Grande do Norte. Fundada no dia 25 de dezembro de 1599. População: estimativa do censo de 2016 é aproximadamente de 877.662.

Outro momento extasiante e encantador: eram quando o sol refletia ao entardecer uma paisagem tão esplêndida, que nunca saíram da minha mente, os raios eram dourados e reluzentes; uma imagem belíssima. Para Josso (2010, p 116)

As narrativas de vida contam itinerários ao longo dos quais os autores qualificam as suas experiências de vida classificando-as, quer em períodos felizes, quer em períodos psíquica ou fisicamente doloroso. A vida humana apresenta-se, pois, de forma ininterrupta nessa dialética do bem-estar e do sofrimento.

Os reflexos eram bem maiores nas noites de lua cheia. Encantava-me, seus raios resplandeciam por toda extensão, que minha vista podia alcançar, por isso, é custoso encontrar as palavras para descrever. É difícil contar à emoção que toma conta do meu ser e não consigo conter as lágrimas que brotam em meus olhos.

É uma sensação tão deliciosa, que só o método (auto)biográfico é capaz de proporcionar essa reviravolta no meu passado e reviver tais pérolas vividas na infância. A (auto)biografia fez-me preceber, que tenho uma história e que sou importante, e continuo sendo parte da vida e da história de alguém, a partir das experiências se formam a identidade e a subjetividade.

Souza (2004, p. 72) afirma que, a escrita de si remete o sujeito a uma dimensão de “autoescuta” de si mesmo, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e aprendizagens, que construiu ao longo da vida. O método permite um passeio no passado, não no sentido de reviver, mas na esteira da interpretação destes momentos, mesmo que, em algum tempo, tenha um significado diferenciados do contexto atual.

Os momentos de deslumbramento eram tão intensos e bons, a única forma de ver além da nossa casa e da escola. Quando moramos em Mossoró, a cidade era pacata, sem violência, onde as pessoas formavam grandes rodas nas calçadas dos vizinhos para contar história e prostrar²², enquanto as crianças brincavam e os adolescentes escutam as histórias de Trancoso²³ dos adultos. Alguns se destacam por saber estórias mirabolantes, fantasiosas e, a grande maioria tinha um caráter moral, trazia no final uma lição de vida.

Pelo fato de sair de Mossoró e morar na capital considerada como uma cidade “grande”, os cuidados de minha mãe eram redobrados, vivíamos sós, porque meu pai pouco vinha em

²² De modo popular, colocar o papo (conversar) em dia. (grifo me).

²³ Trancoso vem de Trancoso, lugar de troncos. Houve um escritor português colecionador de contos que tinha por sobrenome Trancoso. Trancoso teve uma evolução semântica e incluía contos fantásticos, fábulas. A semântica explica hoje em dia história de Trancoso é algo irreal, fábula, algo lendário. Muitos contos infantis são classificados como estórias de Trancoso.

casa. Da janela, ficava olhando as crianças brincarem. Recordo com alegria uma diversão constante, quando chovia, eu ficava na janela contando os pingos da água que caíam da chuva na calçada e na rua. Eu os batizava de “macaquinhos pulando”²⁴. Era feliz, mesmo com toda carga de tristeza, companheira da nossa vida. Contava os minutos para o prazeroso momento de chegar à janela, pois, como éramos cinco, todos queriam ver além do interior da casa. Como a janela não era tão larga, encolhíamos-nos todos para ficar os cinco e apreciar a bela vista além do interior de nossa casa, o mar.

Outro momento importante era ir à escola. Para chegar ao prédio da escola, passávamos eu e meus irmãos pelo lado de uma Delegacia, e descíamos uma escada gigantesca até chegar ao asfalto. Eu tinha um verdadeiro pavor de passar por daquele local tão assustador e frio, exalava um odor horrível de mofo.

Com o passar dos meses, o medo aterrorizante foi passando e fomos, aos poucos nos acostumando. Estar na escola, para mim significava muito, pois tinha oportunidade de ver outras pessoas, que não apenas, meus irmãos. Era delicioso aprender a ler sem recorrer ao método silábico, como costumava ler assoletrando. Queria aprender a ler corretamente.

Nos primeiros anos de escolarização já dominava a leitura. Lembro-me das raras vezes que saímos de casa de ônibus, lia todas as placas pela frente, mas o difícil era acompanhar com a vista as letras e ler corretamente, pois sempre faltava alguma palavra para confirmar a informações. Mesmo passando várias vezes pelo mesmo local, e ler os mesmos cartazes, era gratificante ler e reler aquelas palavras, que ficaram da outra vez sem serem lidas.

As coisas não iam bem para nossa família, sem a presença do meu pai, a cada dia ficava mais difícil, a situação financeira decaía dia a dia e só o salário da minha mãe como merendeira da rede pública, não dava para sustentar os cinco filhos. Tínhamos uma irmãzinha mais nova “Ana Magna”, que se encontrava muito doente e foi preciso ficar internada²⁵. Minha mãe precisava de dinheiro para chegar ao hospital e, isso cada dia ficava mais difícil o sustento dos filhos.

Para tristeza da minha mãe, não era possível ficar como acompanhante da minha irmã, o hospital só permitia uma visita por dia. Minha mãe fazia uma visita por dia, atrelado a isso tinha os outros filhos em casa e não podiam ficar sem sua companhia. Para melhor descrever a situação minha irmã faleceu e nas visitas de meu pai minha mãe engravidou e mudou nossa rotina. Uma criança estava chegando. Neste ínterim, um parente veio a Mossoró e falou para o

²⁴ Grifo da autora ao se referir à chuva que caía em forma de pingo.

²⁵ Hospital Infantil Varela Santiago, Natal- RN.

meu avô a nossa situação. Meu avô ao tomar conhecimento do quadro foi buscar a filha e os netos.

Recordo com saudade, o dia da nossa volta gloriosa para nossa cidade de origem Mossoró. Viemos em um ônibus, com toda a bagagem. Como estava lotado, eu e meu irmão nos sentamos, na frente, no piso ao lado do motorista, meu irmão veio durante a viagem de Natal à Mossoró, cantando a música de Roberto Carlos. “Debaixo dos Caracóis”²⁶. Debaixo dos Caracóis dos Seus Cabelos" é uma canção composta por Roberto Carlos/Erasmus Carlos, em 1971. A letra da canção é uma homenagem a Caetano Veloso feita por Roberto Carlos e Erasmus Carlos, ela foi composta como uma forma de ser solidário a Caetano, que encontrava-se no exílio, em Londres, para onde fora deportado em 1969 pela Ditadura Militar.

Por este motivo esta música passa a ser referência, que fez parte do meu viver durante muitos anos. Ao retomarmos a Mossoró, era preciso retomar a vida. Fomos morar na casa dos avós maternos, foram anos de extremas alegrias. Tudo era festa. A comida era farta, tínhamos lençóis, roupas novas, víamos crianças na rua a brincar. Meus avós moravam no bairro Alto da Conceição, local em que vivi muitos momentos prazerosos e estufei na Escola Estadual Cônego Estevam.

Nesta época, o vizinho dos meus avós tinha uma Fazenda²⁷, um lugar inigualável, de uma pureza indescritível, onde brincávamos à vontade e tomávamos banho em um rio que cortava a fazenda. Um riozinho brando, mas para mim, que nunca havia tido nada parecido era a coisa mais esplêndida que poderia existir, era a liberdade de poder caminhar e conhecer outros espaços.

Meu avô trabalhava na fábrica de Óleo Leodécio Neo. Nessa firma, havia casas para abrigar os funcionários que não tinham residência fixa. Meu avô morava em uma delas. Na casa tinha uma chaminé. Uma espécie de tubo ou duto pelo qual a fumaça de uma lareira, fogão ou forno sobe e escapa para o ar livre. brincávamos dentro da chaminé. Eu tinha o desejo de subir até o topo, mas o meu avô não deixava e dizia ser perigoso, pois a altitude poderia prejudicar a audição, podendo causar danos ao ouvido. Eu, muito sapeca, subia e quando meu avô chegava todos corriam. Como estava no degrau mais alto sempre era a última a descer e a única que não lograva êxito, mas era tão maravilhoso, as chineladas não tinham nenhum poder sobre mim. Logo esquecia e na primeira oportunidade, subia outra vez, mesmo sabendo que corria um serio

²⁶ Debaixo dos Caracóis dos seus cabelos: de 1971. Por trás do romantismo havia um protesto. Mesmo sem ter problemas com a ditadura militar dos anos 60 e 70 o rei “Roberto Carlos” foi genial ao compor uma música de protesto contra o regime político brasileiro da época. Desde então guardo na memória essa melodia e sempre que escuto volta a memória a que dia tão importante da minha vida. Roberto Carlos me representa nesta canção

²⁷ O dono da Fazenda tinha condições financeiras favoráveis e a nossa família se deslocava toda para a Fazenda.

risco de ficar de castigo.

Comecei a estudar em Mossoró na Escola Ambulatório José Pereira Lima²⁸. E por exigência do sistema educacional, foi preciso repetir a mesma série que já havia feito em Natal, pois aqui em Mossoró a idade não me permitia seguir na série seguinte. Nessa, estudei por dois anos. Minha mãe trabalhava como merendeira. Quando terminava o horário das aulas ficava a esperar-lá, às vezes, chegava ao fim do expediente sem concluir os afazeres. Então, eu entrava nas salas de aula para imitar minha professora tia Amélia²⁹, era alta, magra, loira e muito carinhosa. Imitava sua maneira de falar, sem deixar nenhum gesto a desejar.

No ano de 1975, passei a integrar o quadro de alunos do Grupo Escolar³⁰ Cônego Estevam Dantas. Atualmente Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, integrante do estudo da minha pesquisa, onde cursei o terceiro e o quarto ano. Nessa época, o Grupo era bem conceituado pela comunidade local, frequentado pelos estudantes da localidade, conhecida como a melhor escola do bairro, daí ser tão requisitada pelos pais das crianças do bairro e das circunvizinhanças.

Segundo Imbernón (2206, p. 102)

A escola deve deixar de ser “um lugar”, para ser uma manifestação de vida em toda sua complexidade, em toda sua rede de relações e dispositivos com uma comunidade educativa, que mostra um modo institucional de conhecer e de querer ser.

A escola como instituição se organiza para garantir a aprendizagem dos alunos e se compromete com a construção um novo vínculo pedagógico, mediante uma proposta pedagógica participativa. Sua função de socialização vai muito além da aquisição de uma cultura geral.

No terceiro ano, minha professora se chamava tia Neci e foi escolhida para fazer parte como sujeito da pesquisa. A escolha não foi aleatória, houve vários motivos, por exemplo: a forma como ela ministrava suas aulas, lembro com carinho. Comportava-se de forma amável, de voz aveludada e muito calma, conhecida como *professora de mão cheia*³¹. De baixa estatura, eu admirava seus gestos, a forma de falar, de andar, sua letra e passei a imitá-la nas brincadeiras de escolinha.

²⁸Situada na Praça Coronel Antônio Miranda, Alto da Conceição Mossoró – RN.

²⁹ Nome fictício adotado para referenciar a professora da 2ª série, por questões éticas.

³⁰ Atualmente Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, *Locus* da pesquisa.

³¹ Segundo Aurélio. Dicionário da Língua Portuguesa, significa: ótimo, excelente, perfeito. Ditado da época.

Na época, relembro que as mães queriam seus filhos como a professora “Neci”, que passou a ser conhecida no bairro, pois os alunos aprendiam com ela a serem obedientes. Lembro-me da sua autonomia, sem ser autoritária. Ensinava com amor e respeito aos educandos, e tinha um bom relacionamento com os alunos e, também, com os pais. Todos aprendiam de forma leve e descontraída, sem castigo e sem imposição. Cada um no seu tempo, de acordo com seus limites. Não havia castigo repressor para os alunos, pois a professora trazia os estudantes num clima de muita harmonia.

Freire (1996, p. 47) afirmar que: “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. A professora trazia os alunos para si, respeitando seus espaços, suas aulas eram regadas a grandes aprendizagens e novidades, tinha sempre algo inovador, leituras de histórias, chamada oral³². Na correção dos ditados de frase, os alunos eram convidados a corrigir palavras no quadro. Na época, as salas de aulas eram divididas em dois lados, o forte e fraco³³. Eu me sentava na fila dos fortes, era um privilégio.

Fazer parte na fila dos fortes possibilitou passar de ano no terceiro bimestre, fato advindo da prática da professora, apesar de calma, era muito enfática ao desempenhar seu papel de docente com autonomia e autoritarismo, conseguia que os alunos aprendessem e sentissem interesse em avançar para a fila dos fortes. Assim acontecia: quem obtinha notas acima de 7,0 avançava e servia de apoio para seguir para as séries seguintes. As professoras incentivavam os alunos a avançarem sempre. Por outro lado, os alunos gostavam de receber elogios como alunos bons³⁴.

Segundo Paulo Freire (1996, p.134):

É a segurança que se expressa na firmeza com que atua com que decide com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se. O professor que trabalha com autoridade naquilo que acredita não precisa fazer força para agradar, ele por si só se faz na sua prática diária em sala de aula.

³² A professora elencava um assunto e estabelecia os dias para os alunos estudarem em casa e em um determinado dia. A professora trazia um depósito com tampa e retiva as perguntas para os alunos responderem. Cada um respondia 10, fazia a chamada oral de modo individual com cada aluno.

³³ Era uma forma de incentivar os alunos. A fila dos fortes, como o nome já diz, era os alunos tidos como mais avançados, inteligentes, que executava as tarefas com nota acima de 8 (oito). E a fila dos fracos era os alunos atrasados, que não conseguiam acompanhar os demais.

³⁴ Alunos que tiravam boas notas e passavam de ano sem recuperação, sem deixar de ressaltar que o bom comportamento era fundamental para se atraído pelos professores. (Grifo meu).

O professor, ao enveredar nesta firmeza, dissemina amor, confiança, esperança e compromisso, desperta o amor dos seus alunos de forma natural. Sem autoridade, mas como diz Freire (1996) com “autonomia”, sem precisar intimidar o aluno e nem rebaixar, mas de compreender que cada pessoa tem seu próprio tempo, e aprender não acontece do nada, mas com apoio do outro, que tem mais conhecimento e leituras, um nível mais elevado.

Segundo Freire (1987, p. 68), [...] “não existe saber menor e nem maior. Há saberes diferente”. Significa que todos de alguma forma têm seu próprio conhecimento de mundo, de experiências vividas, das conquistas ao longo da vida, cada ser tem suas capacidades desenvolvidas de acordo com as possibilidades ofertadas.

O ano de 1976 foi imprescindível em minha vida estudantil, neste ano tive o prazer de ser aluna da Professora. Dona Rosa³⁵. Essa professora era respeitada por todos os alunos da escola. A comunidade escolar como um todo reconhecia seu talento³⁶. Dona Rosa também foi escolhida para fazer parte da pesquisa para narrar suas práticas. A escolha por essa professora, também não foi aleatória, faz parte do meu objeto de estudo as práticas pedagógicas. Ambas fizeram parte no recorte temporal afixado e delimitado na pesquisa, também, participaram do meu processo formativo no início da minha escolarização.

Esperei ansiosamente durante um ano o momento de ser aluna de Dona Rosa. Os pais colocavam os filhos desde o primeiro ano na escola para garantir a vaga sequencial e ser aluno da professora Dona Rosa. Isso aconteceu comigo, minha mãe me matriculou no terceiro ano para garantir que teria essa vaga. Na redondeza, os alunos estudavam nas escolas vizinhas e ao chegar no 4º ano se matriculavam no Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, pois era muito bem-conceituada, o que dificultava a entrada, pois as vagas eram garantidas aos alunos que já estudavam na escola.

Foi um ano de muito aprendizado e aquisição de conhecimentos, a professora além de ser competente era amável e delicada, embora sua aparência não o demonstrasse. Dona Rosa era alta, tinha cabelos curtos, usava óculos e se vestia com muita de forma adequada a sua profissão. Costumava usar saia e blusa marrom bem fechado estilo sargento, nós a chamamos de general, mas na verdade era muito amável e falava com calma.

Ministrava suas aulas com respeito e dedicação. Mesmo não permitindo conversas, sendo rígida quando necessário e quando nossas atividades não fossem executadas a contento, era muito querida. Outro motivo da escolha foi o fato de por muito tempo ter me espelhado nos

³⁵ Professora sujeito da pesquisa, escolhida por fazer parte do meu processo formativo. (Grifo da autora).

³⁶ Diziam que ela nasceu para ser professora. Que esse dom é uma dádiva. (Aqui relato o empréstimo das falas de pessoas da comunidade).

seus modos e ensinamentos nas minhas aulas, mais tarde como professora de 1º ao 4º ano ao me formar professora.

O despertar do sonho de ser professora na minha visão de criança se concretizava em casa, ajudava aos meus irmãos mais novos com as tarefas da escola, alfabetizei os dois menores, seguido à forma como Dona Rosa ministrava suas aulas. Percebi, naquele tempo, a singularidade de cada um dos meus irmãos de modo particular, pois quando ensinava meu irmão, a minha irmãzinha mais nova aprendeu a ler e a tabuada de multiplicação antes dele, só de ouvir o meu ensinamento ao irmão.

Percebi que a forma como eu ensinava era fundamental para um, mas para o outro não era propícia. E pensava comigo, como era possível a menina, que não estava lá estudando e aprendendo comigo conseguiu aprender a ler antes do que aquele que estava sempre em minha companhia. Com o passar do tempo, tenho essa compreensão.

Certo dia, sem delongas, ele leu um texto pequeno, aquilo foi muito significativo para mim como mentora (alfabetizadora), e para ele, que despertou para o mundo das letras. Foi um fator imprescindível ao meu entendimento já podia ser professora, tinha conseguido ensinar a ler a duas crianças. Compreendo a alfabetização como um processo, no qual o indivíduo assimila o aprendido, envolve também novas formas de aquisição e uso da linguagem correta.

Relembro que a professora Dona Rosa tinha um modo calmo de ministrar as aulas e os estudantes aprendiam sem sofrimento, levando em consideração a época que exigia muita rigidez dos educadores. Cada dia gostava e a respeitava mais, e isso influenciava mais na minha busca por conhecimento e lia tudo que encontrava. Eu, uma aluna estudiosa, nunca me considerei inteligente como era denominada pelos colegas mais próximos. Na verdade, gosto de estudar, desde cedo e na infância, já era amante dos livros.

Minha paixão pelos livros começou quando ainda muito criança, eu era diferente das minhas colegas, era a mais alta da classe e isso era motivo de bullying. Era bastante magra, apresentava um corpo diferente das meninas da minha idade, que já tinham o corpo em formato de mulher. Meus cabelos eram lisos e curtos, por este motivo era chamada de Maga Patalógica³⁷, e muitos outros apelidos, como: sabonete vinólia, maga, magrela e quatro olhos, esse era o que mais me incomodava, pois usava óculos com muito grau.

Um dos momentos mais felizes da época e guardo como um tesouro precioso: Dona.

³⁷ Maga Patalógica (Mágica De Spell, no original em inglês) é uma personagem fictícia do universo de Patópolis, criada por Carl Barks. É uma bruxa que constantemente tenta roubar a Moeda Número 1 de Tio Patinhas, a qual, segundo a Maga, terá uma importância vital para conduzi-la à mesma riqueza do seu proprietário.

Rosa me elogiou e disse que eu lia muito bem, fazia a pontuação da leitura. Foi de uma satisfação tão intensa, que não tenho palavras para definir. Para mim, ser elogiada pela melhor e mais competente professora era como tirar maior nota da sala, sem deixar de ressaltar, que a vaidade enaltece e alivia a alma e o ego.

Após o elogio e incentivo sobre a leitura, comecei a ler tudo que tinha ao alcance dos olhos e das mãos, a exemplo: gibi, romance lia a Revista Sabrina, leitura avançada para minha idade, literatura, gramáticas, folhetos de calendário bíblicos, até jornal atrasado utilizado na mercearia para embrulhar as mercadorias. Minha grande paixão por livros facilitava meus conhecimentos e ajudava na escrita das redações, outra paixão. Com o domínio da leitura, fazia sempre a melhor redação da sala. Isso ajudou um pouco a melhorar minha autoestima.

Todos os anos aconteciam uma espécie de Campeonato competitivo entre as escolas integradas ao bairro. A escola nesta década ainda era denominada de Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas a escola onde eu estudava era a Escola Estadual Ambulatório José Pereira Lima (A.J.P.L), situada ao lado. Em uma competição, joguei com afinco e determinação, o meu time ganhou o jogo, a escola foi classificada em primeiro lugar. E eu fiz o ponto final, que deu a vitória à escola. Isso deu um impulso à minha vida estudantil dentro do espaço escolar. Este fato culminou minha entrada no time de queimada³⁸, pois já nutria desejo de fazer parte. Não era bem aceita pelos colegas, que zoavam de mim, e eu me fechava num canto de parede.

Na hora do intervalo, enquanto todos brincavam eu não podia participar de nada, ficava olhando com os olhos cheios de desejos, mas não tinha permissão da líder, que era uma menina muito mau educada e que dominava a todos.

Apesar de todos esses empecilhos, posso classificar como o melhor ano que passei na escola. Também porque obtive aprovação. Isso me encheu de orgulho e satisfação, era como se eu estivesse dando o troco pelos anos de perseguição dos colegas de sala. Relembrar tais momentos vividos me eleva a um nível de amadurecimento, mas hoje, as interpreto de forma simples, como se aquele tempo vivido fosse necessário para a formação do meu caráter.

Hoje, compreendo, a partir de amadurecimento intelectual, que se não fosse o fato de ter sido desprezada pelos colegas, talvez não tivesse despertado o prazer pela leitura e descoberto um mundo de sonhos e imaginações, possibilita viagens a todas as partes do mundo sem sair do lugar, o que facilitava uma melhor compreensão dos fatos. Proporciona o

³⁸ Queimada é um jogo esportivo O material utilizado é uma bola de vôlei ou de borracha. O local é um terreno plano, de forma retangular, demarcado por linhas que deve ter mais ou menos 16 m de comprimento por 8 m de largura, sendo dividido em dois campos iguais, por uma linha reta e bem visível traçada no solo. O tamanho do terreno pode variar conforme o número de jogadores.

conhecimento, e de posse desse conhecimento, efetiva o poder de pensar, criticar, saber entrar e sair de situações cotidianas.

A leitura proporciona viagens fantásticas em que o viajante acaba por conhecer histórias e, muitas vezes, sentir que faz parte dela, quando se identifica com algum personagem que está atrelado ao enredo. Tornando-se uma irrefutável viagem, que não empobrece os bolsos e enriquece a alma.

Ao término do ano letivo, com a conclusão do ensino primário, era necessário sair do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, pois que só oferecia ensino de 1ª a 4ª série. Isso para mim foi um motivo de tristeza, ser obrigada a sair da escola e de alegria por ter avançado a uma etapa mais elevada.

Guardo as lembranças maravilhosas as quais vivi com intensidade e prazer, que despertaram o desejo de trabalhar a história das práticas pedagógicas de duas professoras citadas no texto e escolhidas porque fizeram parte de um momento da minha existência, em processo de formação e fortaleceu as bases para minhas escolhas.

1.2 Adolescência: uma viagem nas asas do passado retratado na busca e na da redefinição da formação inicial

Minha adolescência foi um misto de alegrias e novidades, vivi grandes aprendizados, regada a amizades e paixões. Recordar a minha adolescência é mesmo que fazer uma viagem. Há tanto para recordar, momentos de puro deleite. Para contribuir com essa fase da minha vida parafraseo José de Paiva Rebouças³⁹ (2015, p. 25):

Você é um mundo. Tive vontade de lhe dizer, mas, não vi como. Deixei cair uma barreira tão densa entre a gente que não sei mais como transpô-la. Lembro-me dos seus olhos pequenos e assustados. Olhos de quem vê a vida vinda sem freios. Sou um pouco dessa vida e não sei ser diferente.

No ano de 1980, ingressei na 5ª série, era um sonho distante para mim. Compreendia essa série como algo quase irreal, não sei bem como explicar o sentimento naquele momento.

³⁹ Aluno do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – 2016.

Mas, o que me levava a compreender isto era o fato do meu boletim ser todo azul⁴⁰. Passei a estudar na União Caixeiral⁴¹, era mais conhecida como União. Anos depois, o prédio cede lugar para a Escola Estadual Professor Solon Moura. Nesta, conclui o Ginásio, que compreendia 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries. Sempre com êxitos, não fui reprovada em nenhum ano e nem fiquei em recuperação.



Foto 5: Prédio da Escola União Caixeiral, onde funcionou a Escola E.I P Solon Moura. Ano 2000.

Fonte: Fotografias por Lívio Victorious. Coisas que vi, lugares que senti.



Foto 6: Prédio da Escola União Caixeiral, onde funcionou a Escola E. P. Solon Moura. Ano 2009.

Fonte: Fotografias por Lívio Victorious. Coisas que vi lugares que senti.

Cursar o ginásio era outra realidade. Era sair da Escola para estudar em Colégio. Isso era muito importante e se configurava como um momento de transição, de ruptura com um grau menor para um grau mais avançado. Outro ponto destacado é fato de fazer um percurso bem maior, o deslocamento do bairro do Alto da Conceição para o centro da cidade. As escolas do

⁴⁰ Um boletim azul significava que o aluno seria aprovado, ou seja, que obteve a média exigida para avançar em outro nível.

⁴¹ Em 27 de agosto de 1911, foi fundada, por Francisco Izódio de Souza, (1867-1915), a Sociedade da União Caixeiral, voltada à prestação de serviços à categoria dos comerciários mossoroenses.

bairro perto da minha residência não ofertavam a nova série. Era preciso escolher o Colégio mais próximo do bairro devido à segurança, mesmo não tendo toda essa violência de hoje, minha mãe tinha muito cuidado.

Os adultos diziam que os homens do mal raptavam as meninas, e isso era um terror para mim. A caminhada até o colégio era sempre em vigilância com medo do homem do carro preto⁴². Alguns alunos iam com os pais de moto ou de bicicleta, outros chegavam ao colégio caminhando, essa prática diária era a mais frequente. Ressalvo, também, que era um momento prazeroso o percurso, pois conversávamos, brincávamos, contávamos piadas, paqueras e saía até namoro.

Tudo isso existia com naturalidade e compromisso, sem baderna e sem vandalismo. Erámos alunos, vistos com bons olhos pelos comerciantes do centro da cidade. Ao final das aulas, quando voltávamos apressados para encontrar o comércio ainda com as portas abertas. O comércio de lojas, cinemas, o Mercado Central, Bancos e bancas de revistas. Se demorássemos, as lojas estavam fechadas e isso não era bom, pois fragiliza nosso caminhar de volta para casa. Quando cursava a 5ª série, não tinha muitos amigos, foram surgindo com o passar dos dias e da confiança com os novos colegas, passei a ser mais respeitada e isso me dava uma alegria extraordinária.

Tinha uma particularidade pela preferência do colégio: optei por um colégio no centro para evitar os mesmos alunos do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, mesmo sendo um pouco mais distante. Outra singularidade deste novo desafio: tínhamos vários professores, um para cada disciplina isso levou um tempo até eu entender, mas rápido aprendi a conviver com esta nova etapa da minha vida estudantil.

No início, essa mudança provocou o medo e a insegurança e tomava conta do meu ser: tímida tinha receio de não fazer amizade, ou, ninguém fazer amizade comigo. A escola estava situada no centro da cidade, na Praça da Redenção. Naquela época, só tinha permissão de ir ao centro quando era estritamente necessário, pois do bairro do Alto da Conceição para o Centro era muito distante. Estudava no turno vespertino, tinha que sair de casa por volta das 12h20min, para não chegar atrasada. Com o passar dos anos essa distância vai se tornando inexistente, os bairros vão estendendo suas circunvizinhanças.

Neste espaço de tempo da minha vida, plantava mamoeiros e bananeiras com meu irmão mais novo, para vender no Mercado Público, situado no bairro, para ajudar nas despesas da casa. Tínhamos um trabalho imenso de plantar e colher, e lembro que vendíamos e o apurado

⁴² Esse era o nome do homem do mal. Na época as crianças tinham medo de qualquer coisa que os adultos diziam (Grifo da autora).

era tão pouco e na maioria das vezes trocávamos nossas frutas por mistura⁴³. Cuidava da casa, ensinava aos meus irmãos, os momentos que atuava com “a professora”, me sentia realizada, estudava e vivia feliz.

Destaco um ponto interessante e divertido: certo dia ao retornar para casa, chovia bastante, o céu escureceu mais rápido. Estava com muito medo de ir para casa só, então percebi uma moça na minha frente com os cadernos e livros envoltos em uma sacola plástica. Tentava me aproximar e ela apressava o passo. Num dado momento, aconteceu um relâmpago tão grande que iluminou toda a extensão que a vista alcançou, parei aterrorizada e a moça a minha frente, também, parou e eu aproveitei para chegar mais próximo. Olhámo-nos, mas nenhuma falou e seguimos em silêncio, em certo ponto, ela desviou o caminho, entrou em uma rua oposta a minha. O tempo passou e nunca mais a vi.

Tempos depois, encontrei uma menina na sala de aula, mais tímida do que eu. Então fizemos amizade e nos tornamos grandes amigas. Depois, viemos saber, que, aquelas duas que se encontraram na chuva, éramos nós. O melhor foi descobrir, que morávamos próximos, teríamos tido companhia para ida e a volta. Passamos os quatro anos juntas e nos tornamos amigas. Nós só nos encontrávamos na escola, mas fomos descobrindo coisas comuns. Tínhamos uma boa amizade.

Durante minha adolescência, era recatada, tímida e não tinha amigos, me sentia feia, fora dos padrões da época, pois as meninas eram todas mais gordinhas e eu muito magra, todas, da minha idade já tinham o corpo em formato de moça, portanto me refugiava nos livros. Nesses momentos de solidão, estudava e meu livro preferido era o de português, sempre tive certa intimidade com a disciplina de Língua Portuguesa, por várias vezes, li o livro todo, e quando a professora passava o assunto eu já sabia, e dava as respostas antecipadamente. Nas avaliações bimestrais, tinha êxito. Para minha alegria, a professora gostava de mim, porque era estudiosa e comprometida. Isso significava muito na minha trajetória como estudante.

Ser reconhecida pelo meu esforço era excepcional, a professora falou que era uma excelente aluna. Esperava toda segunda feira para assistir as aulas dela. Lia em casa para quando me mandasse ler eu já saber até a entonação da voz, para aumentar minha autoestima, que era sempre baixa.

A escolha do tema da minha pesquisa ser voltado para as práticas das professoras vem regada a uma intimidade com a temática, pois, neste Colégio, vivi momentos de grandes

⁴³ Era uma forma popular de se referir a carne para o almoço. Como o tempo era um ano de muitas dificuldades financeiras, a carne só era para sentir o gosto, ou seja, era um pouco apenas para dar gosto a comida. (Palavras que ouvia minha avó dizer, grifo da autora).

aprendizagens e as experiências contribuíram para ser a pessoa que sou hoje. As disciplinas coorobaram com minha formação pessoal e a identificação da minha escolha pela profissão de professora. Cada uma tinha suas especificidades. Com o passar do tempo, fui vencendo a timidez e aos poucos me entrosando com as pessoas do Cólegio.

Na sexta série, tinha mais aproximação com as pessoas e estava aprendendo a cada dia ser mais sociável. Na sala de aula, era uma espécie de auxiliar dos professores, sempre que precisava de algo, eu estava pronta para atender, pegava água, material pedagógico, recebia e entregava trabalhos e provas e nas feiras de ciências, distribuía tarefas. Isso permitiu um entrosamento maior com todos os professores. Mas, sempre tem aquele professor com quem nos identificamos com maior profundidade. Identifiquei-me com a professora de português, e já sabia o que queria ser quando crescesse “professora de português”.

Trago Ziraldo (2003, p. 7) para ilustrar as professoras no pensamento das crianças, quando retrata a professora idealizada pelo aluno como um ser dotado de magia:

Era uma vez uma professora maluquinha. Na nossa imaginação ela voava pela sala (como um anjo) e tinha estrelas no lugar do olhar. Tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação). Seu riso era solto como um passarinhão. Ela era uma professora inimaginável. Para os meninos era uma artista de cinema. Para as meninas, a Fada Madrinha. [...] uma professora inesquecível.

É preciso que a relação professora aluno seja baseada no encantamento, na confiança, no deslumbrar dos alunos. Deve existir reciprocidade, visto que é importante para qualquer estudante, independentemente de sua idade ou seu grau de formação, estabelecer um bom envolvimento com o educador. Se professores e alunos mantêm um bom relacionamento em sala de aula, o aprendizado se torna mais eficiente e passa a existir um maior engajamento de ambas as partes.

A 7ª série era vista como a mais difícil do ginásio, a maioria dos alunos reprovava, eu tremia só de imaginar ser reprovada. De início, identifiquei-me com a professora de História, deixei um pouco de lado o Português e me dediquei a História. Achava deslumbrante estudar essa matéria, tudo fascinava, e passei a ler mais sobre a História. Lia e questionava os fatos, que levaram a implementação de medidas e de outros questionamentos. Gostava de participar das aulas com perguntas e inquietações, e isso proporcionava um entendimento com a professora.

Trago na memória a imagem da professora de História Prof.^a Alda (*in memoriam*), em

um determinado momento, houve um indicativo de greve da classe dos trabalhadores em educação. A professora ministrou uma aula sobre a temática e foi o suficiente para me apaixonar pela matéria de História, fiquei vislumbrada com sua explicação, compreendi aquele momento político, como um espaço de luta e empoderamento das reivindicações. E sonhava ser como ela, quando estivesse na minha sala de aula. Pensava comigo, como era possível alguém dominar tanto um conteúdo a ponto de despertar nos alunos o interesse por determinada matéria. A maneira como repassava o conteúdo era simples, mas chamava a atenção de todos e nenhum aluno queria perder sua aula.

Sua autonomia despertava cada vez mais o prazer de assistir suas aulas, contava os dias para chegar a terça feira, sua aula era nos dois últimos horários. As aulas eram regadas ao envolvimento de todos, os alunos se interessavam, discutiam e opinavam sobre a temática, nas aulas, sempre existiam debates. Nóvoa (2006, p. 17) ressalta que:

O processo indenitário passa pela capacidade de exercemos com autonomia nossa atividade, pelo sentimento que controlamos o nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino.

O autor enfatiza que é impossível separar o profissional do pessoal, os professores trazem juntos aos conhecimentos individuais suas identidades, seu modo de ser atrelado às suas histórias de vida, a maneira de ser com a maneira de ensinar, o que dá origem às suas práticas e reflexões, no sentido de melhorar as metodologias. Partindo deste processo metodológico da professora, consegue aprender mais sobre a História, tanto que obtive as melhores notas nessa matéria, a cada dia era uma descoberta nova na minha vida e a felicidade emerge de forma natural. A professora, impulsionou minha decisão ainda que naquela época pela História

Na oitava série⁴⁴, comecei a despertar para a paquera, neste ano, entrou um novato na sala, era um jovem que se vestia diferente dos outros, muito arrumado, chegou por volta do mês de maio e tinha um sotaque bonito, vinha de Minas Gerais, era bem mais velho que os garotos com quem costumávamos conviver. As garotas queriam estar perto dele, fizemos amizade e não entendíamos porque ele estava na nossa turma, pois a turma “A” era dos alunos mais novos e a “B” dos mais velhos. As garotas da turma “B” queriam levá-lo. Elas foram instigadas a fazer uma aposta para ver quem conseguia namorar o rapaz. Eu ganhei a aposta.

Nesta série, começo a despertar interesse por Matemática, sempre muito acelerada, e

⁴⁴ A 8º série compreende hoje ao 9º ano.

buscando algo de novo, me identifico como o “Professor Amorim”. A Matemática era vista como um bicho papão para muitos alunos e isso fazia parte dos meus questionamentos, queria saber porque todos temiam essa matéria, visto que na Educação Básica é preciso tornar os alunos pessoas capazes de enfrentar situações e contextos variados, que vão despertar os novos conhecimentos e habilidades. Para Pozo (1998, p. 9), os alunos que aprendem a aprender terão mais possibilidade de se adaptarem às mudanças culturais e tecnológicas e conseguem se integrar no mundo com suas transformações.

Pozo (1998, p.43) enfatizar que a Matemática precisa ser entendida para poder ser apreciada:

A matemática e a solução de problemas matemáticos têm envolvido determinadas capacidades intelectuais. Um aluno podia ser aprovado em História simplesmente “estudando” (ou seja, “memorizando de forma mecânica”), mas para ser aprovado em matemática era necessário “entendê-la”.

O autor quer dizer que uma pessoa que compreende a Matemática tem mais possibilidades de aprender, pois seu raciocínio lógico existe de maneira adequada para a solução de um determinado problema, e entender os procedimentos matemáticos contribuem para desenvolver e exercitar a capacidade de raciocínio, no exercício diário do nosso cotidiano. A Matemática faz parte de nossa vida em todos os sentidos.

Quando um aluno se identifica com um professor e o toma como exemplo, desperta o prazer pela disciplina, passando a ser visto pelo aluno como um formador de opinião, aquele que não só transfere o conhecimento com autonomia, aluno e professor aprendem juntos.

Freire (1996, p. 23) afirma:

Não existe docência sem deiscência, as duas se explicam e seus sujeitos ao ensinar apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

O professor comprometido com os alunos entende que seu papel vai além de um transferidor de conhecimentos e contribui para a formação do sujeito, e aprendem o professor e aluno. O Colégio União possibilitava o ingresso dos alunos em atividades relacionadas ao desenvolvimento intelectual e pessoal do educando. Participei de algumas ações promovidas

pela escola, tais como: Feiras de Ciências⁴⁵ era um espaço de muita aprendizagem, o aluno era instigado a produzir a partir de um tema escolhido pela equipe encarregada da organização.

Os professores se engajavam neste processo interdisciplinar, pois cada turma ficava responsável por uma temática e os alunos desenvolviam de acordo com seu potencial. A Marcha Cívica era um componente obrigatório e os alunos desfilavam no dia dedicado à Pátria Sete de setembro. Os alunos se apresentavam de farda e, no dia 30 de setembro com fantasias de acordo com a temática escolhida para todas as escolas. Era premiada a que apresentasse a alegoria mais bonita e que estivesse de acordo com a temática.

A parada cívica era um momento importante. Os alunos porta-bandeiras saíam nas ruas da cidade levando a bandeira da Escola, Estado e do Município de Mossoró. Ser escolhida como porta Bandeira ou, o suporte do porta-bandeira⁴⁶ era simplesmente esplêndido. A escolha dos alunos dependia de uma seleção, na qual o pré-requisito era a participação e comportamento e boas notas. Ser escolhida para mim foi arrebatador. Fiquei tão feliz naquele dia que quero compartilhar.



Foto 7: Magnólia Maria Oliveira Costa. 07 de setembro de 1980.

Fonte: Arquivo pessoal.

Para ilustrar essa fase, já era mocinha, devia tomar rumo, era tempo de procurar me engajar em uma profissão para contribuir com as despesas da casa. Fiz curso de manicure e comecei a trabalhar em casa aos sábados e domingos. Era muito gratificante ter meu dinheiro,

⁴⁵ Eram trabalho de cunho científicos que os alunos apresentavam a comunidade escolar.

⁴⁶ Esta vinha atrás do porta-bandeira oficial.

e com o passar do tempo aprimorei e a clientela aumentou.

Na época, tinha clientes fiéis, que vinham de outros bairros. A situação financeira aos poucos se ajustava. Uma das irmãs casou e tinha sua própria casa. A irmã mais velha foi apadrinhada por um vizinho citado no início do capítulo. Nesse tempo, estavam em casa meus dois irmãos mais novos e minha mãe e eu.

Chega o momento de avançar para outro nível, o 2º grau, um grande orgulho para mim, era mais adiantado do que minha irmã mais velha, enquanto estava indo para o para o 2º grau ela estava nas primeiras séries do 1º ginásio. Cursar o Ensino Médio era um sonho, imaginando como seria estudar a última etapa e cursar uma faculdade, mesmo sabendo as dificuldades que existiam na época. Tinha meus sonhos e nada iria impedir de alcançá-los, tentaria até que se esgotasse a última esperança.

De acordo como o sistema educacional vigente na época, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, ao estudante era propiciado o científico e o profissionalizante.

Seção IV Do Ensino Médio.

Art.35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos terá como finalidade.

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a nova condição de ocupação ou aperfeiçoamento posterior;

III- o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual do pensamento crítico.

De início, os estudantes cursavam o primeiro ano científico e, no segundo ano, optavam por continuar no científico ou fazer um curso profissionalizante, que possibilitava exercer uma profissão. Os colégios públicos ofertavam o primeiro ano científico, nem todos tinham o profissionalizante.

Cursei o primeiro ano no Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana (CIPEV)⁴⁷. Ao término do ano, teríamos que escolher a modalidade, que queríamos seguir (científico ou profissionalizante), entre alguns fatores, destaco a minha preferência de criança e a situação financeira, portanto, optei por cursar o Magistério. O estudante que pretendia fazer faculdade para seguir carreira optava pelo científico e dava preferência aos colégios privados, e aos cursinhos preparatórios para o vestibular.

⁴⁷ Atualmente Escola Estadual Professor Eliseu Viana.

1.3 Curso Magistério: reter algumas linhas de força sobre o sonho de se formar professora e a efetivação, os primeiros passos na profissionalização rumo à carreira de professora.

O objetivo deste tópico é estudar as relações advindas do ser professor, o tempo e o aprendizado do trabalho, pois os saberes servem de base para o ensino. O professor é um sujeito existencial (TARDIF, 2008 p. 103)

Josso (2010, p. 63) contribui ao afirmar:

As experiências de vida de um indivíduo são formadoras na medida em que, a priori ou posteriori, é possível explicitar o que foi aprendido (iniciar, integrar, subordinar), em termos de capacidade, de saber-fazer, de saber pensar e de saber situar-se.

Narro o percurso em busca da minha profissão. Cursar o Magistério era um sonho, tinha convicção que queria ser professora. No ano de 1981, iniciei o segundo grau⁴⁸, como era conhecido segundo a Lei Nº 5.692.71. Neste momento político educacional, o ensino era especificado em: Profissionalizante e Científico. Por determinação da lei, o aluno era obrigatório cursar o primeiro ano do científico.

No segundo ano, era facultado o direito de escolher o curso, portanto o aluno precisava fazer opção, ou fazia uma modalidade profissional e, quando terminava e estava habilitado para atuar na profissão escolhida. O aluno estudava as matérias voltadas para área.

O aluno poderia ingressar no Científico, voltado para estudo mais intenso, estudava as disciplinas preparatórias para o vestibular. Esse curso era mais acessível aos estudantes que tinham condições financeiras para pagar um colégio privado. O profissionalizante dava o direito de o aluno ingressar na profissão⁴⁹ e se ajustava aos alunos pobres, (grifo da autora). Brejon (1993, p. 253) afirma:

Art. 1º⁵⁰ - O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, prepara para o trabalho consciente da cidadania.

§ 1º - Para efeito do que dispõe os artigos. 176 e 178 da Constituição entende-

⁴⁸ Por determinação da Lei Nº 5.692/71 Segundo grau. Atualmente de acordo com a Lei Nº. 9.394/96.

⁴⁹ Capítulo I do Ensino de 1º e 2º graus. Artigo 1º- Os Arts. 1º, 4º, 5º, 6º, 8º, 12º, 16, 22, 30 e 76 da Lei nº 5.692, de agosto de 1971.

⁵⁰ LEI Nº 7.044, de 18/10/1982- Altera dispositivo da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referente á profissionalização do ensino de 2º grau.

se por ensino primário a educação correspondente ao ensino de 1º grau e, por médio, de 2º grau.

§ 2º - O ensino de 1º e 2º graus serem na língua nacional

O Científico não era para pobres, mas para pessoas de classe média e alta, para quem pretendiam ingressar em cursos de elite, como Direito, Medicina, entre outros. E tinha um agravante à questão da elitização do ensino. Em linhas gerais, este curso possibilitava a entrada dos estudantes com maior poder aquisitivo. Os cursinhos preparatórios para o vestibular e nas escolas particulares tinham bons melhores professores, pois estes se organizavam para que os alunos fossem aprovados, facilitando o acesso ao vestibular aos alunos que estudavam nesses espaços.

Como nutria desde muito cedo o desejo de ser professora, optei pelo ao Magistério⁵¹. Brejon (1993, p, 260) enfatiza que:

O Capítulo V, Dos professores e especialistas.

Art. 29- A formação de professores e especialistas para o ensino de 1º e 2º graus será feita em níveis que se eleva, progressivamente, ajustando-se às diferenças culturais de cada região do País, e com orientação que atenda aos objetivos específicos de cada grau, às características das disciplinas, áreas de estudos ou atividades e às fases de desenvolvimento dos educandos.

A Escola Normal de Mossoró-RN foi inaugurada em 02/03/1922, a segunda do Estado, criada pelo Decreto Nº165, de 19/01/1922, destinada à formação do professorado primário. O seu primeiro diretor foi o Bacharel Eliseu Viana e, em 01/05/1922, fundou a Associação de Normalistas, que teve como primeiro presidente Aduino Miranda. Essa escola servia para formar professores primários e dar suporte à demanda de educação, pois as escolas estavam passando por mudanças nas suas nomenclaturas e precisava de mais professores.

A criação das escolas normais foi importante para o desenvolvimento do ensino no estado, com o crescimento dos grupos escolares tornava-se urgente à formação de professores para atenderem a demanda, principalmente no interior do Estado. O Curso Normal compreendia sete anos, incluindo o curso secundário que começou a funcionar em 1939.

A Escola Normal de Mossoró foi equiparada à de Natal, pelo Decreto Nº 694, de 16/07/1934. De acordo com a informação constante no documento de Vingt et un. Rosado, edição de 1940, a Escola havia formado 145 professores primários.

⁵¹ Art. 30 Exigir-se-á como formação mínima para o exercício: no ensino de 1º grau, da 1ª à 4ª séries, habilitação específica de 2º grau.



Foto 8: Escola Normal de Mossoró-RN. 1924.

Fonte: <http://jotamaria-normaldemossoro.blogspot.com.br/>

No ano de 1959, foi inaugurado na cidade o Instituto de Educação de Mossoró, (IEM) começou a funcionar no Centro Educacional de Formação do Magistério Primário de Mossoró, o Grupo Escolar Modelo 30 de Setembro, CERN, formando assim o Instituto de Educação de Mossoró. Posterior, no Governo Aluísio Alves passou a ser denominado Colégio Estadual de Mossoró e hospedava a Escola Normal de Mossoró. Neste espaço, funcionava, também, o Jardim de Infância Modelo.

O Magistério era ministrado no Centro Educacional Jerônimo Rosado⁵² no turno vespertino, voltado somente para mulheres. As alunas eram chamadas de Normalistas, sempre respeitadas por serem futuras professoras. Desde o primeiro dia de aula, identifiquei-me com o curso, os ensinamentos se voltavam para o ensino Primário⁵³, compreendido de 1ª a 4ª série. As escolas Normais tinham como objetivo formar o profissional de educação para atuar nas séries iniciais. Como Nóvoa afirma, formava professor para a difusão e transmissão de conhecimentos.

⁵² Centro de Formação do Magistério Primário de Mossoró. O projeto arquitetônico do Instituto de Educação foi de autoria do arquiteto Moacir Gomes da Costa, Natural de Caicó (07/06/1927).

⁵³ A professora primária era permitida apenas o ensino de 1ª a 4ª série.



Foto 9: Escola Estadual Jerônimo Rosado Ano de 1959

Fonte: Arquivo <http://blogdoborjao.blogspot.com.br/2011/08/sua-cidade>.

Nóvoa (1992, p.16) sobre as escolas normais, afirma:

As escolas normais são instituições criadas pelo Estado para controlar um corpo profissional, que conquista sua importância acrescida no quadro dos projetos de escolarização de massas, mas também em espaço de afirmação profissional, onde emerge um espírito de corpo solidário. As escolas normais legitimam um saber produzido no exterior da profissão docente, que veicula uma concepção dos professores centrada na difusão e na transmissão de conhecimentos, mas é também um lugar de reflexão sobre as práticas, o que permite vislumbrar uma perspectiva dos professores como profissionais produtores de saber e de saber-fazer.

A profa. Delmira Maria Rodrigues Freire da Costa ministrava aulas de Língua Portuguesa. Lembro-me como prazer das suas aulas, pois essas despertaram meu desejo de aprofundar os conhecimentos em Língua Português. A forma de sua oratória, na leitura, era magnífica, lia com uma plenitude tão intensa, que executava a leitura, era como se entrássemos na história do livro como personagens.

O curso proporcionava muitos deleites, de modo especial quando era necessário apresentar os trabalhos. Era gratificante, professoras e as alunas aprendiam juntas. Outro fator que despertava meu prazer era a farda, que me fascinava. A farda era composta de uma saia de pregas fundas azul, uma blusa branca de mangas curtas, sapatos pretos de verniz de salto baixo e meias brancas. Existia rigorosidade da coordenação, quanto ao uso completo do fardamento. O uso diário era obrigatório, as normalistas deveriam estar com as fardas completas e impecáveis. Havia uma regra estipulada, só era permitida a entrada das alunas na sala de aula

se estivessem dentro das normas estabelecidas pela instituição.

As saias eram supervisionadas pela inspetora⁵⁴, que ficava no início da rampa e inspecionava as alunas uma por uma e quem não estivessem com o fardamento completo não entrava na escola. Éramos vistoriadas da blusa ao sapato. A aluna que estivesse com a saia mau passada com as pregas desalinhadas recebia uma advertência e não assistia aula e, em alguns casos, ia para a sala da direção, isso para mim era um terror.

Uma advertência na sala da diretora era motivo de vergonha e desorganização. Ninguém queria passar por aquela situação. Eu tremia só de pensar em ser advertida e também não poderia manchar minha imagem e correr o risco de ser taxada como indisciplinada. Para prevenir de ser chamada a atenção, todos os dias, ao chegar da aula, alinhavam as pregas da saia e colocava embaixo do colchão da cama. O mais interessante é que essa rotina não era uma tarefa árdua e, mas prazerosa, parte da continuação da rotina, o dever de aluna.

Outro ponto que destaco é o desfile cívico, pelo fato de despertar um encanto, as Normalistas eram obrigadas a desfilar no dia sete de setembro, dia da Independência do Brasil e 30 de setembro Libertação dos escravos. As alunas que desfilavam ganhavam pontos nas disciplinas, que estivesse com notas baixas e dia no mês de setembro.



Foto 10: Magnólia Maria Oliveira Costa - Cortejo do dia 7 de setembro.
Fonte: Arquivo pessoal. 1984

O Curso Magistério estava estruturado em Disciplinas e Estágios. Tinha duração de dois anos. As disciplinas preparavam as alunas para atuar em sala. As disciplinas ministradas: Literatura Infantil; História e Filosofia da educação; Sociologia da Educação; Psicologia da

⁵⁴ A supervisora ficava no início da rampa, para averiguar se o fardamento estava completo (grifo meu).

Educação; Biologia Educacional; Estrutura e Funcionamento do 1º Grau; Estatística; Didática Geral; Jogos e Recreação; Metodologia Comum e Expressão; Metodologia das Ciências; Metodologia da Matemática; Metodologia dos Estudos Sociais; Prática de Ensino⁵⁵.

A imagem demonstra o carinho e o zelo pelo Magistério, proporcionou uma trajetória de professora. Guardo este documento até hoje, e ao pegar para postar me reporto a um passado lindo vivido, recorro cada ação com carinho, é impossível conter a emoção de interpretar esse passado como um momento ímpar.

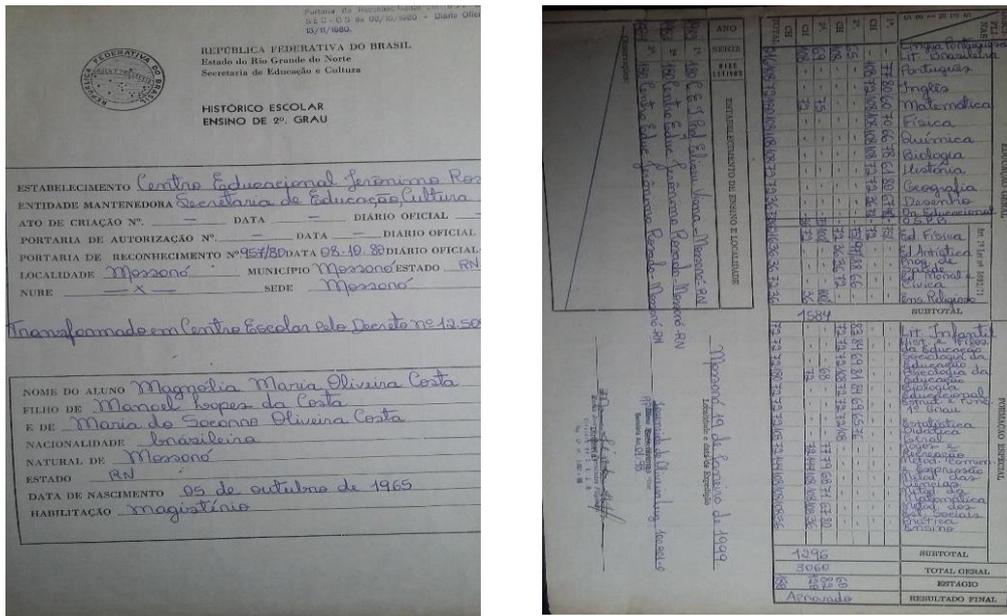


Foto 11: Histórico escolar do 1º e 2º grau. Ano de 1999.
Fonte: Arquivo pessoal

O segundo ano do curso era composto de disciplinas e estágio. O estágio era a etapa necessária para conclusão. Vamos tecer algumas considerações acerca do estágio como componente curricular essencial à formação do professor.

Pimenta e Lima (2008, p. 113) sobre ensinar e aprender a profissão docente afirmam:

O estágio traduz as características do projeto político pedagógico do curso, de seus objetivos, interesses e preocupações formativas, e traz a marca do tempo histórico e das tendências pedagógicas adotadas pelo grupo de docentes formadores e das relações organizacionais do espaço acadêmico a que está vinculado. Traduz ainda a marca do (s) professor (es) que orienta (m), dos conceitos e práticas por ele (s) adotado (s).

⁵⁵ A prática de Ensino se configurava como Estágio Supervisionado

O estágio agregou valores fundamentais à minha formação. Um momento ímpar e significativo, ao término a aluna estava preparada para atuar como professora, apta para ministrar aulas. Esta fase foi fundamental, pois descobri que nasci com o dom de ser professora. Era a realização de um sonho acalentado desde a infância. O estágio era dividido em duas etapas. A primeira é a fase de observação e a segunda o momento da participação em sala de aula, da docência. Destaco que a fase de ministrar aulas me indetifica com a pertença da pesquisa. Escolhi estagiar na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, na sala da profa Neci, a mesma que foi minha “tia Neci” na terceira série.

Pimenta e Gonçalves (2008, p, 44) consideram como finalidade do estágio:

É propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso. [...] uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade.

Podemos compreender o estágio como forma de aproximação com campo de atuação que possibilita à apropriação e autonomia de práticas, entrelaçada com a teoria viabiliza as reflexões incorporadas no processo de consciência das implicações sociais da atividade de ensinar. Na fase de observação, passava um filme na minha mente, a lembrança doce do tempo, em que eu era aluna, sentia um enorme prazer de ouvi-la falar para a turma que eu havia sido uma aluna bem-comportada e inteligente.

A segunda fase do estágio é voltada para a participação/docência. Configura-se como um choque para muitas alunas, que não tinham como objetivo real a docência. Esse componente definia quem realmente tinha capacidade e dom para ensinar. Muitas alunas desistiam nesta fase, entravam em crise de identidade e descobriam que não era a profissão que pretendiam seguir.

Na fase da docência, estagiei com a professora Neci. A colaboração da professora ajudou bastante, com dicas e orientações, um momento maravilhoso nesse tempo aprendi muito, sua prática continuava excelente, era calma, não gritava em sala de aula. Impunha regras nos alunos apenas com o olhar. Falava com calma, sua experiência possibilitava um bom entrosamento com a turma, com tranquilidade, demonstrava carinho pelos alunos e amor pela profissão. Concluir o estágio não era uma tarefa fácil, algumas reprovaram e não concluíram o curso. Após as etapas do estágio, era chegado o grande momento, o auge, a colação de grau.

A colação aconteceu em dezembro: com muita alegria conclui o Magistério. No encerramento do curso, houve apenas os atos formais de uma conclusão de curso, não tivemos

festa. Estava de repouso, pois fazia um mês que minha filha havia nascido, ainda me recuperando e aprendendo a viver a maternidade, mas não podia deixar de viver este momento tão esperado. Era tão importante quanto à formatura de nível superior. A foto abaixo retrata da formatura, o momento da entrada para receber o diploma de professora, meu maior orgulho.



Foto 12: Magnólia Maria Oliveira Costa. Prof.^a Valdete. Formatura. 1984.

Fonte: Arquivo pessoal.

A formatura outorgava o título de professora de 1º ao 4º ano. No meio tempo, entre a colação de grau e a maternidade estudava para um concurso público. A secretaria de Educação do estado do rio Grande do Norte lançou edital para professor dos anos iniciais, as provas seriam no mês de janeiro do ano de 1985. Em meados do mês de outubro do mesmo ano, começam as divulgações do edital para o concurso público da rede Estadual de ensino, para professor polivalente⁵⁶, essa era a nomenclatura dada aos professores que terminavam o curso Magistério e estavam aptos a ingressar na docência nos anos iniciais.

No ano de 1984, nasceu minha primeira filha, Indira Morgana, o segundo nome foi em homenagem à professora Delmira sua filha se chama Morgana e, por um pedido da professora coloquei o nome na minha filha. Essa criança linda era a razão maior do meu viver, jóia de inestimável valor. Uma criança doce, meiga, calma e carismática.

⁵⁶ Era a nomenclatura de professores de ensino fundamental, que ministrava todas as disciplinas, por isso o nome polivalente.



Foto 13: Indira Morgana Oliveira Marinho 04/11/1985
Fonte: Arquivo pessoal.

Conseguí aprovação, a nomeação aconteceu em 13/03/1985. Recebi o encaminhamento para uma escola no Município de Grossos⁵⁷, pelo de fato estar amamentando, procurei recursos para trabalhar em Mossoró no Núcleo Regional de Educação (NURE), após muitas perguntas e indagações enviaram-me a uma escola em Mossoró.

A Escola Estadual Professor José Nogueira da Costa, localizada na periferia, no Bairro Santo Antônio. Na época distante e de difícil acesso. Para chegar à escola, era preciso atravessar um riacho que dividia a rua ao meio, um esgoto a céu aberto⁵⁸.

O entorno da escola era complicado, para atravessar o riacho que, na verdade, era o canal aberto, batizado pela localidade como o canal do Hotel Thermas⁵⁹. A população do bairro era acometida por manchas espalhadas pelo corpo, proveniente de impurezas das águas deste canal.

Eu trabalhava no turno intermediário⁶⁰. Um período difícil, com uma bebezinha que mamava e quase não tinha tempo de estarmos juntas. Com ajuda da minha mãe superei, iniciei

⁵⁷ Grossos é um município do Estado do Rio Grande do Norte, localizado na microrregião de Mossoró.

⁵⁸ O esgoto era conhecido como o esgoto do Hotel Thermas, os moradores da localidade diziam que as águas das piscinas do hotel e os esgotos desaguavam neste local.

⁵⁹ O Hotel Thermas de Mossoró foi inaugurado em 12 de janeiro de 1979, com o projeto do Governo do Estado de interiorizar o turismo aproveitando as potencialidades das águas termais, além da oportunidade de servir como melhor referência em hotelaria.

⁶⁰ Um horário de aula que compreendia de 11:30 às 14:30. Foi abolido pelas escolas. (Grifo da autora)

a jornada de prof^a em uma turma de 4º, essa turma era multiseriada, a idade dos alunos variava entre 9 a 14 anos. A foto retrata a minha primeira experiência como professora efetiva em uma apresentação da Páscoa pelos alunos dos dois 4º anos, a minha turma e a da profa Edna.



Foto 14: Magnólia Maria Oliveira Costa. Uma amiga professora, ao meu lado dos alunos. 1985. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Professor José Nogueira da Costa.

No ano seguinte, com muito esforço consigo a remoção para uma escola mais perto da minha residência. Estar empregada e ganhando dinheiro aos dezenove anos era muito prazeroso e uma situação confortável. Ser professora encantava-me, na época achava que isso bastava por isso estacionei os estudos. A época não incentivava a formação continuada dos profissionais da educação.

Era preciso aperfeiçoar a prática em sala de aula com os próprios recursos, estudava para planejar as aulas, pesquisava em livros, para mudar a cada dia e seguir sempre acompanhado o cotidiano dos alunos, partindo do princípio, que o aluno está em meio às transformações e os professores precisam acompanhar os avanços da globalização.

Eu entendia que tinha muito: casada com uma filha e estatutária. Tudo estava ótimo. Esse era meu pensamento daquela etapa da vida. Só precisava trabalhar e cuidar da profissionalização. Atuei em algumas escolas, e em cada uma, deixei o melhor de mim, fazendo minha carreira imitando as professoras dos anos como estudantes. Segundo Tardif (2008, p. 28):

O saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito é realizar um objetivo qualquer. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola.

O autor enfatiza que os saberes de um professor fazem parte da sua realidade social. É notório, que se formam através da materialização, de programas e de práticas coletivas, pois esses saberes são plurais e temporais, visto que são adquiridos no contexto da história de vida individual de cada professor de forma bem particular, advindos dos espaços de formação.

Ainda segundo o autor, o saber dos professores não provém de uma única fonte, mas de vários e diferentes momentos da história da vida e da carreira profissional. Não existe receita e nem formulário único para se aprender a ser professor, visto que, começamos a fazer parte deste processo de sala de aula desde a infância e aprendemos a profissão imitando os nossos professores.

Ao longo dos anos, minha prática vai adquirindo minha personalidade, atrelado às mudanças vem à identificação com a profissão, a cada ano, a cada turma nova, a cada aluno que passava por mim, eu aprendia e transformava minha vida profissional. Ser professora para mim é estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça meios para o fazer pedagógico autônomo. A formação de professores é concebida como um dos componentes de mudança educacional, que depende também da transformação das práticas em sala de aula. Trabalhei em várias escolas.

Destaco uma breve seleção das escolas que foram fundamentais para a minha formação inicial e continuada, que instigaram a pesquisa, e um destaque especial para uma que é parte do meu estudo. Ano de 1985 – Escola Estadual José Nogueira da Costa, 1986- Escola Chapeuzinho Vermelho, 1988 – Instituto Pequeno Príncipe⁶¹, 1990 - Instituto Gurilândia⁶², 1993 – Instituto Disneylândia, 1995 – Escola Estadual professor Hermógenes Nogueira da Costa, 1996 – Escola Estadual Aleixo Rosa, 1997 – Escola Estadual Jerônimo Vingt Rosado. 2009 – Escola Estadual Cônego Estevam Dantas. Passei anos esperando surgir vaga no Estevam Dantas, não surgia, pois, a equipe permanece a mesma até que os profissionais se aposentem. Isso dificultou minha entrada na escola, mas continuava minha espera.

⁶¹ Atualmente Colégio Pequeno Príncipe

⁶² Atual Unidade de Educação Infantil Parque das Rosas

Faço menção a Escola Vingt Rosado, porque, na época em que fazia Pedagogia, estava lotada nessa escola e ministrava aulas na 4ª série, a sala de aula se tornou meu laboratório de Estágio durante os anos de faculdade. A escola funcionava em uma casa alugada, e com o passar dos anos, sua estrutura física ficou muito deteriorada, comprometida e resultava em perigo para os alunos e toda equipe. Nessa escola, eu junto com a equipe desenvolvíamos projetos, aulas diferenciadas que incluíam os pais e a comunidade escolar, que serviram para elevar o nome da escola, resultando em um grande aumento no número de alunos.

A proprietária da casa se negava fazer a reforma, alegando que só começava a reforma se o Estado aumentasse o aluguel. Como a quantia era absurda, o estado não acatou suas reivindicações, a DIRED⁶³ fechou o prédio por entender que não havia possibilidade de funcionamento, o que prejudicou os alunos da localidade, apesar de ser pequena acolhia muitas crianças do bairro, e o quadro de professores, que ficaram sem escola. A tensão tomou conta dos professores. Estávamos juntos há anos e a separação seria terrível. Havia, também, o problema da procura por uma escola. Tínhamos que sair da nossa zona de conforto e nos adequar a uma nova situação em outra escola.

Um momento de desequilíbrio. Pretendia permanecer na escola Vingt Rosado até a aposentadoria. Com seu fechamento, removeram-me para uma escola próximo a Cobal⁶⁴. Esta ficava próximo à minha casa, e funcionava no regime de escola particular. pois funcionava no regime privado. O estado alugou a escolas e em troca recebia filhos de funcionários públicos. O afeto pelo Vingt Rosado era tão grande, que não me adaptei à outra escola e sai.

A diretora do Vingt Rosado indicou-me para a Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, pois havia surgido duas vagas, uma, para professor do Ensino Fundamental anos iniciais, por aposentadoria da professora e a outra para a disciplina de História, a ministrante da disciplina foi eleita como vice-diretora. Na escola, tive uma boa receptividade e senti-me em casa. Neste ano, estava terminado o curso de História, e a diretora na época Cidete Dantas colocou-me nos anos finais do ensino fundamental de 6º ao 9º, para ministrar a disciplina de História.

⁶³ 12ª Diretoria Regional Educação Cultura e Desportos. Atualmente 12ª DIREC- 12ª Diretoria Regional de Educação e Cultura. Cunha da Mota, Av, 5 Centro- CEP: 59600-160.

⁶⁴ Centro de Abastecimento de Frutas Legumes e Verduras – COBAL.



Foto 15: Magnólia Maria Oliveira Costa e a equipe de professores do turno vespertino da Escola Estadual Cônego estavam dantas. 2016.

Fonte: Arquivo da autora

Como professora de História estive por sete anos, que foram fundamentais para o meu crescimento profissional, pois a equipe de professores era engajada, comprometida com a aprendizagem dos alunos e mantinham um diálogo aberto que possibilitava a convivência harmoniosa, com respeito, e regada a muito companheirismo. A direção da escola, contribuía para essa boa convivência, quando valorizava o profissional. E uma destas valorizações, esta retratada na foto acima, momento em que todos os professores foram homenageados com uma festa em comemoração ao seu dia. Acometida por um problema de garganta, foi necessário ausentar-me da sala de aula. Senti muito, percebia que meu lugar na escola, era na sala de aula. Com grande tristeza me afastei.



Foto 16: Magnólia Maria Oliveira Costa e Alunos da E. E. C. E. Dantas- Aula de Campo, Ano de 2014 RECICRIANÇA - Canoa Quebrada, Comunidade de Estevão.

Fonte: Arquivo pessoal.

Como ministrante da disciplina de História, desenvolvia projetos de acordo com o conteúdo ministrado, e a culminância dos conteúdos trabalhados era intensificado, através do intercâmbio da teoria com a prática, com aulas de campo, onde cada turma explorava o local de acordo com a temática estudada. Todos os professores se envolviam nos projetos, pois os mesmos eram executados de forma interdisciplinar. A foto acima, retrata uma aula de campo na Comunidade do Estevão, no município de Canoa Quebrada no Recicriança. No Recicriança o professor Tercio Desenvolve um trabalho educacional com as crianças da comunidade.

1.4 Aproximação com o método (auto)biográfico: uma viagem pela memória.

A aproximação com o método (auto)biográfico advém de vários fatores, entre os quais, faço ressalva ao curso de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN como princípio. Cada teórico estudado, cada disciplina trazia um fundamento referenciado para alargar o interesse pela pesquisa. Compreender o encontro com o tema da pesquisa, a ida ao campo, os teóricos os caminhos trilhados para sua efetivação.

Havia nuances que só eu entendia, era a minha escola, era meu passado presente, tinha todo um referencial que fez e continua fazendo parte de tempos na minha existência, a história da escola, também, é minha história, sinto que sou responsável e que tenho a missão de trazer para as pessoas um pouco de sua história por intermédio das práticas da professora que atuou nas décadas de 1970 e 1980 através da minha pesquisa.

Entretanto, faltava algo para a efetivação. Eis que emerge uma luz para abrilhantar minhas ideias. A disciplina de Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica, ministrada pelas professoras Dr^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar e Dr^a Araceli Sobreira Benevides, vem regada de possibilidades, e, assim percebo que tenho capacidade de tornar meu desejo real de trabalhar com método.

Passo a me perceber como sujeito participante, tenho uma história e posso colocá-la em forma de escrita. Essa possibilidade advém por intermédio do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, através do processo seletivo para alunos em caráter especial. No edital de seleção consta de uma carta de intenção enviada para o professor da disciplina que o aluno tem interesse de cursar/pagar.

Optar por esta disciplina, pois abria espaços para a minha pretensão de pesquisa. A aprovação foi uma grande surpresa. Ser aluna da Prof^a Ana Lúcia Aguiar era um presente de

valor incalculável. Em outra seleção, obtive a aprovação, no dia marcado para efetivação da matrícula houve uma confusão de datas na minha cabeça e esqueci. Chorei muito, mas compreendo que aquele não era o meu dia.

A disciplina de Formação em Educação proporcionou um imensurável aprendizado, veio culminar com a intensificação dos estudos e, aos poucos, crescia o desejo de fazer parte no mestrado como aluna regular. Destaco a professora Aguiar (2014, p. 69) ao referenciar que “Os espaços que sistematizam sua aula são os lugares da vida onde homens e mulheres constroem seus textos mediatizados pelo mundo”. Visto que nos processos educativos, um simples gesto do professor pode influenciar na vida de um aluno, no aspecto positivo e no negativo, através de um conceito citado, um autor referenciado, tudo isso pode interferir significativamente na escolha por um tema de pesquisa. Antecedente a essa pesquisa já tinha uma vida profissional.

Percebo que desde 1998, tem início minha aproximação com as narrativas, que se intensifica com o método (auto)biográfico. Relembrando um pouco daquela época faremos um relato para dar ênfase a nossa justificativa. Nesse relato. No ano de 1998, participei do processo seletivo vocacionado, prestando o vestibular para Pedagogia – Licenciatura Plena. A nomenclatura “Pedagogia com Habilitação em Magistério do Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Séries- Seriado”, ofertado pela UERN. Para a glória de “Deus” fui aprovada em quarto lugar.

Fazer um curso superior era um desejo adormecido, para refletir sobre este tempo, compreendo que os anos passam e a vida toma o rumo que permitimos e nos acomodamos de acordo com os ideais momentâneos e emergenciais. Tinha muitos afazeres como mãe, esposa e dona de casa. E fui me acomodando a essa rotina. E estudar naquele espaço de tempo era algo quase irreal.

O percurso em prol da temática por mim escolhida, o método (auto)biográfico, está atrelado à história de vida, pois, vem de um processo anterior ao mestrado em educação. Tem início no curso de Pedagogia, este foi um divisor de águas na minha vida pessoal e na formação profissional, permitiu possibilidades para seguir na formação continuada. Durante o tempo do curso, tinha um firme propósito de não apenas passar pela universidade, mas deixar meu legado, fazer parte da história da Universidade era um ideal de vida. Fiz parte do Centro Acadêmico (CA), participando das decisões e melhorias para os estudantes

Com imenso prazer, referencio meus professores, pois vivenciar seus ensinamentos se configurava também um processo de formação, tinha o prazer de aprender e seguir imitando meus mestres. Aprendia a teoria e repassava para meus alunos, com mais propriedade, com a certeza, que estava desempenhando meu papel de forma consciente, respaldada nas teorias dos autores estudados.

Entendia que o curso possibilita leituras, compromisso com meus alunos, a importância de compreender o processo para saber lidar com situações que surgiam na sala de aula respaldado nos autores, isso era tão incentivador e capaz de instigar cada vez mais a busca pelo conhecimento.

O curso acontecia da seguinte forma: presencial e semipresencial. Essa nomenclatura era ofertada aos professores, que atuavam na profissão e não tinham nível superior, seu objetivo era formar professor em serviço. Destinado aos professores, que atuavam há anos, como era o meu caso, e sem o título de licenciado no ensino superior.

As aulas aconteciam no período matutino e no contraturno os professores ministravam aulas nas escolas, onde eram lotados.

As salas de aulas eram nossos laboratórios, portanto a complementação do curso. Com base nas teorias, melhorei minha prática em sala de aula. As proposições serviam de suporte para implementação e mudanças nas práticas pedagógicas dos alunos/professores.

Cada aluno tinha um supervisor de Prática de Ensino, um orientador que visitava as escolas para avaliar o nível dos alunos, e se os professores estavam aplicando o que estudavam. Os professores se dividiram entre as escolas. Percebia o significado do curso para minha formação inicial e sinto, também, que essa formação não pode parar com o mestrado., pois a formação vai além e se transforma diariamente. Essa assume um papel que parte do princípio da inconclusão do ser. Na busca por essa inconclusão, o homem se refaz ao aprender.

Sobre o inacabamento do ser humano Freire (1996, p, 55) afirma: “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre homens e mulheres o inacabamento se tornou consciente”.

Com base no autor, é necessário que o professor esteja sempre em busca do conhecimento e da transformação de si ao longo de sua existência. As mudanças fundamentais que regem a inconclusão do ser, para propiciar aos educandos não a repetição de meus atos, mas, a consciência de que são seres históricos, culturais e inacabados, como inconclusos estão à procura da sua transformação como ser em desenvolvimento.

O Trabalho Final do Curso era a construção de um memorial. Cada aluno/professor narrava sua própria história de vida e fundamentava em autores estudados durante o percurso da formação. O trabalho dividia-se em três partes. Na primeira parte, o aluno narrava seu processo estudantil, desde a infância até a fase acadêmica. Na segunda parte, relatava a vida profissional e o processo como aconteceu sua entrada na educação como docente até o ano referente à escrita. Na terceira parte, narravam o processo formativo pós-entrada no curso superior, as contribuições do curso na prática da sala de aula. Isso era uma narrativa e eu estava

aprendendo.



Foto 17: Formatura do Curso de Pedagogia – UERN, Ano de 2002
Fonte: Arquivo da autora

Em busca da formação continuada, participei, no ano de 2003, da seleção de Pós-Graduação – Especialização em Educação, na qual fui aprovada em segundo lugar na área de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Durante o período de vigência do curso, sempre em busca de qualificação ministrei aulas no Programa da Alfabetização Solidária,⁶⁵ como voluntária, era mais um aprendizado, e atrelado a isso tinha o intuito de aprimorar cada vez mais a minha prática pedagógica na sala de aula de ensino fundamental, alcançar o nível de professora do ensino superior.

Existia na UERN o PROFORMAÇÃO⁶⁶, um programa de formação continuada. No ano de 2004, com base no edital publicado, abria inscrições para professores interessados em atuar no referido programa, com o objetivo de formar professores, que estavam atuando na área, mas não tinham qualificação a nível superior. As aulas eram ministradas aos sábados nos turnos matutino e vespertino. As alunas trabalhavam durante a semana nas escolas e, aos sábados, passavam os dois turnos na faculdade, estudando para obter o grau de licenciada na referida área que atuava.

A UERN tinha polo de formação em algumas cidades e nessas as aulas aconteciam nos

⁶⁵ Programa desenvolvido pelo Conselho da Comunidade Solidária do Governo Federal, criado em 1997, que alfabetizam jovens e adultos nas cidades com maior índice de analfabetismo segundo o IBGE. Tem o status de organização não governamental, com atuação reconhecida pela UNESCO que, em 1999, lhe concedeu o prêmio de “Iniciativas Bem-Sucedidas” na área de educação. Jovens na faixa etária de 12 a 18 anos é o principal alvo do programa, que também aceita adultos interessados em participar. Programa desenvolvid.

⁶⁶ Programa de Formação Continuada.

CAIC⁶⁷. Os Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC's). Programa educacional brasileiro criado pelo governo Fernando Collor de Mello (1990-1992). Nesse momento estava terminando pós-graduação e resolvi participar da seleção. Na época, a Coordenadora do Programa era a profra Glaudionora Silveira. Os processos seletivos no interior da UERN não eram tão concorridos, se levarmos em consideração a concorrência atual. As seleções estão cada vez mais concorridas e os critérios avaliativos voltados para os níveis de mestrado e doutorado.

Aprovada no PROFORMAÇÃO para ministrar a disciplina de Ensino de Ciências no curso de Pedagogia no município de Caicó. Foi um grande desafio, com 23 anos de experiência na docência como efetiva da Rede Estadual de Ensino, até o momento só havia ministrado aulas no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série de forma bem específica no quarto ano. Em nível de experiências, somente os seminários apresentados na graduação e na pós-graduação. Abracei a causa com dedicação e empenho, regado a muito estudo. Enfrentei o desafio, ministrar aulas para com alunos de graduação era uma realidade diferente. Preparava as aulas com muito zelo.

Cada disciplina compreendia um semestre. Para minha surpresa, o programa convocou-me para as outras disciplinas. Existia uma grande diversidade na faixa etária. Tínhamos alunas jovens, senhoras e até idosas, muitas com mais experientes de vida que eu. Isso foi de uma magnitude tão grande, que faltam palavras para descrever. É preciso ressaltar o aprendizado, as contribuições daqueles alunos que tinham um prazer enorme de fazer parte do programa, pois não mediam esforços, vinham dos sítios e comunidades próximas ao polo, muitas vezes em condições precárias de deslocamento.

Os professores saiam de Mossoró às 17hs sempre as sextas-feiras, dormíamos e pela manhã do sábado começávamos o nosso dever. Os momentos da viagem eram mágicos, regado a muita alegria e descontração, tinha até os autores das grandes piadas, o grupo se fortalecia a cada ida e vinda. Era muito prazeroso fazer parte do grupo de professores, sentia uma grandeza prazerosa. Alguns já tinham sido meus professores e isso era magnifico, trabalhar com eles, saber que, agora eram meus parceiros de profissão, era muito deslumbrante.

O mais importante de tudo era ser reconhecida com o título de professora da UERN. Aprendi muito, com os alunos de uma realidade diferente da que estava acostumada e com os colegas professores. O fato de ter no currículo a experiência como docente da UERN abriu espaços para outras universidades.

Os convites surgiam e eu atendia a todos. Em faculdades privadas trabalhei em: Apodi,

⁶⁷ Centros de Atenção Integrada à Criança e ao Adolescente

Serra do Mel, Assú, Caraúbas. No PROFORMAÇÃO participei de várias bancas como membro examinador, outro fator ímpar para minha formação. Corrigir as monografias dos alunos e fazer parte das bancas era um presente divino. E também, contribuía para aprimorar minha prática pedagógica.



Foto 18: Magnólia Costa, Aldo Gondim, Evânio Raposo, Dr. Dauri Lima. Currais Novos - Ano de 2007
Fonte: Arquivo da autora.

Nas cidades de Currais Novos, Caicó e Apodi, ministrei aulas até o término do curso na última turma 2014. Neste curso, o trabalho de conclusão era também o Memorial e seguia a mesma estrutura do curso que fiz e assim tive o privilégio de ler vários memoriais e participar de bancas de apresentação como membro avaliador.

Seguindo na carreira de professora universitária no ano de 2007, participei de uma seleção para professor substituto da Faculdade de Educação e obtive aprovação. Ministrei as seguintes disciplinas, Didática, Psicologia da Educação, Estrutura e Funcionamento da Educação Básica, Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico. Atuava em duas faculdades na de Educação e Letras e Artes, nas quais lecionava Sociologia da Educação, Filosofia da Educação, Estágio Supervisionado I, II e III. Todas essas disciplinas deixaram suas teorias como marcas na minha formação. Esta última possibilitou muito aprendizado e aprimoramento da prática pedagógica.

A disciplina de Estágio no Curso de Pedagogia é ministrada em duplas, para facilitar a orientação dos alunos. Ministrando essa disciplina era voltar a um passado distante de forma temporal, mas breve nas minhas lembranças de estagiária. Trabalhei com a profa Dra. Normândia de Farias Mesquita Medeiros por vários semestres. Posso dizer, com propriedade, que formávamos uma boa dupla, nossa parceria aludiu minha prática. Hoje a professora é minha orientadora.



Foto 19: Magnólia Costa e a Professora Normândia Farias – 08/06/2017
Fonte: Arquivo da autora.

Na UERN lecionei como professora substituta nos anos de 2007e 2008. Com o retorno do professor da disciplina afastado para formação continuada, sai do grupo dos substitutos. Continuei nas Universidades particulares.

No ano de 2009, volto por meio de uma seleção, desta vez os requisitos exigidos eram diferentes. A seleção é dividida em dois momentos, aula prática e a seleção do currículo. O professor que tivesse êxito na aula didática passava pela avaliação do currículo. Diante da classificação em segundo lugar, volta a ser professora da UERN, onde permanece até 2015. Deixo uma ressalva, em todos os semestres, participei como orientadora de monografias.

É preciso voltar um pouco ao tempo para fazer uma referência ao ano de 2009, participei da seleção para vagas não iniciais da UERN no curso de História e fiquei classificada em segundo lugar. Este curso me proporcionou aprendizagens que contribuíram para a afirmação da pesquisa. Conhecer a História despertava-me e ao mesmo tempo era instigada a busca da formação. Destaco os textos que eram diferentes dos da Pedagogia, uma leitura mais forte, que despertava o desejo de saber mais ir a fundo para conhecer a História, não a história contada nos livros didáticos, mas a história da História.

No sétimo período do curso de História, na disciplina de Laboratório de Monografia, o aluno deveria escolher um tema, e de início escolhi o método da história oral. Mas como não tinha professores engajados no método das narrativas, veio à dificuldade de orientador, mudei o rumo da pesquisa, mas sempre voltado para a história oral.

Passei por vários orientadores, mas nenhum tinha interesse na minha intenção de pesquisa, voltada para as narrativas. Pretendia narrar a história da escola citada no título da

pesquisa, não com foco nas práticas, mas no tocante à história da escola. Por orientação de um professor, escrevi a monografia sobre o Cemitério São Sebastião, desde seus primórdios trazendo à tona o sistema político e social em suas lápides, retratadas no poder aquisitivos dos mossoroenses e inspiradas em mausoléus egípcios.

Ainda se tratando do ano de 2009, destaco o Estágio Supervisionado, no curso de História no semestre de 2009.2. Meu estágio foi efetivado no Centro de Educação de Jovens e Adultos Professor Alfredo Simonetti - CEJA⁶⁸. Na época, estava como professora na Faculdade de Educação, ministrando o Estágio II e III. Vivenciando três realidades diferentes, o Estágio II, voltado para o ensino fundamental de 1º ao 5º ano. O Estágio III em espaço não escolares, como estagiária no Ensino Médio. Este momento era regado a aprendizagens diferenciadas, partindo do princípio que somos eternos aprendentes.

No ano de 2010, concluí, em grande estilo, desta vez com direito a anel, formatura, festa, baile. Meu padrinho Sérgio Aragão⁶⁹, a quem dedico todo meu respeito e amor presenteou-me com um belo anel⁷⁰.



Foto 20: Magnólia Costa e a turma de História - Formatura 2010.2
Fonte: Arquivo da autora.

⁶⁸ O CEJA Professor Alfredo Simonetti é uma Escola que atende a jovens e adultos. Inaugurado em junho de 1978, pelo Governador Dr. Tarcísio Maia, sendo secretário de Educação o Prof. João Faustino Ferreira Neto. Oficialmente intitulada pelo Dec. 7.707 de 05 de outubro de 1979, pelo Governador Lavoisier Maia Sobrinho com o ensino de 1º grau e com o Dec. Nº 9.008 de 13 de julho de 1984, o do 2º grau. A primeira gestora: Profª Gleide Mirian Leite de Macedo. Gestora atual: Profª Sandra Maria Pinto Russo. ((Documento da escola).

⁶⁹ Um Amigo, a quem tenho muita estima e gratidão. Um ser humano dono de um coração lindo

⁷⁰ Destaco o anel, pois foi de um valor inestimável. Na formatura do Magistério não tinha condições de comprar o anel. Fique triste, pois a minha mãe e minha irmã Margarida Marinho, tinham. No curso de Pedagogia também não tinha condições financeiras suficientes para comprar o anel. Quando convidei Sérgio Aragão para ser meu padrinho, não tinha nenhuma intenção deste anel, no dia da minha formatura recebi o presente. Destaco por ter sido importante, não pelo valor como joia, mas pelo valor sentimental.



Foto 21: Magnólia M. O. Costa, 2010
Fonte: Arquivo pessoal

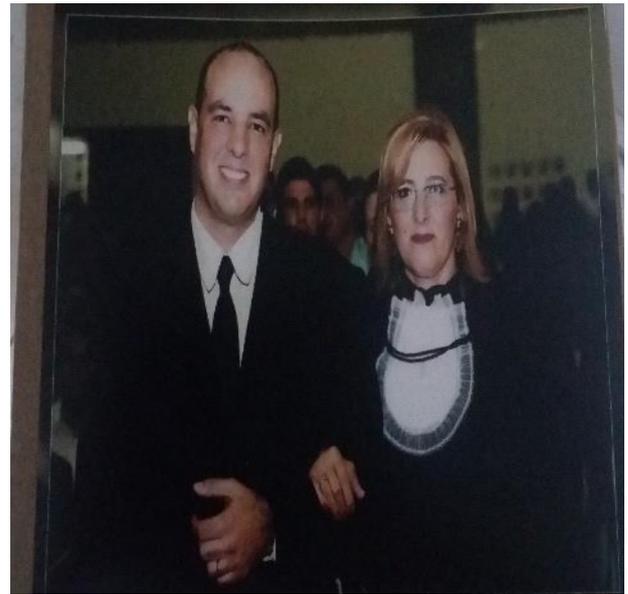


Foto 22: Magnólia M^a O. Costa e Sérgio Aragão -2010
Fonte: Arquivo pessoal

A busca pela formação continuada perdurava. Inscrevi-me no curso de Aperfeiçoamento em Educação Quilombola-AEQ. Na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), o critério de seleção era o currículo e a disponibilidade, pois sua estrutura era em presencial e semipresencial conclui em abril de 2016. As aulas aconteciam a cada quinze dias. As atividades eram repassadas para enviarmos pelo Moodle. Os momentos presenciais eram prazerosos, a turma muito numerosa, mas cada um tinha seu objetivo e isso faziam com que as aulas que iniciavam as 7:30 e finalizava as 12:00 hs fossem construtivas e prazerosas



Foto 23: Magnólia Costa e a turma de Aperfeiçoamento em Educação Quilombola – UFERSA, 2016.
Fonte: Arquivo da autora

A minha formação desde o inicial no Curso de Pedagogia, a pós-graduação, o curso de História todas cursadas na UERN. Sintia que precisava algo mais, queria ser mestre. Nesse momento, a Faculdade de Educação não dispunha do curso mestrado. Para fazer o curso, era preciso sair de Mossoró para cursar na capital ou em outros Estados. Esperei chegar o programa de mestrado na UERN. Participei de três seleções: na primeira passei na prova fui reprovada na entrevista, fiquei muito triste, acabou com minha autoestima, sentia-me como se não soubesse de nada. Mas não desisti, na segunda tentativa, a prova foi anulada e ao refazê-la foi não obtive êxito.

Fiquei muito mal e decidi que precisava estudar para passar na próxima seleção. Arelado a isso, sai da condição de professor substituto da faculdade e me deduzi nas leituras, para alcançar meu objetivo de me tornar mestra em educação. Não satisfeita com as reprovações, comecei a fazer seleção para alunos em caráter especial, cursei quatro disciplinas que serviram de contribuição para minha aprovação. O contato com os professores do programa e os estudos foram fundamentais para aprofundar os conhecimentos e poder conhecer um pouco de como funcionava o mestrado.

Na condição de aluna especial, cursei as seguintes disciplinas: Gestão Educacional em Contextos Locais. Tópicos Especiais I, Tópico Especial em Educação I: Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva. Quero destacar a disciplina conforme já citada Memória, Formação e pesquisa (auto) biográfica do semestre 2015 ministrada pelas professoras Dr^a. Ana Lúcia Oliveira Aguiar e Araceli Sobreira Benevides foram fundamentais para despertar minha intenção de enveredar na pesquisa, pois já tinha um pouco de entusiasmo advindo do curso de História e das minhas vivências.

Essa disciplina foi fundamental para deslanchar e reafirmar a intenção de entrar no mestrado. Veio à paixão que estava guardada, aflorou, deu impulso ao meu desejo de enveredar na pesquisa (auto)biográfica. No primeiro dia de aula, a profa Ana Lúcia batizou a sala como “O bom da viagem é a viagem”, esse tema existe até hoje como “O bom da viagem”. Um momento de valor inigualável foi vivenciar meu primeiro momento charneira. Foi emocionante participar desde momento. Falei um pouco da minha trajetória até chegar à universidade.

Partindo do nome da turma, eu e a discente Helane Maia fizemos um artigo para apresentar como quesito avaliativo da disciplina intitulado: “Narrativas dos viajantes do mestrado em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN 2015.2”. Participei de forma atuante no I Seminário Regional sobre Educação e Inclusão: formação, linguagens e práticas em diálogos, como monitora.



Foto 24: Magnólia Costa Seminário de Narrativas (auto)Biográfica, 2016
Fonte: Arquivo da autora

Particpei de alguns eventos como AFIRSE, como avaliadora e monitora. Do Segundo Encontro de Narrativas (Auto) Biográficas: “Povos do campo: Memória, Saberes, Tradição - ERNAB, II Seminário Potiguar: educação, diversidade e acessibilidade, sempre caminhando em busca da formação e do tão sonhado mestrado”. Particpei dos eventos: CONEDU, em Natal, com a apresentação do trabalho “Avaliação e inclusão: um estudo de campo com docentes da educação básica: uma análise na perspectiva da Educação Inclusiva”, “A contribuição dos contos de fadas no processo de ensino aprendizagem na educação infantil”, “A educação infantil como suporte a formação integral dos educandos: um trabalho de campo numa escola particular do município de Aracati”.

No congresso do CINTED, em Campina Grande, apresentei trabalhos também na linha de inclusão, que serviram para impulsionar cada vez mais o interesse de empreender minha formação continuada. Toda essa busca resultou na aprovação do mestrado. Existe todo um processo pelo qual me identifico com o Método (auto)biográfico, que vem enraizado desde muito tempo antecedente o desejo pela pesquisa, e vai aos poucos se intensificando e tomando forma.

A pesquisa aos poucos se entrelaça com minhas vivências e para que possamos compreender os fatos ocorridos na escola Estadual Cônego estevam Dantas, vamos partir para a execução dos dados obtidos sobre a escola já citada, para ilustrar o processo contemporâneo da configuração da história da escola entrelaçada com minhas reminiscências por vários anos na escola.

CAPÍTULO 2: CONTEXTO HISTÓRICO DOS GRUPOS ESCOLARES E O PROCESSO INSTITUCIONAL NO RIO GRANDE DO NORTE

Fundar uma escola é construir um futuro. Só um edifício pode avultar ao lado dela, o templo; – assim ficarão contíguas duas eternidades: Deus e a alma [...] O pão da seara mitiga fome um dia, a instrução elemento perene: pão é pasto; ideia é luz. O lavrador planta para o corpo, o Didática semeia para a alma. É na escola que o povo se transforma em nação. O alfabeto mantém o passado no presente e singra para o futuro.

COELHO NETTO (1911)

O capítulo objetiva evidenciar o contexto histórico dos Grupos Escolares e o processo institucional no Rio Grande do Norte. Para dar visibilidade ao capítulo, também demonstraremos os fatos presentes na trajetória da história da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas. Para ilustrar a proposta dos objetivos, faremos uma análise em documentos do acervo da escola, fotos das atividades desenvolvidas durante as décadas elencadas no recorte histórico na escola, fontes bibliografias em autores, que tratam da temática em questão.

O capítulo está dividido em quatro tópicos. Trataremos do Histórico-Social dos Grupos Escolares e o processo de institucionalização através de um estudo bibliográfico para relatar o referido contexto dos Grupos Escolares no Rio Grande do Norte em seus preâmbulos, o processo de criação e de institucionalização, seu procedimento de implementação como instituição escolar, seus primórdios e sua arte de edificação.

Apresentamos um passeio pelo processo de escola rudimentar á Escola Estadual. Exibiremos o desempenho das práticas pedagógicas de uma professora da escola que atuou no ensino de 1ª a 4ª série enquanto era denominado pelo nome de Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, por meio dos acontecimentos que marcaram e fizeram a história da escola. Arelado ao exposto a cima, faremos um estudo contextualizado⁷¹ pelo entremeio da criação do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas. Descrever uma instituição educativa é uma tarefa delicada e ao mesmo tempo complexa, que exige disciplina e prudência na organização das leituras referentes ao tema em estudo

Para fazer a relação com objeto de estudo, daremos ênfase à descrição da história dos Grupos Escolares suas implantações e em especial ao esboço da Escola Estadual Cônego

⁷¹ Referente a década delimitada no início do capítulo e especificada no título.

Estevam Dantas, destaca-se, que essa etapa foi fundamental para nosso estudo e corrobora com nosso objeto de estudo. Faremos uma averiguação das práticas pedagógicas de uma professora, que lecionou na escola no recorte linear estabelecido na pesquisa.

Outro ponto que merece destaque com relação ao objeto do capítulo é a escolha da Escola Estadual Cônego Estavam Dantas, que se justifica a partir da relação existente da pertença com minha trajetória de vida durante a infância na década de 1970. Também, pelo fato de ter feito parte na construção da história da escola em várias fases da minha vida e formação. Primeiro como aluna na década de 1970, depois como professora na disciplina de História nos anos de 2009 a 2014, coordenadora pedagógica em 2015 e supervisora⁷² pedagógica até os dias atuais.

2.1 Histórico-social dos Grupos Escolares e o processo de institucionalização

Iniciamos a discussão partindo da denominação dos Grupos Escolares. Relataremos o modelo de organização de Educação Primária denominado Grupo Escolar, que ganha relevância como objeto de estudo na pesquisa historiográfica sobre a Educação Brasileira. Esse novo modelo da escola denominado de Grupo Escolar tem sua abertura na cidade de São Paulo no final do século XIX e início do século XX (PINHEIRO, 2001, p. 23).

Para explicitar nosso objetivo neste tópico, introduziremos a pesquisa detalhando um pouco sobre a instalação deste modelo de organização do Ensino Primário, denominado Grupo Escolar, implantado no Brasil no Estado de São Paulo em 1894.

Os Grupos Escolares emergem em um contexto novo de modernização, que integram o projeto educacional da República no Brasil, suas concepções intermeiam para elucidação da criação da escola como repartição pública. Pinheiro (2001, p. 34) contribui para nosso objeto de estudo ao fazer referência sobre os Grupos Escolares, conforme:

A história dos Grupos Escolares está intimamente ligada à institucionalização da instrução pública no mundo moderno, em consequência do surgimento de uma preocupação mais generalizada em instruir o povo e, como consequência, a prioridade de organização das primeiras instituições escolares no Rio Grande do Norte.

⁷² Passei a atuar como supervisora em consequência de uma readaptação por motivos de saúde.

O autor enfatiza que a implantação do Grupo Escolar atendia a necessidade da época que era instruir a parcela da população que não era alfabetizada. Entende-se ainda, como fundamental para o início dessa nova época. Argumenta que existia uma preocupação mais generalizada em instruir o povo, pois começava a surgir mudanças e se fazia necessário a formação da criança moderna de uma prática escrituralista⁷³.

Com a implantação dos Grupos Escolares, surge uma grande preocupação em formar professores para atuar nesses espaços, que dominassem novos métodos de ensino de acordo com o novo modelo educacional. De acordo com Pinheiro, (2001, p. 43), “Há indícios na história que no início do século XX a escola firma-se como uma instituição principal da sociedade democrática. Em uma sociedade democrática os membros podem (e devem) escolher seus governantes (como presidente, governadores, senadores e outros) a partir do voto. Os membros de uma sociedade democrática devem participar ativamente da política, por direito, e o voto faz com que isso seja possível. Todos devem votar, sem nenhum tipo de discriminação, e o voto é facultativo para pessoas de 16 a 18 anos e com mais de 70 anos.

cujos membros devem participar ativamente na sociedade. Para que isso fosse efetivamente possível, era preciso suprir a falta de formação dos professores que eram considerados como leigos, justamente por falta da formação adequada.

Neste contexto, são criadas as Escolas Normais com o intuito de formar os docentes que atuariam no Ensino Primário para que as crianças, jovens e adultos pudessem aprender a ler e escrever. Porém, existia uma demanda que devemos considerar sobre os educadores da época, a grande maioria dos professores da eram considerados leigos.

A Escola Normal de Mossoró foi equiparada à de Natal, pelo Decreto 694, de 16/07/1934. De acordo com a informação constante em Mossoró, de Vingt *et un* Rosado, edição de 1940, a Escola havia formado 145 professores primários.

Sobre o exposto, Lourenço Filho (1934, p. 26) afirma que o número de Escolas Normais crescia constante.

⁷³ As definições de escrituralistas - Toda a escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeitamente habilitado para toda obra. Timóteo- 3: 16-17. Isso mostra um apego profundo a Escritura para o povo de Deus. O Escrituralismo é o sistema de pensamento que se sujeita à Escritura Sagrada em toda a sua extensão e em cada um dos seus aspectos na vida prática e intelectual, espiritual.

A primeira em Niterói em 1835, na Bahia em 1836 e no Ceará em 1845, com objetivo de formar professores primários melhores preparados, mas com uma organização rudimentar - em sua maioria não ultrapassando o nível primário superior - e que depois desaparecem. A Escola Normal de Niterói representa um marco, já que foi a primeira escola normal pública das Américas.

Lourenço Filho, comentando esse fato, mostra que nossa precedência de alguns anos em adotar instituições públicas para o preparo do mestre logo seria ultrapassada em quantidade e qualidade. No fim do século, os Estados Unidos já mantinham duzentas escolas normais, introduzindo a pesquisa, as ideias de Pestalozzi (1748- 1827) Herbart (1776-1841) e reagindo contra o ensino de simples memorização que se desenvolvia em nossas escolas.

Diante dessa tendência, o Brasil passou, após o advento da República, a estimular a educação para produzir uma sociedade erudita, já que a instrução representava um prenúncio de desenvolvimento do país. Neste momento, a sociedade brasileira transpunha mudanças econômicas, políticas em especial as sociais, que precisavam da modernização e, também, da coerência dos setores públicos e privados.

Como enfatiza Pinheiro (2001, p. 33), “No Brasil, o projeto republicano de difusão do acesso à leitura e à escrita, tratava também da implantação de uma instituição educativa comprometida com a modernização da sociedade brasileira”. Foi pensando nesse desenvolvimento social que os “vitoriosos do movimento de 1889” (MEDEIROS, 2009, p. 26) começaram a repensar a educação brasileira, em especial, a educação primária e secundária.

Para Pinheiro (2001), eram vários modelos de escolarização⁷⁴ que vigoravam em meio ao século XIX, quase sempre funcionando em lugares improvisados, pequenos, salubres e anti-higiênicos. Com o progresso do País e com a valorização educacional, a escola nesses espaços e em residências passa a ser criticada pelo novo ideário educacional. Dessa forma, os Grupos Escolares começam a ser construídos trazendo várias novidades educativas, dentre elas, a implantação das escolas seriadas⁷⁵. As formas de organização escolar relacionam-se ao tempo,

⁷⁴ Esses vários tipos de educação evidenciados por Pinheiro, leva-nos a pensar no ensino dos professores leigos, que alfabetizavam em qualquer lugar, podemos também citar Freire “de pé no chão também se aprende a ler”

⁷⁵ De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96), a Educação Básica poderá organizar-se em séries anuais, assim como em outras formas, tais como ciclos, grupos não seriados, alternância regular de período de estudos e outros critérios de organização, sempre de acordo com o interesse do processo de ensino. Trata-se de uma opção, segundo a Lei 9394/96, que permite "flexibilizar, descentralizar e desregulamentar" os sistemas de ensino.

ao espaço escolar e ao processo de avaliação da aprendizagem, agrupando alunos de acordo com a idade e níveis de aprendizagem⁷⁶.

Por essa razão, os Grupos Escolares eram também chamados de escolas graduadas, uma vez que o agrupamento de alunos se dava de acordo com o grau em que se encontravam, e passam assim, gradativamente até concluir o ensino primário. A partir das construções dessas instituições, o governo explicitava de forma clara e evidente sua intenção de mostrar o antes e o depois do governo republicano, no que se refere ao setor educativo. A escola também passa a ser vista como meio de transmitir à população um conjunto de valores culturais e morais necessários à consolidação da tão almejada sociedade moderna.

Souza (1998, p 123) no livro *Templos de Civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)* destaca o processo de institucionalização dos Grupos Escolares, resalta as motivações políticas e ideológicas republicanas e a influência dos modelos educacionais em circulação nos países mais avançados. Esse contexto assinala as mudanças administrativas e pedagógicas introduzidas no Ensino Primário com a implantação da Escola-Modelo e acentua a imersão do Grupo Escolar no meio urbano.

A construção de edifícios escolares, projeto idealizado no período republicano por meio da arquitetura dos Grupos Escolares, foi responsável pela configuração da escola como um lugar dotado de uma identidade. O implante desta nova forma de escola provocou ânimo na sociedade da época, pois além de agregar a necessidade de novas vagas para os alunos, respaldava a proposta de modernidade, que identificava a democratização do ensino com a prosperidade do país. Os idealizadores das reformas educacionais acreditavam que seria imprescindível a renovação do ensino primário para atingir a pretendida reforma social.

A partir desse movimento de modernização do ensino, no início da década de 1890, regulamentava-se a lei que estabelecia a criação dos Grupos Escolares no estado de São Paulo. Alocados em prédios de arquitetura monumental, com espaços reservados ao “[...] gabinete para a diretoria, sala para arquivo, portaria, depósito, biblioteca, laboratórios, oficinas para trabalhos manuais, ginásio, anfiteatro e pátios para recreio” (SOUZA, 1999, p. 128), cada grupo podia comportar de 4 a 10 escolas isoladas.

⁷⁶ Com Base nos estudos de Emília Ferreiro, entende-se que a mudança de um nível para outro só acontecerá quando o aluno se deparar com questões que o nível em que se encontra não puder explicar: assim ele elaborará novas suposições e novas questões e assim sucessivamente. Em decorrência, pode-se dizer que o processo de assimilação de conceitos é gradativo, o que não exclui “idas e vindas” entre os níveis.

Em relação à precariedade e ao improvisado das edificações (paróquias, cadeias, cômodos de comércio) e das práticas de ensino (ensino individual, método lógico de alfabetização) que, sobretudo, definiam as escolas públicas do Império, destaca a autora que significaram os grupos escolares uma tentativa de racionalização administrativa e pedagógica e a racionalização administrativa, porque estabelecia a reunião de escolas isoladas e a setorização do trabalho pelos espaços e tempos escolares. Racionalização pedagógica, porquanto estipulava a classificação dos alunos, o ensino simultâneo, o método analítico de alfabetização e o método intuitivo, entre outros.

De acordo com Azevedo e Stamatto (2012), no ano de 1892 as Escolas Isoladas, também conhecidas como graduadas, passaram a ser agrupadas, inicialmente no ensino primário, a princípio nas capitais dos Estados, posterior nas sedes dos Municípios. No corrente ano, em São Paulo houve a instauração de uma nova forma de ensino primário público, compilados nos chamados “Grupos Escolares” durante a 1ª República. A passos moderados, os demais Estados brasileiros passaram a instaurar os Grupos Escolares tanto nas suas respectivas capitais, em seus municípios, sem desconsiderar a manutenção de outras escolas primárias.

O autor enfatiza ainda que os grupos escolares, foram carregados por um ideal republicano e se apresentavam como a vitrine da educação no Brasil, estabelece-se como a base da organização escolar do país por todo o século XX em relação aos espaços arquitetados. É importante ressaltar que para executar a planta dos Grupos Escolares se contratavam arquitetos e engenheiros para sua construção, porém, deveriam estar posicionados próximos aos prédios importantes da cidade.

Azevedo e Stamatto (2012, p. 41) ressaltam que os Grupos Escolares se encontravam carregados pelos ideais republicanos e foram materializados em seus recintos como um marco que simularia tanto a importância quanto a importância na imagem figurada da prefeitura, a Igreja, a Casa Legislativa e de preferência próximo a praça central de cada localidade, onde toda a população fosse capaz de prestigiar aquele espaço, considerando a localização e o edifício-escola, os aspectos pedagógicos integrados ao movimento de urbanização do espaço público.

Porém, ocorreram mudanças na maneira de idealizar tempos e espaços escolares. Assim, os Grupos Escolares constituem-se em aspectos das reformas educacionais, é preciso ter um olhar crítico para cada transformação, é possível entendermos como se processaram os acontecimentos e as mudanças educacionais que transformam as leis para as futuras inovações.

As reformas e mudanças educacionais têm marcas na educação moral e/ou religiosa, como a de maior significado para a formação do ser humano.

Dessa forma, mais que ensinada, essa educação moral deveria ser vivida, na qual ele assinala que essa formação desemboca sempre no aperfeiçoamento, enobrecimento interior e na autonomia moral. Ainda sobre as mudanças educacionais, destacaremos o Estado do Rio Grande do Norte, por meio dos reforços do Governador o Senhor Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão (1908-1913), um nome que merece destaque como incentivador do movimento da modernização. No mesmo contexto das mudanças educacionais, surgiram na sua administração várias transformações no Ensino Primário.

O Congresso Legislativo votou a Lei Nº. 249, de 22 de novembro de 1907, que autorizou o governo a reformar a instrução pública, dando especificamente ao Ensino Primário moldes mais amplos e garantidores de sua proficuidade no documento (RIO GRANDE DO NORTE, 1907, p. 5) consta nos Atos legislativos e decretos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte De acordo com a Lei, concebia uma rede de Grupos Escolares, voltados para a escolarização de crianças e dando ênfase a construção da cultura letrada.

Para que esse documento prevalecesse, foi necessária a abertura de 270 Escolas Normais, para formar profissionais de educação habilitados, que atuaram nos Grupos escolares, e assim supriram a necessidade do Estado. De acordo com o contexto da época, deveria formar novos preceptores de maneira lógica de encontro a diretriz da moderna Pedagogia (RIO GRANDE DO NORTE, 1908, p. 46)⁷⁷. Em consonância com esse contexto, entra em vigor o Decreto n. 178, de 29 de abril de 1908⁷⁸ que reavivou a Escola Normal de Natal⁷⁹ para formar professores tanto do sexo masculino como do feminino, restabeleceu a Diretoria Geral da Instrução Pública, extinta em 1900 e criou os Grupos Escolares e Escolas Mistas⁸⁰ na capital e em outros municípios.

O Grupo Escolar Augusto Severo, criado pelo Decreto Nº. 174, de 5 de março de 1908, foi a primeira instituição primária instalada no bairro da Ribeira, em Natal. Desde sua fundação,

⁷⁷ Atos legislativos e decretos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

⁷⁸ Título: Jornal "A República", 1908, RN. Autor: Barreto, Sergio; Pinto, José. Resumo: Decreto nº 178 de 29 de abril de 1908 que cria a Escola Normal de Natal – RN . Descrição: Os arquivos estão em 8 imagens contendo a parte oficial do jornal o “Decreto nº 178 de 29 de abril de 1908 que cria a Escola Normal de Natal”. Algumas imagens são reproduções ampliadas da página completa. A fonte pesquisada foi o arquivo cedido pelo pesquisador Rostand Medeiros. URI:<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104074> Data:1908-04.

⁷⁹ Capital do Estado do Rio Grande do Norte. Também conhecida como a capital do Oeste Potiguar.

⁸⁰ Escolas em que estudavam crianças dos sexos, femininos e masculinos.

servia à prática dos normalistas. Por este motivo, o Decreto N° 198, de 10 de maio de 1909, elevou este estabelecimento à categoria de Escola Modelo, ocorreria a prática dos alunos formados pela Escola Normal de Natal. Nesse contexto, as normalistas que se sobressaíam na sala de aula tinham preferência na ocupação das cadeiras das escolas do Grupo Modelo, na falta de professores diplomados.



MAPA 01- Mapa do Estado do Rio Grande do Norte- 2014

Fonte: <http://www.blogcardososilva.com.br/esta-e-uma-lista-de-municipios-do-rio-grande-do-norte-por-populacao-segundo-estimativas-de-2014-do-ibge/>

O Rio Grande do Norte é uma das 27 Unidades Federativas do Brasil. Está situado no nordeste da Região Nordeste e tem por limites o Oceano Atlântico a norte a leste: a Paraíba a sul e o Ceará a oeste. É dividido em 167 municípios. No nosso Estado, a primeira escola Normal criada foi o Grupo Escolar Augusto Severo em março de 1908.

Os alunos-mestres seriam designados pelo Governador do Estado e prestariam serviços à instituição. Quando diplomados, tinham prioridade para o preenchimento efetivo dos referidos cargos, como também em outras instituições públicas de Ensino Primário.

Pelo fato da educação ser fruto de modificações e organismos históricos, nas suas diversas expressões se apresenta em movimento de prosseguimentos e discontinuidades, progressos e retrocessos. Portanto, não podemos desprezar os fatos que nos colocaram diante de quadros determinados pelo passado, sem que os educadores se movam no sentido de agir sobre o presente e mudar-lhe os rumos, entende-se que nada se mantém estático por muito tempo. Assim, a educação se transforma de acordo com o contexto cultural, econômico e social de cada sociedade e década. Sobre esse contexto vejamos o que diz o Decreto N°. 248, de 26

de julho, durante a segunda fase da Reforma da Instrução Pública Paulista, Souza (1998b, p. 16).

Pela primeira vez, surge a escola como lugar, a exigência do edifício-escola como aspecto imprescindível para o seu funcionamento, dotada de uma identidade. A especialização dos espaços ocorreu de acordo com as finalidades do ensino, com as necessidades da completa separação entre os sexos e com as exigências da pedagogia moderna: classes, bibliotecas, museus, laboratórios, oficinas, ginásios, pátios para recreio, auditórios. A composição material dessa escola moderna e renovada pressupôs, também, o uso de novos materiais escolares, outro tipo de mobília escolar e abundante material didático.

De acordo com esse Decreto, a ruptura com a mostra escolar anterior a partir da institucionalização da escola primária (Grupos Escolares) é, de certo modo, uma inovação. Refletir acerca de cultura, tradição e educação, detém-se no conceito de tradição, no centenário XIX. A tradição é entendida como patrimônio cultural. As inovações que se colocam com a institucionalização da escola primária permitem afirmar que, na escola moderna brasileira inventada neste período houve a incorporação de elementos novos numa estrutura tradicional permite uma inovação.

Do mesmo modo, há continuidades de tradições em estruturas de aparente inovação. Acontece em Natal, com a implantação do Grupo Escolar Augusto Severo, a invenção da escola moderna, instituição social destinada ao ensino formal. A recepção ao modelo de escola difundido na Europa no século XIX pela educação potiguar é uma novidade, na medida em que são adaptados as práticas e aspectos da estrutura física com fins em atender as particularidades do Rio Grande do Norte.

Segundo de Moreira (2005, p. 70) a investigação do espaço escolar como um elemento de modernização pedagógica por meio da análise arquitetônica do primeiro Grupo Escolar do Rio Grande do Norte. As edificações modernas da cidade de Natal visavam apagar a imagem de cidade arcaica do período Imperial. Além disso, eram símbolos do progresso e da civilização. A capital potiguar passou por um processo de embelezamento dos anos 1904 a 1914, sendo contratado o arquiteto Herculano Ramos. O Grupo Escolar Augusto Severo era um equipamento urbano de modernidade, na medida em que possuía os elementos arquiteturais, que deveriam incorporar uma dimensão simbólica e educativa para convencer, educar de acordo com o ideário republicano.

Dessa forma, a edificação escolar deveria ocupar um espaço próprio definido como lugar específico para as atividades de ensino e trabalho docente e ser portadora de uma identidade arquitetônica dos demais prédios públicos e civis. A organização do espaço escolar sintetizava o projeto político atribuído à educação popular e configurava o ambiente educativo, consoante às concepções pedagógicas ditas modernas para a escola primária. A organização seriada se identifica mais com a função da escola como instituição de transmissão de conhecimentos e formação de habilidades, em uma visão mais tradicional do processo educativo.

A proposta da educação é centrada no papel do professor como transmissor de conhecimentos, em uma sequência predeterminada e fixa, onde os saberes dos professores também se transformam a partir das experiências do trabalho diário, que, aos poucos, são alicerçados na construção da prática, de aquisição de conhecimento e competência pedagógica. A década de 1970 reflete a situação macro do regime militar⁸¹ no Brasil⁸²”.

Desta forma, as práticas sociais, econômicas e políticas se caracterizam e assinalam a história deste período. (Moreira, 2005.p 27) sublinha que “O governo militar impôs seu objetivo de transformar a forma de pensar e de agir das pessoas”, esse padrão, era visto como necessário à manutenção do sistema vigente que, geralmente, ocorre por meio da educação ou da imposição.

A educação teve sua trajetória marcada pela criação de uma complexa estrutura jurídica na década de 1970, que foi um momento de profunda transformação no sistema educacional⁸³. Essas mudanças viabilizam a partir das novas discussões novos rumos da educação. Os educadores e a sociedade delineiam seus aspectos para seu objetivo maior, que é a formação e aprendizagem dos cidadãos conscientes e participativos, sabendo opinar e contribuir para a sociedade em que se situa.

A cogitação em torno da pesquisa sobre o Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas na cidade de Mossoró/RN dá-se a partir de interlocução com o tema em estudo, da pertença com minha formação que tem início nos anos 1970, quando aluna da escola dos anos iniciais⁸⁴. Na

⁸¹ Em 31 de março de 1964, militares contrários ao governo de João Goulart (PTB) destituíram o então presidente e assumiram o poder por meio de um golpe. O governo comandado pelas Forças Armadas durou 21 anos e implantou um regime ditatorial.

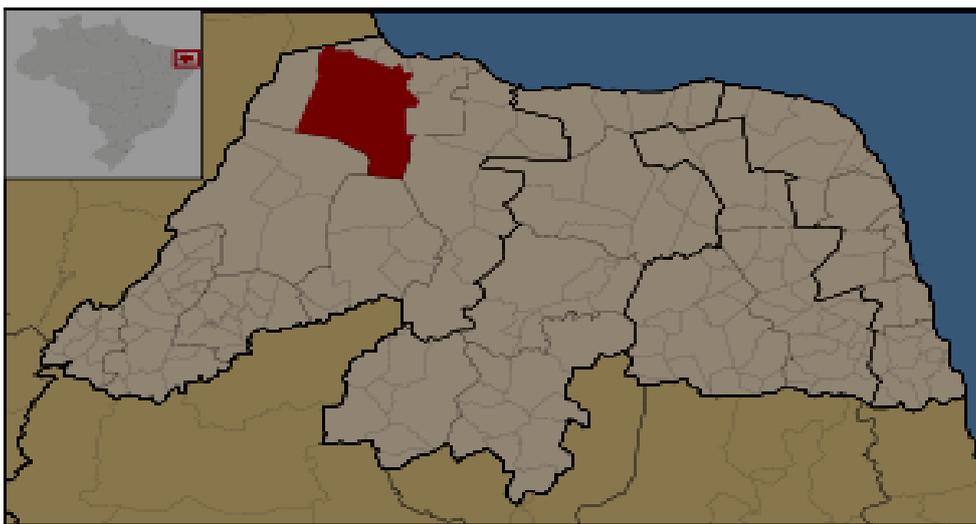
⁸² De acordo com Luckesi (1994, p. 112).

⁸³ Esse momento foi crucial para educação, bem com essencial para a mudança na educação. (Grifo da Autora)

⁸⁴ De acordo com a Lei 5692/71.

década de 2000, na formação continuada como professora de História, obtive aprendizagens significativas para minha prática pedagógica, nos anos de 2014 até o início de 2016, como Coordenadora e Supervisora Pedagógica. São incontestáveis as contribuições advindas dessa vivência como parte do corpo administrativo da escola, que ajudaram a fortalecer os laços afetivos e os conhecimentos.

O Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas surge em uma conjuntura com a inovação, tradição, continuidades, permanências são facetas da modernização. Concepções que se juntam para explicarmos a intervenção da escola como instituição pública. Na década de sua institucionalização, na cidade de Mossoró, existiam trinta ruas, doze praças, cinco travessas, e uma avenida. Constava de 1.872 casas, sendo 840 de tijolo e telha e 1.032 de taipa⁸⁵ e telha. Desta forma, se fazia necessário uma mudança na educação para que a população se desenvolvesse em uma sociedade igual para todos.



MAPA 02: Mapa do Rio Grande do Norte, destacando a cidade de Mossoró, 2017

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+mossor%C3%B3&rlz=1C1GCEA_enR774BR774&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjV77q6jsPYAhUChZAKHYckD6sQ_AUICygC&biw=1366&bih=662#imgsrc=TdAJ7WPIJt8AKM:

O mapa ilustra a cidade de Mossoró utilizaremos como referência para falar sobre o bairro do Alto da Conceição. Buscaremos as fontes nos documentos do acervo da Escola. Estadua Conego Estevam Dantas como: regimento escolar, ato de funcionamento, atas, livros internos, os percalços percorridos para a constituição de sua história, o contexto histórico-social

⁸⁵ Casas construídas de barro e estacas

e o processo de institucionalização, sua implementação enquanto instituição escolar no sentido de dar suporte a educação para diminuir o analfabetismo das crianças e jovens residentes no bairro do Alto da Conceição.

A implantação do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, neste contexto de alto índice de analfabetismo dos moradores do bairro entendido como um divisor de águas para a população do Alto da Conceição no sentido da educação, criação tem o objetivo de atender a toda comunidade do bairro e adjacências e a todos aqueles que ansiavam por conhecimentos. Antes do Grupo Escolar, essa parcela da população se reunia na casa de um professor da localidade para as aulas de alfabetização, corroborando para o processo educacional, que, nessa época, se utilizavam dos métodos modernos de instrução para ensinar o povo a ler, escrever e contar.

2.2 Histórico do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas: de Escola Rudimentar a Escola Estadual



Foto 25: Foto da Escola enquanto Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, 1930.

Fonte: Arquivo pessoal de um morador do bairro do Alto da Conceição.

A foto da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas remonta a década de 1930, quando era ainda conhecida pela comunidade do bairro do Alto da Conceição como Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas. O bairro ainda era pouco habitado e não havia asfalto nas ruas, a população era pobre e ansiava por conhecimento. A escola, neste contexto histórico, era

conhecida como uma escola Rudimentar⁸⁶. Para iniciarmos a descrever o histórico da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, faremos uma sinopse com base nas fontes cedidas pelos arquivos do acervo da escola, em documentos, recortes de jornais, diálogos com pessoas da comunidade e do bairro.

As informações constam no acervo dos documentos da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas a partir do ano de 1965, data em que as fontes começam a ser registradas para fins de acervo documental, como fonte para pesquisa. Antes desta época, não há informações que serviriam de fonte para as futuras análises de quem desejasse pesquisar sobre a temática.

A história da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, tem sua trajetória notificada a partir do ano de 1914, quando o Município por intermédio da Prefeitura Municipal de Mossoró em nome do prefeito Francisco Vicente Cunha da Mota⁸⁷, que esteve a frente da cidade entre 1914-1916, constrói um prédio destinado exclusivamente com fins educacionais para as pessoas aprenderem a ler e escrever. Nesta época, a economia era fundamentada na comercialização do café e o beneficiamento de algodão⁸⁸.

Antes da construção do prédio em 1914, um professor da comunidade do Alto da Conceição, na época conhecido como “Quarteirão dos Macacos”⁸⁹. Manoel Antônio de Albuquerque⁹⁰ foi o pioneiro de ensino nesta escola, instalando em 1985 uma escola Rudimentar masculina. A escola Rudimentar tinha o objetivo de alfabetizar, que eram alocadas em salões arrendados pelos interessados em ofertar o ensino primário, cada modalidade de ensino tinha a duração de dois anos. O professor Manuel Antônio de Albuquerque, educador na época mencionada a cima, no Quarteirão Macaco cooperou para a aprendizagem das crianças do bairro, com dedicação e amor. O prof serviu por 51 anos na comunidade, quando recebeu sua aposentadoria em 30 de setembro de 1914.

⁸⁶ As Escolas Rudimentares admitiam que classes funcionassem em salões alocados pelos interessados em ofertar o ensino primário. Somente prescrevia que o local fosse arejado e medisse no mínimo 7 mx6m de área para instalação da sala de aula. (RIO GRANDE DO NORTE, 1906, p. 07).

⁸⁷ No dia 4 de abril de 1945 o bacharel Vicente da Mota Neto nomeado prefeito de Mossoró, por ato do Interventor do Rio Grande do Norte por nove anos e três meses. Vicente da Mota Neto faleceu no Rio de Janeiro, a 13 de janeiro de 1981, aos 67 anos de idade. Fonte Blog de Geraldo Maia.

⁸⁸ Surge a Casa Mossoró & Cia de Joaquim da Silva Freire (1827- 1907), Barão de Ibiapaba: algodão, carnaúba, couros, palhas e revenda para o sul do país e para a Inglaterra,

⁸⁹ Hoje Alto da conceição, era assim denominado pelo fato de ter muitos macacos na localidade ainda pouco povoada por seres humanos.

⁹⁰ Entrevista feita com o diretor do Museu Municipal da Cidade de Mossoró/RN, o Senhor Lauro da Escóssia (Este documento não apresenta data)

O prof Antônio de Albuquerque era conhecido na localidade com o codinome de Pai Vóbis. Segundo Lauro da Escóssia⁹¹, jornalista renomado da época, o Pai Vóbis era um obstinado amante do ensino, além de ter uma dedicação fora do comum pelo bairro. Pai Vóbis é o fundador a primeira sala de aula na localidade. Pelo fato de ser devoto de Nossa senhora da Conceição, construiu uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Quando a capela foi inaugurada o bairro do Quarteirão dos Macacos, recebeu um novo nome Alto da Conceição⁹²



Foto 26: Igreja do Alto da Conceição, 1972

Fonte: Arquivo do retratista Manuelito, cedida pelo Museu Lauro da Escóssia.

A foto da igreja remota da década de 1970, quando o bairro ainda era conhecido como “Alto dos Macacos” e ilustra um pouco da localidade do bairro do Alto da Conceição. A parte descampada vista na foto, atualmente, é uma praça, onde os alunos da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas se reúnem nos momentos de descontração, nesse espaço também acontecem as culminâncias das atividades desenvolvidas pelos projetos da escola.

O jornalista Lauro da Escóssia relata que o prédio, onde funcionou a escola, foi construído por volta de 1900, pois nessa década houve grande expansão na educação na cidade de Mossoró, expõe que o prédio onde antes era a escola Estevam Dantas, por um determinado

⁹¹ Um renomado jornalista da década.

⁹² O bairro do Quarteirão Macacos, era localizado em um alto em relação ao centro da cidade, bairro mais próximo do Quarteirão Macacos. Por isso recebeu o nome de Alto da Conceição.

espaço de tempo, funcionou em regime particular com o Pai Vóbis⁹³, devido à falta de escolas e de profissionais engajados em alfabetizar as pessoas que aspiravam por informações.

O prof Manuel Antônio de Albuquerque, Pai Vóbis nasceu em Campo Grande-RN em 1825, professor primário da rede Municipal de Ensino desde os primórdios da Vila de Santa Luzia de Mossoró, na qualidade de mestre subvencionado pela Intendência, no subúrbio Macacos (Alto da Conceição), e adjacências. O Pai Vóbis era um cidadão de espírito religioso, muito devoto de Nossa Senhora da Conceição, devido a sua formação religiosa tinha como objetivo devocional, cooperar e auxiliar na formação de opinião das pessoas do subúrbio em que residia, com o intuito de melhorar a situação de inercia da população do Alto da Conceição. Era considerado um visionário iluminado, que vislumbrava tantos sonhos para aquela região da qual tinha um amor incondicional.

Alguns anos depois, o Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, deixa de ser Escola Rudimentar para Escola Subvencionada⁹⁴, surgindo também o ensino particular para o sexo feminino com a professora Lúcia Guimarães (Subvencionada⁹⁵ pela prefeitura). Porém a continuação dos ensinamentos na escola tornar-se inviável, pois o prédio, onde funcionava a escola se encontrava em estado deplorável de conservação, por este motivo foi abandonada, o que ocasionou uma suspeita de ruir em consequência de um grande formigueiro.

A escola começa a funcionar em uma casa particular de um morador que tinham comprometimento com a localidade e com os alunos que tinham interesse em aprender. O professor Pai Vóbis, disponibilizou sua casa para que os alunos não ficassem sem estudo, as aulas eram ministradas pelo Pai Vóbis em um vão⁹⁶ de sua casa.

Manuel Antônio de Albuquerque, além das atividades desenvolvidas como professor, também escrevia em jornais locais sob o pseudônimo de Pai Vóbis, designação latina que significa Pai Convosco. Seu trabalho tinha um grande significado para toda a comunidade. De acordo com a Lei maior que rege o sistema trabalhisco, a Constituição Federal, todo trabalhador tem direito a aposentadoria, após 25 anos de exercício profissional, com o Pai Vóbis não foi diferente, e chega seu dia de gozar de seus direitos com o trabalhador.

⁹³ Prof Manoel Antonio de Albuquerque-Pai Vóbis, era um morador do Alto da Conceição e atendia pelo codinome carinhoso Pai vóbis na localidade do Alto da Conceição, conhecido na década de 1825, como Alto dos Macacos

⁹⁴ Escola mantidas financeiramente pela prefeitura da cidade de Mossoró

⁹⁵ Professora que recebia seu salário pago pela prefeitura

⁹⁶ A sala de aula improvisada era uma sala da casa do Pai Vóbis, onde também acontecia as reuniões da igreja católica com a imagem de Nossa Senhora da Conceição

Após a aposentadoria do mestre, a comunidade fica desamparada, sem professor para dar continuidade aos seus ensinamentos. O Pai Vóbis deixa um grande vazio na educação no Município de Mossoró/RN. Nesta década, a educação no Rio Grande do Norte, se fundamentava no governo do Desembargador Joaquim Ferreira Chaves (1914-1920), com base na Lei Orgânica nº 405, de 29 e novembro 1916⁹⁷.

Com a falta do Pai Vóbis, a comunidade deseja a continuação da escola, porém, a estrutura do prédio está em péssimas condições físicas o que vem dificultar a continuação do funcionamento da escola. Nesse contexto, em meados da década de 1919, aconteceu uma grande Epidemia gripe espanhola e a escola serviu de hospital.

No ano de 1920 aconteceu a Reforma no ensino. Passou de Escola Rudimentar para Escola Isolada⁹⁸. Dirigida por leigos. Somente no período de 1925 a 1930 começam as nomeações de professores diplomados e a escola sofreu sensíveis mudanças na sua restauração.

Em meados de 1930, o Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas é conhecido como Escola Reunida⁹⁹. As Escolas Isoladas¹⁰⁰ apresentavam prerrogativas perante as Escolas Rudimentares com relação à probabilidade de equivalência do ensino primário, que ministravam com o vivenciado nos grupos escolares; ainda, contavam com a prerrogativa de serem elevadas à condição de Grupo Escolar, quando atingiam a marca de cento e vinte matrículas e acima de noventa alunos frequentando as aulas.

No entanto, poderiam ser fechadas se apresentassem supostamente menos que vinte matrículas e abaixo de quinze alunos assíduos, por se entender que faltava incentivo para os alunos frequentarem os espaços escolares, partindo do princípio que a educação não era tão discutida como na atualidade. Pelo fato de só haver o professor Pai Vóbis na localidade, as

⁹⁷ A educação escolar primária, normal e profissional foi reformada (Lei Orgânica de nº 405, de 29 de novembro de 1916) oferecendo condições de maior eficiência e amplitude. Base essencial da organização da educação pública, a educação primária seria ministrada nos grupos escolares, escolas isoladas, escolas rudimentares, escolas ambulantes e escolas noturnas a funcionarem nas sedes dos municípios, vilas, povoados, bairros operários e burgos agrícolas das localidades

⁹⁸ Esse sistema de instrução pública em vigor durante o século XIX e também durante parte do século seguinte, composto por aulas avulsas, ministradas por mestre-escola em suas próprias residências ou em salas alugadas,

⁹⁹ As Escolas Reunidas tiveram um importante papel no cenário educacional pois proporcionaram o acesso à educação da população infantil moradoras de bairros e vilas onde não havia grupos escolares.

¹⁰⁰ Um documento que integra a seis do Estado do Rio Grande do Norte.

primeiras professoras do sexo feminino, que atuaram na escola foram: Profa Ozelita Cascudo¹⁰¹ (1907-1996), nasceu em Areia Branca/ RN, e Maria de Luzia Martins.



Foto 27: Professora e diretora da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, ano de 1930

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas

No ano de 1940, a escola é homenageada com o nome de Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, seguindo o curso das alterações e acréscimos ao longo das décadas, entre tantas aquisições em benefícios da escolar é contemplada com o Hino, criado pela primeira diretora da Escola, Ozelita Cascudo, no ano de 1940.

HINO DA ESCOLA

I

Honra e glória
A um grande sacerdote
Que brilhou como um astro no céu
Foi um bem, foi um sábio
E um forte
A serviço da pátria e de Deus

II

Salve! Padre glorioso
E sagrado
Oh! Estevam querido
É imortal
Salve! Pois seu torrão abençoado

¹⁰¹ Ozelita Cascudo Rodrigues foi uma educadora e ativista política brasileira. Fez parte da primeira turma formada pela Escola Normal de Mossoró e tornou-se notória por criar o grupo Senado das Mulheres. Nascimento: 1907 Falecimento: 1996

Salve! Salve! Seu berço natal.

III

Do seu nome sem par
Para luta
Todo povo conhece o fulgor
Mossoró hoje em peso tributa
Esse hino de paz e amor.

IV

Do seu nome levita
Se encerra
O ideal de um grande educador
Homenagem dos jovens da terra
Que exalta com fé e ardor.

O hino foi cunhado para a Escola Estadual Cônego Estevam Dantas e mostra a dedicação, o zelo e o amor pela escola. As suas estrofes e na sua letra há figuras e palavras que retratam a dedicação ao sacerdote José Estevam Dantas. Nessa época, se constitui a ascendência social no bairro do Alto da Conceição, e da história como parte integrante de uma localidade que educa gerações.

Para ilustrar esse fato, temos como referência alunos, que estudaram na escola e que hoje são conhecidos como grandes mestres na sociedade Mossoroense e atuam na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Destacamos a professora Dra. Francisca de Fátima Araújo Oliveira¹⁰² e a Profa. Francisca Glaudionora Silveira¹⁰³, entre outros e, que fizeram parte da história desta escola, e que, atualmente, fazem história na sociedade com destaque de contribuição à educação em nossa cidade.

Nesse mesmo ano, a escola recebeu melhoramentos na estrutura física. Também aconteceram mudanças na sua reforma educacional. Essas reformas serviram para aprimorar as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores vão influenciar diretamente na educação dos alunos da escola naquela década.

¹⁰² Foi Pró-reitora no ano de 2013 é Professora Doutora em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

¹⁰³ Professora aposentada da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Atualmente é Supervisora Pedagógica no Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró no Ensino Fundamental I

Também nesse ano, foi nomeada a primeira diretora profa Ozelita Cascudo Rodrigues que fez parte da primeira turma formada pela Escola Normal de Mossoró/RN ¹⁰⁴, que foi inaugurada em 02/03/1922, sendo a segunda do Estado que foi criada pelo Decreto 165 de 19/01/1922, destinada à formação do professorado primário.

O seu primeiro diretor foi o Bacharel Eliseu Viana, e, em 01/05/1922 e fundou a Associação de Normalistas, que teve como primeiro presidente Adauto Miranda. Ano de 1961. Na Escola Estevam Dantas foi inaugurada a Biblioteca São Tarcísio. As fontes fornecidas pelo acervo da escola indicam que, no ano de 1966, o espaço era reduzido e não tinha como os alunos interagirem e, após uma simples reforma, foi construído um galpão, onde os alunos poderiam ter mais liberdade, que é um espaço para o processo de interação. Foram construídas também uma despensa e uma cozinha com mais espaço para atender a demanda dos discentes

No início dos anos 1970, com a reforma do ensino Lei Nº 5.692/71 do ano de 1971, foi intensificada uma preocupação instrumental com os métodos de ensino, o que confirma uma perspectiva racional, desenvolvimentista e produtivista dos meios de ensino. No ano de 1971, a Escola Estadual Cônego Estevam Dantas é contemplada com o início da merenda escolar, que vem em benefícios dos alunos.

Nesse processo de racionalização, a escola, os professores e os alunos do grupo, ora conhecido como Escola Estadual Cônego José Estevam Dantas, tinham seus papéis previamente definidos quanto ao que, como e quando ensinar, demonstrando o grau de objetividade e de produtividade ao qual a educação fora subordinada.



Foto 28: Estrutura Física da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, 1979
Fonte: Arquivo da escola.

¹⁰⁴ Inaugurada em 02/03/1922.

A foto ilustra a fachada da escola Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas no ano de 1979, período em que a escola atuava somente como fundamental menor de 1ª a 5ª ano, retrata também um pouco da estrutura física, a qual vem dá origem a uma reforma, ainda pequena, mas que contribui para o funcionamento integral da escola. Em 1985, o prédio da escola recebe verbas do governo do Estado para iniciar mais uma reforma, devido à demanda de alunos que se espremiavam em pequenas salas.

Dando continuidade ao histórico, no ano de 1989, inicia-se o processo de emancipação política, passando integrar em suas ações administrativas as eleições diretas para diretor, fortalecendo assim a gestão democrática¹⁰⁵ e participativa no âmbito escolar que se constitui em uma prática que deve priorizar o desenvolvimento integrado de todos os agentes envolvidos no processo pedagógico.

Em meados de 1990, uma portaria N° 339/90-SEC/GS, autoriza o funcionamento da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, como estabelecimento de ensino de 1º Grau Menor de 1ª a 4ª série na cidade de Mossoró, antes funcionava sem portaria, de forma irregular. O ano de 1995 existe um processo deterioração. Surgem sinais de abandono e uma ameaça de desabamento. A Secretaria Estadual de Educação e do Desporto (SECD) alugou a antiga creche Ribeirinha com o intuito de atender a demanda dos alunos em prol de conhecimentos sem prejuízos do comprometimento do ano letivo em curso.

A Escola foi demolida e em seu lugar foi construída nova unidade. Segundo relatos do jornal O Mossoroense, em 120 dias, a escola foi totalmente demolida e no local constrói-se um novo imóvel, com o térreo e um andar superior, conta com seis salas de aula – (uma a mais que a anterior), uma Biblioteca, uma sala de professores, seis banheiros, sendo dois no térreo para alunos (masculino e feminino), dois para os professores (masculino e feminino), dois no andar superior para alunos (masculino e feminino), uma sala para a secretaria, uma sala de direção, uma sala de vídeo, uma sala de informática e um pátio pequeno, um espaço para os alunos merendarem e brincarem durante os intervalos.

Atualmente, tem-se discutido muito o novo papel da gestão escolar como instrumento para inserção de movimentos de transformação na atuação dos professores, dos alunos, dos pais e comunidade. Para isso, a gestão tem buscado subsídios nos aspirais da democracia e da participação. A lei da Gestão democrática tem início no ano de 2005, esse foi o primeiro ano

¹⁰⁵ A Gestão Democrática é baseada na coordenação de atitudes e ações que empreendem na participação social, ou seja, a comunidade escolar (professores, alunos, pais, direção, equipe pedagógica e demais funcionários) (Grifo da autora)

de eleições democráticas nas escolas da rede estadual de ensino. A Lei Nº 290/2005 dispõe sobre a democratização da gestão escolar no âmbito da Rede Pública Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte, na qual a comunidade escolar escolhe, através de eleição, o diretor (a) e vice-diretor (a).

Em sua primeira eleição, a Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, em 2005, elegeu para o biênio 2006-2007 a seguinte chapa: Maria Cidete Dantas (diretora) e Antônia Iara de Lima (vice-diretora). Ao final do primeiro mandato, em 2007, houve novas eleições e as mesmas foram reeleitas para mais um mandato bienal, para os anos de 2008-2009. Ao final deste mesmo ano, novamente realizaram-se eleições para o biênio 2010-2011. A diretora Cidete e sua Vice Antônia Iara não poderiam, mas se candidatar, pois a lei não permitia após dois mandatos. Então, nesta nova eleição foram eleitas Antônia Maria de Sousa Bezerra (diretora) e Francisca de Fátima Cavalcante Dantas (vice-diretora). Em 2011 foram eleitos Francisca de Fatima Cavalcante Dantas (diretora) e Artur Heitor Lopes de Lima (vice-diretor). Em 2014, a chapa eleita foi composta por Maria Cidete Dantas (diretora) e Artur Heitor de Lopes de Lima (vice), essa chapa foi prorrogada por mais um ano. A última eleição democrática aconteceu em 2016, onde, atualmente, as gestoras são Maria Cidete Dantas (diretora) e Vanusa Maria Gomes Noronha (vice-diretora).

De acordo com senso do Censo/2016, a Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, mais especificamente, no que se refere às Etapas de Ensino, conta com 296 alunos distribuídos entre o Ensino Fundamental, nos anos iniciais, compreendidos entre 1º ao 5º e Anos Finais, compreendido entre 6º ao 9º ano. No mesmo ano, especificamente em junho, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Supletivo foi desativada. No Ensino Fundamental - Anos Iniciais de 1º ao 5º Ano há 127 alunos funcionando no turno matutino, sendo três (3) com deficiências, e no Ensino Fundamental, que funciona no turno vespertino- Anos Finais de 6º ao 9º, com 169 alunos.

Sobre a infraestrutura com base nos dados do Censo/2016, comprova os recursos existentes na escola como: água filtrada, água da rede pública, Energia da rede pública, Fossa, Lixo destinado à coleta periódica. Os Equipamentos existentes na escola, Computadores administrativos, Computadores para alunos, TV, Copiadora, Equipamento de som, Impressora, Equipamentos de multimídia, TV, Videocassete, DVD, Antena parabólica, Copiadora, Retroprojeter, Impressora, Aparelho de som, Projetor multimídia (Datashow), Câmera fotográfica/filmadora.

Na escola, atualmente, constam sete alunos matriculados que apresentam deficiências, seis com deficiência intelectual e uma aluna com surdez que é acompanhada por uma interprete de LIBRAS e também é atendida pelo CAS¹⁰⁶ Mossoró/RN. Seu desempenho é satisfatório e seu processo de inclusão com os demais alunos acontece de forma inclusiva. A referida aluna domina LIBRAS e incentiva os colegas a aprenderem essa Língua que é universal (LIBRAS¹⁰⁷ Língua Brasileira de Sinais). Para contribuir como o nosso estudo, enfocamos a Lei Nº 13.146/06/2015, - LBI Capítulo IV do direito à educação art. 27¹⁰⁸.

Para contribuir com a visibilidade da Lei Nº 13.146/06/2015, a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas DAIN da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) executa Rodas de Conversas para que a sociedade Mossoroense tenha conhecimento da referida lei. Essas discussões reúnem advogados, professores, psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, médicos, sociólogos, antropólogos entre outros profissionais que atuam na educação e fazem com que a lei seja cumprida e os direitos das pessoas com deficiências sejam garantidos. Ações como essas colocam a cidade de Mossoró/RN em evidência sobre o processo de inclusão.

De acordo com as informações da DAIN-UERN, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), somando com a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas desenvolvem no âmbito da universidade, bem como em contexto local ações fundamentais na formação de recursos humanos, políticas e gestão da educação em diferentes áreas de conhecimento. Prima esforços pela qualidade de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão com ações, que buscam a consolidação da inclusão de estudantes com deficiências, a quebra de barreiras arquitetônicas e atitudinais promovendo a acessibilidade fortalecida pelo entendimento da pertinência da perspectiva de inclusão no âmbito da coletividade. As referidas Rodas de Conversas da Lei Brasileira de Inclusão foram significativas para o meu crescimento intelectual, pois possibilitou conhecimentos, que, aos poucos, foram contribuindo para a

¹⁰⁶ O Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – sede de Mossoró – é resultado de uma caminhada histórica de superação rumo à inclusão do surdo no Rio Grande do Norte, com a finalidade de promover o sucesso educacional de pessoas surdas, com vista a sua inserção no mundo social e do trabalho. (Fonte do acervo documentais do CAS).

¹⁰⁷ Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

¹⁰⁸ A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação. Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar.

construção desta pesquisa, servindo de suporte para compreender o processo inclusivo dos alunos com deficiências no âmbito da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas

2.3 Biografia do Padre Cônego José Estevam Dantas: nasce o nome da escola

Neste tópico, narraremos a biografia do padre que deu seu nome a Escola Estadual Cônego Estevam Dantas. Nasceu em São José do Mipibu¹⁰⁹ no dia 13 de agosto de 1860. Filho de Miguel Antônio Ribeiro Dantas e Dona Joana Evangelista dos Prazeres Dantas. Seu batismo foi no Engenho Porteiras, a 16 de setembro no mesmo ano de seu nascimento, oficiado pelo Padre Targino Paulino de Carvalho.

No ano de 1880, teve o grão de licenciado em Ciências Filosóficas. Na Universidade Gregoriana de Roma, estudou a Teologia e o Direito Canônico, recebendo a ordem do subdiaconato a 23 de setembro de 1882, na Basílica de São João de Latrão em Roma. Tendo a carta de apresentação, datada de 1880 da Princesa Imperial Regente e tomou como Vigário cotado a 21 de janeiro posse da paróquia, no Palácio da Soledade, no Recife, dada pelo bispo Dom José Pereira Barros. Ocupou a cadeira de Teologia normal no Seminário da Paraíba e também na secretaria do bispado, por nomeação do bispo Dom Aduato, em 1896 teve o Título de Cônego Honorário.

No ano de 1877, o sacerdote José Estevam Dantas vai à Roma onde concluiu o curso de Humanidade, passando a estudar Ciências Filosóficas na Universidade Gregoriana que lhe conferiu os graus de Bacharel, e Licenciado naquela Ciência nos anos de 1880 e 1881 e no ano de 1883 regressou ao Brasil para dar continuidade ao Curso de Teologia no Seminário de Olinda e Fortaleza.

Recebeu ordenação sacerdotal no dia 19 de novembro de 1884. Cantou sua primeira missa na matriz de São José do Mipibú no dia 30 de novembro de 1884, e em 1886, assumiu o

¹⁰⁹ São José de Mipibu é um município no Estado do Rio Grande do Norte (Brasil), localizado à 30 km de Natal. Mipibu é uma palavra de origem Tupi que significa surgir subitamente. Foi este aldeamento que deu origem ao nome do município. Os primeiros habitantes da região foram índios Tupis, que se localizaram nas proximidades do rio Mipibu, que recebeu esse nome por surgir de repente na famosa Fonte da Bica e percorrer por quatro quilômetros, até desaguar no rio Trairi. Em adiantado processo de organização e sinais de povoação, o aldeamento passou a ser coordenado pelos frades Capuchinhos, no final do século XVII, até o ano de 1762, quando foi instalada a vila de São José do Rio Grande do Norte. (Apontamentos sobre a História do Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró Rio Grande do Norte- 2002)

cargo de vigário de Macau/RN, no qual permaneceu por dois anos. No ano de 1888, foi Vigário de Açú. Em 1894, foi nomeado secretário da Câmara Eclesiástica. Anos depois, é nomeado Cônego da Catedral. Estevam Dantas é também nome de praça no bairro Bom Jardim, popularmente conhecida como Praça dos Hospitais.

Em 1901, veio para Mossoró, a fim de dirigir o Colégio Diocesano Santa Luiza, permanecendo no cargo até 1907, como primeiro Diretor. Depois de sua saída dessa instituição, o Pe. Estevam Dantas é enviado para a cidade de Açú e renunciou a Paróquia. Dando preferência a paróquia de Macaíba, tendo sua posse a 24 de fevereiro de 1907. Em 1910, deixou Macaíba, e vem a ser diretor do Colégio Santo Antônio em Natal capital do Estado do Rio Grande do Norte.

O Cônego iniciou seus estudos primários com sua prima Dona Amélia Ribeiro Dantas e com Professor Manoel Onofre Pinheiro. Aprendeu Latim com o professor Padre Joaquim Severiano Dantas. Deu continuidade aos estudos no Colégio dos Padres da Companhia de Jesus em Recife. Em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, estudou no Ateneu.

O sacerdote Estevam José Dantas era profundamente versado em latim e italiano, escrevia poemas e produzia as traduções que publicou na imprensa de Natal e de Roma. Possuía a medalha honorífica “Pro Eclésia et Pontífice”. Elegeu-se Deputado Estadual (1915) e era membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, onde exerceu o cargo de 1º Secretário.

Dentre os filhos de São José de Mipibu, elevados à dignidade sacerdotal, o Cônego Estevam José Dantas, teve lugar de destaque, pela sua cultura, sobretudo, no conhecimento profundo da língua latina. Sua trajetória educacional se inicia como Professor de Italiano no Ateneu em 1911; Vigário de Natal de 1914 a 1915; Secretário do bispo desde 1917 a 1918; Vigário de Natal, outra vez; professor do Seminário de São Pedro, em Teologia Moral e Latim. Diretor do Ateneu em 1919. Deputado no Congresso Legislativo para a Constituição do Estado em 1915 e em 1924 deixou a Direção do Ateneu.

Capelão do Colégio da Conceição e da Igreja do Rosário e, nesta Igreja, ficou até a sua morte. Como poeta latino, deixou para o seu túmulo, esta inserção “*Sui nos fraterno invita conjuxitamore, in somno tumuli nos ded't esse simul*”. Faleceu em Natal, na sua residência, no Alecrim, às 18:45 horas da noite de 29 de julho de 1929. Os seus restos mortais estão em um túmulo da família, no cemitério do Alecrim.



Foto 29: Imagem do Padre Cónego Estevam Dantas. Ano de 1930
Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cónego Estevam Dantas

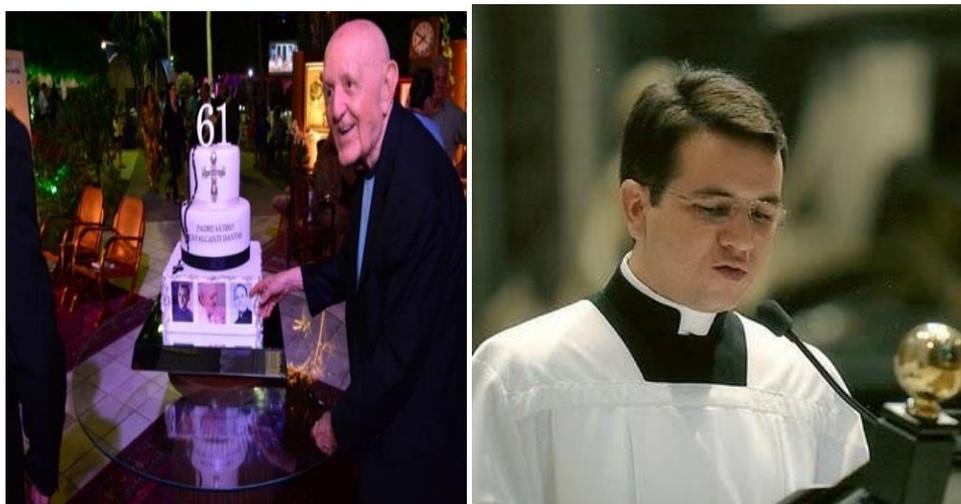
O sacerdote Cónego Estevam José Dantas foi o primeiro diretor do Colégio Diocesano Santa Luzia em 1902, sua primeira sede era localizada à Praça Vigário Antônio Joaquim, atualmente o Banco do Brasil. O Colégio Diocesano Santa Luzia é uma grande referência da igreja Católica do Rio Grande do Norte na área da educação, sua linha pedagógica é uma busca constante pela formação humana dos jovens, dentro de um ambiente escolar identificado pelo espírito evangélico de liberdade e solidariedade. Quando faleceu, deixou um grande legado na educação do Município e o seu sucessor na diretoria da escola é o padre Francisco Sales.



Foto 30: Imagem da fachada do Colégio Diocesano Santa Luzia- 2000
Fonte: Arquivo do Colégio Diocesano Santa Luzia.

O Padre Francisco Sales foi nomeado diretor do Colégio Diocesano, em janeiro entre o período de 1946, e logo lançou o desafio de construir uma nova sede para o velho "Santa Luzia". A pedra fundamental foi chamada a 30 de setembro de 1947 e em junho seguinte, iniciam-se as obras, como presente de aniversário ao Sr. Bispo D. João Costa. Nos anos 1953 a 1955, os trabalhos aumentam e os novos pavilhões vão surgindo, graças às contribuições de particulares e às verbas federais, conseguidas através de político da região. No primeiro semestre de 1956, chega uma ajuda federal, de um milhão e quinhentos mil cruzeiros (1.000,000,000), conseguida por Dom. Eliseu Mendes do "Fundo Nacional de Ensino Médio", veio como adiantamento a ser ressarcido em "Bolsas de Estudo", durante dez anos.

Houve muitas campanhas e ajudas a fim de que as obras pudessem ser realizadas para a inauguração da nova sede. Esse dia foi uma grande data lembrada em placa comemorativa. Neste ano, as aulas iniciaram em agosto, nas novas instalações. O Colégio Diocesano Santa Luzia conseguiu implementar o 2º ciclo, em 1957, graças aos esforços e lutas do Cônego Sales, apoiado por Dom Eliseu, no Departamento de Ensino Secundário.



Fotos 31-32: Equipe diretiva do Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró/RN: Padre Sátiro Cavalcante Dantas e Padre Charles Lamartine de Sousa. Ano de 2010.
Fonte: Arquivo do colégio Diocesano Santa Luzia

Hoje, quem está à frente da direção do Colégio Diocesano Santa Luzia é o Padre Charles Lamartine e Souza Freitas, desde o ano de 2012, data de sua nomeação pelo Bispo Dom Mariano Manzana. Ao longo desses anos, o Pe. Charles vem realizando benfeitorias na infraestrutura pedagógica e física. A partir dessas ações, aumentou no número de alunos,

promove também ações de formação continuada para os funcionários e professores. Pe. Charles¹¹⁰ é aluno do Mestrado em Educação do Programa Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN na linha de pesquisa Práticas Educativas, Cultura Diversidade e Inclusão.

2.4 Resgate das práticas pedagógicas do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas: os acontecimentos que marcaram e fizeram sua história

Objetivamos fazer um Resgate das práticas pedagógicas das professoras do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, sublinhado os acontecimentos, que marcaram e fizeram parte da história da escola, através dos acontecimentos educativos executados com o apoio da equipe dos funcionários e professoras da escola bem como, o apoio da comunidade escolar. Esses acontecimentos pedagógicos serão confirmados a partir de datas comemorativas festejadas e como eram evidenciadas as festividades cívicas e religiosas, para vislumbrar como se fundamentava na realidade as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. Neste aspecto, o estudo dialoga com referenciais, que concebem as realidades vividas em espaços e tempos determinados, articulados a construções sociais complexas, que complementam a formação e contribuem para uma reflexão da realidade das instituições e dos processos educativos escolares.

Para dar início a nossa discussão, traremos as contribuições de Silva (2011) com o intuito de cooperar como o objetivo da nossa pesquisa, quando se refere às contribuições que refletem à realidade das instituições. Silva (2011, p. 30) afirma que: “essas cooperam para refletir as realidades escolares, nas formas como é pensada e construída a fim de alargar o conhecimento sobre elas”. Para o autor, se o corpo docente, administrativo e de apoio conhecerem a realidade da escola, existe uma maior possibilidade de compreensão por parte dos seus membros de atender as demandas da escola e colaborarem de forma eficaz para a efetivação das aprendizagens significativas e da organização da escola, também, na forma de

¹¹⁰ Aluno do Mestrado em Educação. Sempre em busca da formação continuada embarcou para o México - XXI Congresso Internacional de História Oral, com os componentes do Grupo de alunos e ex-alunos do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, junto a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar denominado de O Bom da Viagem é a Viagem, nome criado pela professora Ana para nomear a turma 2015.1 de alunos em caráter especial.

como são transmitidos os conteúdos, possibilita aos envolvidos no processo uma reflexão crítica de suas práticas pedagógicas.

Partilhando do mesmo mote de raciocínio, Freire (1998, p. 43) afirma [...] “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática”. Com base na reflexão do autor, é necessário, sobretudo, que os educadores se tornem sujeitos de suas práticas para envolverem os alunos no processo educacional e ajudarem na capacidade de compreender o mundo, passa a se tornarem partícipes de seus acontecimentos históricos, sociais e políticos. Para que assim possam estar em proeminências, seus conhecimentos de mundo e da visibilidade ao seu intelectual.

Tencionamos fazer uma pesquisa para respaldar as práticas pedagógicas do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, partindo dos acontecimentos que marcaram parte de sua história. As práticas serão comprovadas através dos fatos sucedidos durante o período delimitado no recorte histórico sublinhado, explicitando os anos de 1970 e 1980.

Demonstraremos as práticas pedagógicas das professoras por meio de fotos dos arquivos da escola como fonte documental para confirmar como eram as vestimentas, aspectos culturais das atividades desempenhadas pelos alunos, tudo isso com base nas ações e conteúdos ministrados pelas docentes. As ações eram realizadas de acordo com as datas comemorativas executadas durante o ano letivo, como proposta de intervenção pedagógica concretizada em sala de aula e no pátio da escola.

De acordo com as informações das fontes documentais, as professoras demonstram preocupações em fazer um trabalho diferenciado, possibilitando aos discentes reflexões sobre as temáticas dentro de suas respectivas datas comemorativas a serem trabalhadas, indo de encontro aos objetivos propostos nos planejamentos dos professores, que possibilitam a instituição apresentar os conteúdos de acordo com sua realidade, e recupera sua historicidade e sua real importância para a comunidade escolar do bairro do Alto da Conceição.

Na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, o planejamento é o sinalizador das ações necessárias para a condução do processo de ensino e para que sejam atingidos os resultados desejados de acordo com a proposta pedagógica adotada em cada unidade bimestral, mensal e diária. Dentro da proposta pedagógica adotada pela instituição, percebe-se a partir das análises nos documentos da escola, que existem necessidades básicas no cotidiano dos alunos tais, como: material pedagógico, espaço para lazer. Dessa forma, a escola procurava trabalhar os conteúdos significativos para a demanda local, por entender, que produzem o suporte na

formação do cidadão crítico, ativo, participativos, integrados ao meio social, no qual estão inseridos.

As datas comemorativas eram determinadas no planejamento da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, visto que, todas as ações humanas requerem planejamento para que sejam bem executadas e possam alcançar êxito. Sobre isso, Libâneo (2005, p. 124) afirma:

O planejamento é o ponto de partida. Nele são expressas as ações a serem realizadas em função da tomada de decisão a respeito dos objetivos que se pretende alcançar. Resulta em um plano ou projeto para a instituição de ensino

Com base na citação de Libâneo (2005), as ações desenvolvidas na escola são determinadas no planejamento com referência os objetivos a serem alcançados e dependem das tomadas decisões da equipe de professores, supervisores e a gestão. Portanto, os conteúdos referentes às datas comemorativas explícitas no planejamento, eram também comprovados através de peças teatrais, jograis, danças, confecções de cartazes e aulas práticas. As culminâncias das atividades desenvolvidas pelos alunos são apresentadas para a comunidade escolar no pátio da escola.

Entre as datas comemorativas trabalhadas durante o ano letivo, escolhemos algumas para ilustrar nosso capítulo. Destacaremos a comemoração da Páscoa; o Dia do Livro Infantil; Dia do Trabalhador; Dia das Mães; Abolição dos Escravos; Copa do Mundo: Festas Juninas; Folclore; Dia da Árvore; Dia da Bandeira. O ano é encerrado com as festividades Natalinas. As escolhas das datas elencadas justificam-se por ter um significado maior sobre a comprovação das práticas pedagógicas executadas pela professora da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas no recorte histórico. Tais datas serão oportunas para responder o objetivo da proposta da escola, pois de modo simples evidenciam as práticas pedagógicas da professora com mais sustentabilidade. Algumas das atividades foram desenvolvidas nas turmas de 1ª a 4ª Séries do Primário.

Para dar visibilidade as práticas, apresentamos a sequência das datas e dos meses do ano letivo de acordo com o calendário de planejamento escolar da instituição¹¹¹. A primeira data trabalhada que submerge nas práticas pedagógicas da professora, mostra uma ação em

¹¹¹ Essas ações evidenciadas no texto dissertativo foram coletadas por intermédio das fotos selecionadas de acordo com a década em destaque na pesquisa - 1970 e 1980.

comemoração ao Dia da Páscoa¹¹². Em um primeiro momento, a professora transmite o conteúdo do tema em sala de aula. Em seguida, realiza uma atividade de pesquisa sobre os símbolos religiosos da Páscoa e seus significados. Nesse momento trabalha a leitura a produção de texto

Nessa atividade, a docente enfocou o Ensino Religioso e os ensinamentos bíblicos para o entendimento e fixação dos alunos e destaca o significado da Páscoa, proporciona ao aluno conhecer o sentido espiritual e também do comercial em torno da data festiva (Páscoa).

Na culminância da atividade sobre a Páscoa, os alunos finalizaram a festividade apresentando as principais atividades desenvolvidas durante o período de preparação para o dia marcada para a celebração. Entre os materiais confeccionados pelos alunos estão: a confecção dos símbolos, apresentação de um jogral para a comunidade escolar, exposição de poesias, entrega de lembrancinhas para os presentes simbolizando um coelho. Esse tipo de atividade mostra que a prática da professora desenvolvia a criatividade de acordo com o contexto.



Foto 33: Comemoração da Páscoa na Escola estadual Cônego Estevam Dantas, 1979

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

A foto destacada mostra a culminância das atividades desenvolvidas pelos alunos sobre o tema Páscoa durante o tempo da execução da atividade. Seus trabalhos finais são expostos e, onde se percebe a partir de uma análise da foto, percebemos, uma demonstração de um momento prazeroso e de aprendizagem vivenciados pelos alunos. A avaliação ocorreu de forma

¹¹² A Páscoa é uma festa religiosa dos cristãos e comemora a ressurreição de Jesus. Mas há muito tempo povos do hemisfério norte festejavam nessa mesma época a chegada da primavera e o renascimento da natureza. Na festa antiga já se usavam símbolos como coelhos e ovos pintados com cores que lembravam o colorido que toma conta do campo na primavera.

coletiva, quando a professora levou em consideração a desenvoltura do aluno com relação à participação e empenho nas atividades de acordo com a forma de avaliação da década.

Dando continuidade as atividades desenvolvidas na escola, destacaremos outra comemoração importante que se faz presente em todas as instituições de ensino e em toda sociedade de modo geral, que se materializam no mundo. Essa atividade também corrobora e nos dar suporte para entender as práticas pedagógicas. A celebração festiva do Dia do trabalho¹¹³. Nessa atividade, a professora escreveu o conteúdo no quadro para os alunos anotaram em seus cadernos e avulta as profissões existentes na década de 1970¹¹⁴. Após esse momento, a docente pediu que os alunos construíssem textos relacionados à temática exposta em sala e os educandos deveriam produzir seus textos com base nas experiências do trabalho de seus pais.

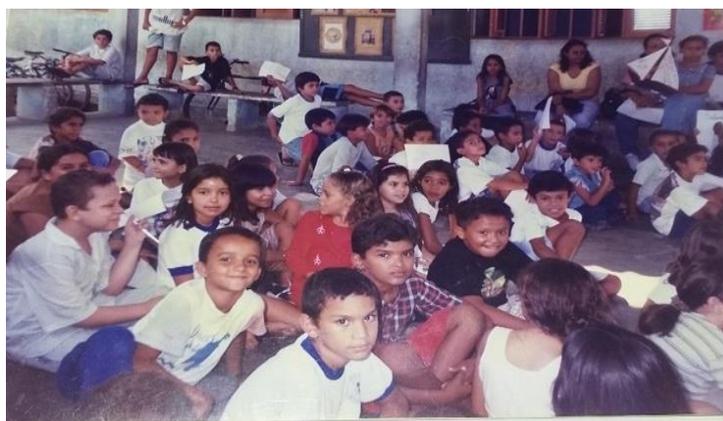


Foto 34: Atividade de Comemoração do dia do trabalhador na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, 1979

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

A foto ilustra a finalização da atividade dos alunos, que apresentaram suas produções à comunidade escolar. No final, após as apresentações, foi proposto um levantamento das profissões dos pais dos alunos da escola em um painel apresentado no pátio e, em seguida alocado em cada sala de aula. No processo avaliativo, a professora buscou ressaltar a

¹¹³ O Dia do Trabalho ou Dia do Trabalhador é comemorado anualmente em 01 de maio em diversos países do mundo. O Dia do Trabalho é feriado nacional no Brasil, em Portugal, Rússia, França, entre outras nações. Esta data representa o momento que os empregados e as empresas têm para refletir sobre as legislações trabalhistas, normas e demais regras de trabalho.

¹¹⁴ De acordo com a década de 1970, estas são algumas das profissões mais em alta: Salineiros, ferroviários, industriais, construção civil (que começa a dar sinais de abertura.) Grifo da autora.

importância de cada profissão. A finalização do trabalho teve seu ponto crucial, na sala de aula, quando a professora instruiu os alunos a desenharem o que sonhavam ser quando adultos.

Outra data comemorativa que enfoca as práticas das professoras é do dia das mães, visto pelas escolas e pela por todas as sociedades com um dia muito festivo, de origem comercial na linhagem afetiva. Na escola, foi comemorado como uma atividade muito bem organizada pelas professoras e pela comunidade escolar. Esse dia é de festa, mas a escola deve tomar cuidado para não transformar o Dia das Mães em uma comemoração sem qualquer significado.

É preciso deixar claro que segundo a Igreja Católica o primeiro Dia das Mães foi promovido pela Associação Cristã de Moços de Porto Alegre, no dia 12 de maio de 1918. No Brasil o dia das mães foi oficializado em 1932 que o presidente Getúlio Vargas¹¹⁵ como o segundo domingo de maio como Dia das Mães no país. Em 1947, a data do Dia das Mães passou a ser incluída no calendário oficial da Igreja Católica no Brasil.

Neste sentido, as professoras procuraram mostrar para às crianças, que as mães são importantes sempre e, não apenas, nessa data específica ligada mais ao comércio. A comemoração serve para que a escola possa aproveitar e usar a data como uma forma de se aproximar das famílias.

Na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, no Dia das Mães, aconteceu uma grande celebração no pátio. Essa celebração foi iniciada com a abertura pela diretora, que fez a leitura de um texto relacionado à data. Levando as mães a refletirem sobre seu papel, visto que, na década de 1970 as crianças eram preparadas para tratar com respeito as pessoas, a educação era muito acompanhada pelos pais e os alunos obedeciam às pessoas da escola com respeito.

A foto abaixo mostra o envolvimento da família com a comunidade escolar, a presença das mães representa também o compromisso com a escola dos filhos bem como, prestigiando as apresentações.

¹¹⁵ - Getúlio Dornelles Vargas, foi advogado e político brasileiro, líder civil da Revolução de 1930, que pos fim a Republica Velha



Foto 35: Atividade festiva em Homenagem ao Dia das Mães na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas. Ano de 1979

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

A foto traduz a continuidade da atividade festiva ao Dia das Mães, comprovada através de uma apresentação de um grupo de meninas (alunas) cantando e fazendo coreografias para homenagear as mães.



Foto 36: Homenagem às mães /1980

Fonte: Arquivo da escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

Com base nesse tipo de atividade, mesmo com o sistema político em regime ditatorial, as professoras alargavam suas práticas pedagógicas com foco no desenvolvimento intelectual, moral e social dos alunos e, que essas comprovavam suas práticas oportunizando aos alunos se sentirem sujeitos participativos.

No mês de junho, quase todas as escolas brasileiras, comemoram as festas alusivas aos santos homenageados neste mês. No Brasil, por volta do século XVII, no mês de junho, comemoram-se as chamadas “Festas Juninas”, que possuem esse nome por estarem associadas ao referido mês. Além daquilo que é típico dessas festas, como trajes específicos, comidas e bebidas, fogueiras, fogos de artifício e outros artefatos feitos com pólvora (como bombinhas), há, também, a associação aos santos católicos. Santo Antônio (o santo que traz o casamenteiro para as moças), São João e São Pedro (conhecido como o porteiro do céu).



Foto 37: Festas juninas - Coroando o rei e a rainha, denominados Príncipes e princesas. Ano de 1999

Fonte: Arquivo da escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

A foto traduz o momento maior da festa junina na escola, quando o rei e a rainha são coroados, de acordo com a quantidade de bilhetes juninos vendidos pelos alunos, famílias e colegas de sala. Os professores escolhem entre os alunos uma menina para ser a rainha e um menino para ser o rei. Durante o período junino, os professores arrecadam entre os alunos alimentos não perecíveis, para formar um balaio junino, que deveria ser sorteado na culminância da festa entre as pessoas, que adquiriram seus bilhetes. Os bilhetes eram entregues para os alunos venderem.

Outra data especificada para atender a proposta pedagógica das professoras, foi a comemoração do dia da Abolição dos Escravos¹¹⁶. Inicialmente, a professora mostrou o conteúdo específico para os alunos. A professora pediu aos alunos para representarem a libertação dos escravos através da encenação de uma coreografia, que traduz a liberdade dos homens e mulheres em um determinado tempo na história do nosso Brasil.

¹¹⁶ Em 1888, no dia 13 de Maio, foi assinada pela princesa Isabel, filha de D. Pedro II, a Lei Áurea. Com essa lei, era abolida definitivamente a escravidão no Brasil. Entretanto, não houve a adoção de nenhuma medida que levasse à inclusão dos escravos libertos na sociedade brasileira, deixando-os marginalizados e alvos do racismo vigente no Brasil.



Foto 38: Comemoração sobre o dia da Libertação dos Escravos, 1985
Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas

Na foto as alunas aparecem com os braços cruzados, o que reflete a forma de como os escravos eram mantidos sem liberdade. No ano de 1888 a escravidão foi abolida por intermédio da Lei Áurea, que foi assinada pela princesa Isabel no dia 13 de maio daquele ano. Essa medida libertou os escravos, que existiam no Brasil. A medida incomodou os vários patenteados de terra que embora dependessem da opressão dos afazeres dos escravos para brotarem gêneros agrícolas em seus atributos.

Mais uma vez, podemos compreender que as práticas pedagógicas das professoras eram voltadas para o entendimento dos fatos partindo dos conhecimentos dos alunos a cerca de um determinado assunto da nossa história, pois para se compreender o presente, se faz necessário compreender os fatos vividos no passado.

A data comemorativa alusiva ao Folclore¹¹⁷, também é trabalhada na escola como fonte de conhecimentos para que os alunos pudessem percebê-los como uma das manifestações culturais existentes em muitas configurações culturais e em todas as regiões do Brasil. Essa cultura popular se configura como mutável e se alarga em diversidades, de acordo com a forma de compreensão de uma determinada região.

As professoras mostraram um dos mais renomados folcloristas do Brasil, Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), definiu o folclore como [...] “uma cultura popular, tornada

¹¹⁷O conjunto de lendas, de provérbios, de encenações e festas, sempre concentra, em seu fundo, uma sabedoria de conteúdo moral, tal como as fábulas e contos de fadas. Geralmente é essa sabedoria que orienta as comunidades locais, que vivem circunscritas em determinada tradição. A tradição folclórica do Brasil, por exemplo, desenvolveu-se de variadas formas de acordo com as regiões do país. Esse desenvolvimento se deu a partir da mistura das tradições dos principais povos que se misturam em terras brasileiras; notadamente, povos africanos, os nativos indígenas e europeus.

normativa pela tradição¹¹⁸”. Neste sentido, para dar ênfase ao conteúdo trabalhado, organizou-se uma exposição com os objetos antigos trazidos pelos alunos que foram utilizados por uma determinada camada social em outros espaços de tempo.



Fotos 39-40: Comemoração do dia do folclore - Exposição de objetos antigos. Agosto de 1989

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas

A foto tem como objetivo destacar que a cultura popular é de suma importância para a construção da identidade de um povo e ou de uma civilização inteira. O ponto crucial desta data foi a aquisição de matérias antigas, que os avós e antepassados utilizavam e, que deixaram marcos como suporte para a propagação da nossa cultura. Os objetos foram expostos no pátio da escola. Entre os itens adquiridos, temos: panelas de barro, louças antigas, vários tipos de ferros de passar roupas (fundidos em ferro), lampiões a gás, bules de ágata, pilões¹¹⁹ de madeira, balanças de ferro com pesos de bronze, alquidar de barro, sinos de bronze entre outros.

¹¹⁸ Com essa definição, Cascudo pretendia destacar exatamente o que o folclore significa, em sua acepção original, dada pelo antiquário inglês William John Thomas: folk significa povo e lore, instrução, sabedoria. Assim sendo, a cultura popular também carrega uma sabedoria, um conjunto de conhecimentos específicos, que se organizam, geralmente, em forma de mitos (narrativas) e rituais (festas, cerimônias).

¹¹⁹ Aqui os pilões são de pisar os grãos e também pimenta do reino.



Foto 41: Apresentação do Pastoril. Cordão azul e Cordão vermelho 1989
Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

Essa foto mostra também que os alunos estudaram além dos artefatos antigos, as manifestações culturais através da dança, como forma de prazer, lazer e festa com a apresentação do Pastoril¹²⁰. O pastoril faz parte das tradições culturais da nossa região.

Uma atividade que também subsidia nosso objetivo de analisar as práticas pedagógicas na pesquisa, foi a atividade sobre a Copa do Mundo, tida como um evento internacional, em que os povos de varias partes do mundo se voltam para prestigiar seus países. Na escola, as professoras trabalharam o tema através de pesquisas em livros para que os alunos compreendessem o significado da Copa do Mundo, culminando com a confecção de bandeiras e recitações sobre a Pátria. No ano de 1986, a Copa do Mundo aconteceu no México¹²¹ de 31 de maio a 26 de junho de 1986. O nível técnico da Copa do Mundo 1986 foi altivo, com grandes e renomados craques como Zico, Platini e Maradona. Até a Copa de 1986, esses três ídolos da história do futebol disputavam quem era o melhor do mundo.

¹²⁰ O Pastoril integra o ciclo das festas natalinas do Nordeste, particularmente, em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas. É um dos quatro principais espetáculos populares nordestinos, sendo os outros o Bumba-meu-boi, o Mamulengo e o Fandango.

¹²¹ Participação do Brasil na Copa do Mundo 1986. A brilhante seleção brasileira de 1982 ainda estava na memória de todos na época das eliminatórias para a Copa do Mundo de 1986. Por causa disso, Telê Santana, que estava trabalhando no exterior, foi chamado novamente para ser técnico da seleção. Por estar muito tempo fora do Brasil, Telê convocou um número maior de jogadores para o grupo e depois realizou os "cortes", o que foi problemático e traumático. Além disso, o Brasil contava com seus maiores craques de 1982 envelhecidos, e grande ídolo Zico se recuperando de sério problema de contusão no joelho.



Foto 42-43: Atividade realizada pela escola para retratar A copa do Mundo e os Jogo da seleção Brasileira. Ano de 1986.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

A foto ilustra uma atividade escolar, na qual os alunos mostram as produções sobre a da Copa do Mundo de Futebol de 1986 realizada no México. Alguns dados da copa: as seleções participantes: Argentina, Itália, Bulgária, Coreia do Sul, México, Paraguai, Bélgica, Iraque, União Soviética, França, Hungria, Canadá, Brasil, Espanha, Irlanda do Norte, Argélia, Dinamarca, Alemanha Ocidental, Uruguai, Escócia, Marrocos, Inglaterra, Polônia e Portugal. A Seleção Campeã da Copa de 1986 foi a Argentina e a Vice-campeã foi a Alemanha Ocidental. Gols marcados durante o campeonato: 132 (média de 2,5 gols por partida) Jogo da Final: Argentina 3 X 2 Alemanha Ocidental (Estádio Azteca na Cidade do México) - Público de 114.600 espectadores - Árbitro: Arppi Filho (Brasil).

A data comemorativa alusiva ao Dia da Árvore foi festejada no mês de setembro. Nesta atividade, os alunos aprenderam que se deve cuidar da natureza como costumes habituais juntos no sentido de preservar para que as futuras gerações usufruam o que existe em relação à qualidade de vida. Adquirir a cultura de plantar uma árvore e cuidar da semente é aprender na prática como funciona o meio ambiente e os seus benefícios para a qualidade de vida do homem como ser que necessita de bons hábitos e da natureza para sobreviver.

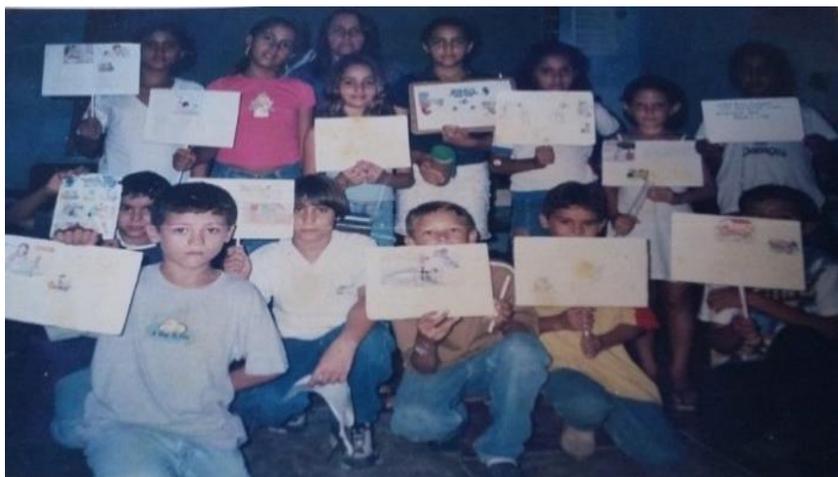


Foto 44: Comemoração do dia da árvore. Ano 1989.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

A foto realça a forma como o conteúdo aplicado foi apresentado. Os alunos participaram de atividades de desenhos e colagens para exibir aos colegas das outras séries.

O objetivo era que os educandos entendessem que é preciso preservar a riqueza natural do planeta como as árvores e a vegetação de forma geral. Após as apresentações, os discentes construíram uma horta nos fundos da escola para eles próprios cuidarem e, também, para ser utilizada as verduras na merenda dos alunos.



Foto 45: Dia da árvore - Horta comunitária para utilizar os produtos na escola em 21/09/1989.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

A foto retrata a culminância da atividade realizada no dia da árvore. Os alunos foram orientados pelas professoras a forma de como atuar em benefício do Planeta Terra e de tudo o que desfrutamos, pois possuem a função de renovar o oxigênio, de brotar alimentos e frutas para o homem e para as diferentes espécies.

Dia da Bandeira também foi celebrado como atividade extraclasse. Porém, antes da culminância da atividade, as professoras expõem o conteúdo. Todos os dias durante a Semana da Pátria, houve o hasteamento da Bandeira Nacional, cantação do Hino Nacional. Nesse momento, os alunos se posicionavam em filas na posição de sentido em respeito a Bandeira Nacional.

Para o fim das comemorações, os alunos confeccionaram cartazes e um painel ilustrado com poesias sobre à Bandeira, reprodução do Hino Nacional/desenhos, apresentação das cores da bandeira e o que elas representam para os brasileiros. Todas as atividades foram realizadas com o auxílio do professor. Por falta de fonte da escola, não foi possível recuperar existente no projeto.



Foto 46: Comemoração do dia da Bandeira. Ano de 1989
Fonte: Disponível em www.google.com.br/search..

A foto da Bandeira Nacional é retirada como imagem na internet, pelo fato de não haver nenhuma no acervo de fotografias da escola. As atividades de ilustração e colagem foram feitas em sala de aula e expostas no pátio da escola.

A última data comemorativa que vamos utilizar para confirmar as práticas das professoras da refere às comemorações do período Natalino. Neste sentido, com a aproximação do término do ano letivo, a escola propõe uma apresentação encenando o Natal, Nascimento do Menino Jesus¹²², que simboliza a vida, o perdão e a paz.

¹²² Na antiguidade, o Natal era comemorado em várias datas diferentes, pois não se sabia com exatidão a data do nascimento de Jesus. Foi somente no século IV que o 25 de dezembro foi estabelecido como data oficial de comemoração. Na Roma Antiga, o 25 de dezembro era a data em que os romanos comemoravam o início do inverno...



Foto 47: Encerramento do Natal da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas em 1989
Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

A foto tem como propósito comprovar o fechamento das atividades desenvolvidas durante o ano. O fechamento acontece com as alunas apresentando danças suaves com roupas brancas de bailarina, que simbolizava a paz e a vida nova que se inicia a cada ano e com a abertura de começar o ano novo.

Através dos conteúdos estudados em sala de aula, as crianças obtêm informações das tradições natalinas, de forma a interativa e descontraída, buscam entender os símbolos natalinos, assim como o estímulo de bons costumes de solidariedade por meio de atividades coletivas e de confraternização, quando toda a comunidade se une com o objetivo de celebrar o dom da vida.



Foto 48: Encerramento do Natal da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas em 1989
Fonte: Arquivo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

Através das evidências demonstradas por meio das fotografias e ações desenvolvidas pela professora, é possível compreender que as práticas pedagógicas da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, no período compreendido entre 1970 e 1980 se ancorava na proposta da Pedagogia tradicional, porém com vistas a uma educação pautada na construção do conhecimento, através das atividades de reprodução dos conteúdos. Com base no contexto político-social vivenciado nas décadas, era centrado em um processo de ditadura imposto pelo governo militar. Neste sentido, com apoio nas pesquisas em documentos do acervo da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, a partir dos resultados aferidos, é possível perceber o reflexo dessa conjuntura no sistema educacional através das estratégias de ensino conteudista. Os alunos reproduziam o que lhes era ensinado e se utilizavam apenas, do quadro negro e um livro de apoio.

Sobre isso, Freire (1999, p. 23) afirma que [...] “o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado”. O autor reforça a ideia de que é necessário compreender, que os seres são inconclusos e precisam buscar sempre novos conhecimentos para viver em coletividade. Como base no objetivo proposto para o capítulo sobre as práticas pedagógicas da professora na década de 1970 e 1980 da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, tratando-se da formação do profissional e da relação do professor e aluno como processo dinamizador da aprendizagem, percebemos com base nas palavras de Freire (1996) que, cabe ao professor desenvolver e criar um bom relacionamento com os alunos para que a aprendizagem se concretize.

Nas práticas da professora há uma sutil mudança relacionada aos paradigmas educacionais da década de 1970 e 1980. Esse fato é mais visível na década de 1980. A professora entrevistada desenvolvia suas atividades escolares voltadas para instigar o potencial dos alunos, que pesquisavam, aprendiam e demonstravam seus conhecimentos adquiridos na sua vida social.

Ainda com base em Freire (1996, p. 24), “quem ensina aprende ao ensinar” respeitando a ciências¹²³ dos alunos, partindo dos conhecimentos prévios para o concreto, e isso facilita seu entrosamento com o mundo que o cerca. O conhecimento e aquisição de informações por parte do professor é um processo complexo, adaptativo e experiencial, a formação dos docentes está ligada as tarefas de desenvolvimento curricular. De modo que o professor precisa adquirir

¹²³ Ciências neste sentido entra no texto como conhecimento que advém de outros para formar o pensamento e de fato a aprendizagem.

conhecimento ou estratégias para promover a inovação no processo educativo e deve estabelecer mecanismos profissionais e estruturais para facilitar as mudanças de paradigmas na sua profissão.

As práticas pedagógicas inovadoras alavancam possibilidades nas instituições de ofertarem uma educação voltada para o pensamento crítico e demonstram em seus conceitos de profissionalização docente, que deve irromper com as inércias e práticas advindas por elementos essenciais à profissão. Ainda, nos levam a pensar nas ações dos docentes como um profissional, que necessita refletir sobre sua própria prática pedagógica a fim de perceber, através do olhar diferenciado pelo aluno, o que ele precisa, vê-lo como um sujeito, que necessita de autonomia de forma essencial para o seu desenvolvimento social e político e, também, demonstrar que tem potencial para alcançar suas capacidades e objetivos.

De acordo com os resultados obtidos no decorrer da pesquisa sobre as práticas pedagógicas da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, evidencia que a professora trabalha com a participação dos alunos nas atividades propostas. Apesar da década de Ditadura Militar e as imposições governamentais, a professora demonstra carinho e respeito aos educandos e busca sempre o melhor para os alunos, impulsionando-os no caminho em busca de desenvolver seus potenciais.

Levando em consideração que o real objetivo da educação estabelece diretrizes para auxiliar a formar pessoas compreensíveis, menos condicionados aos aspectos econômicos, políticos e sociais que admitem o conhecimento pedagógico ético e moral, bem como, o dever de dividir responsabilidades com os outros sujeitos da sociedade. Desta forma, os professores exercem influências sobre os alunos através do respeito, que dedicam a aprendizagem, o carinho e compromisso social, que despensam não só aos discentes, mas também a sociedade de modo geral.

As datas comemorativas elencadas, neste capítulo, demonstram que a professora utiliza o conhecimento pré-existente dos alunos para construir o conhecimento novo de acordo com seu dia a dia, atentando as experiências, vivências e aprendizagens. É preciso destacar que a década de 1980, no Brasil, foi um período de "efervescência" com mudanças significativas na sociedade, com novos ordenamentos no quadro político,

Após um longo período de ditadura militar, o que possibilitou o surgimento de novas organizações da sociedade civil e da sociedade política. Neste contexto, destacamos, na nossa pesquisa, a prática pedagógica de uma professora, que lecionou na década estabelecida e que

fez um diferencial na vida dos alunos, mesmo trabalhando com o sistema tradicional e conteudista. Procurava dinamizar suas aulas para desprerter nos alunos o prazer de trabalhar suas potencialidades.

Com base nos estudos realizados durante a construção deste capítulo, percebemos que o papel do professor está muito além do conhecimento científico, e precisa estar entrelaçado ao desenvolvimento de sua prática pedagógica e, sobretudo tem o dever social de ser um agente transformador no processo de formação do sujeito que constrói sua própria identidade e história de vida. Ser professor é uma tarefa ousada, que exige que cada um administrador seja social a partir do diálogo sobre a realidade concreta, entenda os alunos como sujeitos na construção do conhecimento.

A aprendizagem só acontece, de fato, e de forma significativa, quando um novo conteúdo é aprendido pelo docente e que faz ligação com a sua vivencia da sociedade civil e da sociedade política. Assim, novos atores no cenário político e sócial acarretam mudanças na forma de ensinar dos professores que auxiliam o aluno a pensar certo. Tem o dever social ser um agente transformador no processo de formação do sujeito significa sua própria identidade e história de vida.

CAPÍTULO 3: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA DO GRUPO ESCOLAR CÔNEGO ESTEVAM DANTAS NO PERÍODO DE 1970 E 1980

As histórias de vida tornam-se, nos anos de 1980, um material de pesquisa muito em voga, nas ciências do humano, e não há simpósio, colóquio ou encontro científico que não lhes conceda um lugar importante. No campo da educação, além dos trabalhos de pesquisa-formação, assistimos ao desenvolvimento nos currículos, nomeadamente na formação de professores de uma sensibilidade à história dos aprendestes e de sua relação como saber, ao tempo em que a formação continuada se abria ao reconhecimento dos saberes adquiridos.

Marie-CristineJosso

Este capítulo objetiva trazer as vozes de uma professora que lecionou na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, durante os anos de 1970 a 1980 e sua trajetória como integrante na construção da história dessa instituição. Atendo, aqui, as expectativas do terceiro objetivo específico: identificar a partir das narrativas da professora suas práticas pedagógicas ancoradas no processo profissional docente e em que se ancoravam como suporte para aclarar suas práticas. O capítulo está subdividido em quatro momentos, que apresentam as narrativas, e as considerações construídas ao longo da pesquisa, bem como as análises das narrativas da professora Dona Rosa¹²⁴.

Trabalhamos com a profissionalidade docente e os elementos constituintes da sua identidade como produto da história de vida, formação e a prática da professora. Fizemos uma entrevista narrativa (auto)biográfica com perguntas acerca das práticas pedagógicas¹²⁵ e das

¹²⁴ O nome da professora entrevistada será mantido em sigilo por questões de ética. Dona Rosa foi o nome escolhido pela autora a partir de um pedido da entrevistada. A professora disse-me que eu ficasse a vontade para escolher um nome que tivesse a ver com ela, e que fosse um nome com pertença de mim para com ela de acordo com o meu entendimento. A professora trabalhou durante 28 anos no Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas até sua aposentadoria. Desenvolveu suas práticas pedagógicas, atuando em todas as séries do ensino fundamental de 1º ao 5º ano. Atuou também como bibliotecária e vice-diretora.

¹²⁵ Durante a construção da pesquisa tínhamos a intenção de entrevistar duas professoras que fizeram parte das minhas vivências na Escola Cônego Estevam Dantas. Entrei em contato com as duas e tivemos o primeiro encontro. Uma das professoras, me entregou os planos com as matérias do tempo em que trabalhava, como planos de aula, documentos e o hino da escola. Porém, durante o percurso, já no segundo encontro, uma professora sujeita da pesquisa desistiu de continuar a contribuir, por motivos pessoais. Isso me desequilibrou, pensei no que poderia fazer para contornar a situação. Falei com a professora orientadora Ana Lúcia, que me tranquilizou, informando que isso era natural. Que poderia continuar com apenas uma professora. Portanto, a partir deste ponto, quando houver referência a professora, será apenas a uma.

vivências durante sua trajetória como docente, bem como, a forma que trabalhava a representatividade, que existia entre a docência e a vida. Por intermédio das narrativas, conseguimos assoalhar os fatos que incidiram na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas e o que estes representaram de forma significativa para alunos, professores, comunidade escolar em torno da escola.

É nosso intuito compreender como eram viabilizadas as práticas pedagógicas da professora, que atuou nos anos de 1970 e 1980. Além disso, procuramos identificar os seguintes fatos: apoio da direção e da comunidade escolar para a inserção do cotidiano das professoras; em que se ancoravam para estabelecer as práticas na sala de aula; a significação dessas práticas na vida além da escola; as teorias em que se ancoravam para efetivação das metodologias; as relações professor/aluno; a identidade como produto da história de vida, formação e prática.

No que diz respeito à avaliação da aprendizagem e os conteúdos de ensino, pretendemos evidenciar como a professora avaliava seus alunos a partir dos conteúdos ministrados, levando em consideração, que os recursos disponíveis, evidencia o espaço físico e as estruturas da escola.

A construção desse capítulo tem um tom mais que especial pois, traz conjunturas vividas pela professora protagonista da pesquisa, desde sua entrada no Curso Magistério, o início de sua docência na Escola estadual Cônego Estevam Dantas, o processo da aposentadoria e as vozes, que marcam sua trajetória. As narrativas das práticas pedagógicas para dar suporte ao nosso objetivo neste capítulo.

Faremos uso do método (auto)biográfico, que me permitiu o diálogo com meu objeto de pesquisa, à medida que a abordagem biográfica se insere na perspectiva investigação-formação, evidencia um caminhar para si, levando o indivíduo a uma purgação investigativa e também formativa. O método também trará subsídios para a pesquisa no sentido de tratar das narrativas da professora como um ponto para aclarar suas práticas pedagógicas e suas subjetividades.

3.1 Profissionalidade docente e os elementos constituintes da identidade de Dona Rosa como produto da história de vida, formação e prática.

As reflexões críticas sobre a formação de professores no Brasil têm levado os docentes a refletirem suas práticas como estratégia formativa e implicativa para a reconstrução da prática profissional a partir da própria prática, o que permite tomar consciência dos processos de edificação da atividade profissional, as características do trabalho do professor como um profissional capaz de refletir e aprimorar sua prática educativa, viabilizada através de recursos teóricos/metodológicos que darão suporte a uma nova práxis profissional.

O tópico evidencia as narrativas de uma professora que lecionou na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas na década do recorte histórico delimitado na pesquisa. A professora terá seu nome em sigilo e está identificado como Dona Rosa, nome fictício escolhido pela autora da pesquisa em harmonia com a professora entrevistada. Buscaremos por intermédio das narrativas, os fatos que aconteceram na escola e o que estes representaram de forma significativa para alunos, professores, comunidade escolar.

A profa Dona Rosa foi selecionada para fazer parte da pesquisa em virtude da pertença com nosso objeto de estudo. Dona Rosa lecionou na escola, tanto no Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, quanto na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas. Teve participação também no seguimento da minha formação, que tem início quando fui sua aluna do 4^a ano do Ensino Primário na década de 1970 no Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas¹²⁶. Utilizaremos o método (auto)biográfico, com o qual vamos narrar com base na fala de Dona Rosa parte da sua história de vida, perpassando por vários aspectos e períodos de sua trajetória pessoal e profissional.

Nossa entrevistada, a profa Dona Rosa, nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1939, revela que é carioca, mas do Rio de Janeiro não conhece quase nada, o que ela sabe advém das revistas ou da televisão. É filha de Luiz Gonzaga dos Santos e Antonieta Rodrigues dos Santos. Seu pai era conhecido em Mossoró como Luiz do PAX¹²⁷. Logo que veio morar em Mossoró, começou a trabalhar na área de eletrotécnica.

¹²⁶ Hoje Escola Estadual Cônego Estevam Dantas. Após o processo de estadualização.

¹²⁷ Em 23 de janeiro de 1943, era inaugurado em Mossoró o cine-teatro PAX. Uma casa de diversão construída por iniciativa de uma sociedade organizada por ações entre empresários do comércio e indústria e a Prefeitura Municipal de Mossoró, na administração do padre Luís Ferreira da Cunha Mota, com a finalidade de dotar a cidade de um centro recreativo condigno. O evento se constituiu numa grande movimentação social, com bênção litúrgica,

Naquela época tal formação era muito valorizada, pois era difícil alguém ter o curso de eletrotécnico. Naquela ocasião, Jorge Pinto e Sales formaram uma sociedade para montar o Cinema PAX, e o pai, da Profa Dona Rosa, o senhor Dedé foi convidado para entrar na sociedade para a construção do CINE PAX Mossoró. O pai da nossa entrevistada não tinha dinheiro para entrar na sociedade por isso, os acionistas fizeram um acordo. Jorge Pinto e Sales entraram com o dinheiro e o pai da professora com prestação de serviços. Trabalhou por muitos anos no CINE PAX. Depois passou a trabalhar na montagem das rádios da cidade de Mossoró, a saber: da Rádio, Difusora e Rádio TAPUYO.



Foto 49: Aniversário da professora Dona Rosa 08/2017
Fonte: Arquivo de Marcos Santos

Ao ser indagada sobre seu processo formativo, Dona Rosa relata que começou estudando em casa com o seu pai, que se encarregava de ensinar a ler e escrever e quando chegou a idade escolar já sabia ler algumas coisinhas.

Foi matriculada na escolinha da Diocese de São José. Minha primeira professora era uma pequeninha chamada de Dona Olga, nunca esqueci o nome dela, e o irmão da professora era o diretor da escola. Nesta escola estudou o primeiro e o segundo ano. O terceiro ano o pai matriculou na escola Trinta de Setembro¹²⁸. A professora do 3º ano era Dona Araci Menescal. O 4º ano foi com a sogra do Porcino Costa Dona Chaves. E o 5º ano com a

corte de fita simbólica, sendo rodada para o público presente a película em tecnicolor FORMOSA BANDIDA, interpretada pelo astro norte-americano Walter Scott. Teve seu projeto elaborado por George Lumier, um arquiteto francês que veio ao Brasil a convite da Diocese do Ceará para construir a Catedral de Fortaleza. Sabendo da presença do arquiteto francês em Fortaleza, os acionistas do PAX trataram de convidá-lo para construir o prédio do novo cinema de Mossoró.

¹²⁸ Onde funciona A Escola Normal de Mossoró e hoje Faculdade de Enfermagem, na rua Dionísio Filgueira

professora Hermelita, essa casou e saiu e quem assumiu o foi Heloisa Leão. (Narrativa da Professora Dona Rosa, Mossoró/RN, 28/08/2017).

Sobre sua infância, revela que viveu sua meninice feliz e tranquila, pois no seu tempo de menina, as coisas eram bem diferentes da conjuntura de hoje. As crianças brincavam na rua sem problema, gostava de jogar bola, jogava queimada e, sempre, era a dona da barra¹²⁹. Continuamente sonhou em ser professora e, quando pequena, já demonstrava sinais da profissão, que gostaria de seguir ainda na infância. Desde de criança, já brincava de ser a professora. Recorda: “que estudei para isso, era meu objetivo de vida. Tanto que entrei no Estado no dia 23 de maio de 1959”.

Ela revisita sua infância para referenciar as experiências formadoras, que possibilitaram um grau de significação e, foram fecundas e desencadearam as direções de seu processo de professora. Mesmo sem o entendimento do que realmente seria quando crescesse, já tinha uma intenção de enveredar na vida de educadora. A professora buscou no seu itinerário vivências que se moldaram em suas experiências e contribuíram para sua formação e transformação pessoal, como professora, mãe e esposa.

É possível compreender que a partir do relato de Dona Rosa, as experiências, as recordações e as referências de vida foram essenciais para explicar sua singularidade na busca de sua profissão, os lugares e a pertença fortaleceram a sua dedicação ao magistério no campo da educação. Sempre foi muito autêntica, casou aos 18 anos. Quando seu pai faleceu, tinha dois irmãos mais novos, e assumi-os com a ajuda do esposo. Nesta época, já atuava como professora. Iniciou na profissão muito jovem conforme afirma:

Comecei a trabalhar como professora desde que entrei no Magistério, fui convidada a participar como professora na Escola Estadual Ambulatório José Pereira Lima¹³⁰, pois estava precisando de professora, como já estava estudando para ser professora, aceitei o convite e fui. Um mês depois me colocaram como professora do Estado no ensino Primário. (Narrativa da Professora Dona Rosa Mossoró, RN em 16/08/2017).

Podemos analisar em suas palavras, que os processos de formação oferecerem o conhecimento do ponto de vista da interação com o outro. Isso também pode ser comprovado

¹²⁹ A dona da barra, era a personagem principal do jogo. Era a pessoa que escolhia quem eram os participantes que iriam fazer parte do seu lado (ou time). Grifo da autora.

¹³⁰ Escola mantida pelos Padres Franciscanos Paroquia do Alto da Conceição.

nos percursos de vida profissional de professora primária¹³¹, concentrados nas subjetividades. As vozes nas narrativas da professora nos contam muito mais que detalhes de uma vida, nos revelam contornos de sua respectiva de ingressar no processo de formação, que serve de estímulo para o desenvolvimento de suas capacidades, sendo protagonista de uma verdadeira identidade e autonomia profissional.

Vamos parafrasear a profa Dona Rosa, quando fala que o convite a pegou de surpresa, mas, “como já estava estudando para ser professora, aceitei o convite e fui”. Isso remete a uma atitude de autoconfiança da professora mesmo em processo de formação, visto que a pessoa precisa interiorizar e experimentar aspectos de aprendizagens novas, que vivenciou durante sua formação.

Relata ainda: “Terminei o Magistério em 1961. Só fui enquadrada em 1965, no governo de Aluizio Alves”. Sua fala leva-nos a tomar conhecimento de uma investigação mais alargada da constituição dos professores leigos, e como estes construíram mecanismos de ação pedagógica na sala de aula, baseando-se em sua maioria nas suas representações anteriores a de ser professora e nos momentos de socialização com professores experientes.

Naquela época, o governador aproveitava todos os professores de leigos para mudarem de letra¹³². Durante os anos de 1970 e 1980, muitas esperanças foram postas na reforma educativa como elemento corretor das desigualdades sociais. Compreendemos que o professor não representa somente o valor do conhecimento num tempo histórico, mas socializa um público cada vez mais amplo e diferente, que proporciona e reforça a identidade do professor para que assim, respeite e aceite os alunos como sujeitos aprendestes e capazes de mudar de acordo com o novo conhecimento adquirido.

A identidade¹³³ do ser professor consiste em uma justaposição de papéis sociais que se apresentam ao professor como suporte para sua qualificação ou mudança, bem como as formas de ver que ninguém muda sem reflexão, essas mudanças devem acontecer de forma interativa, na qual o professor precisa refletir da forma mais prática possível. A professora informa que “Foram feitas três etapas de treinamento para passar de leigo para P6”. A ideia de educação esta

¹³¹ Atualmente Ensino Fundamental I, compreende de 1º ao 5º ano.

¹³² Nessa época os professores leigos são selecionados para trabalharem como professores efetivos, como não havia concurso para ingresso no magistério, os professores eram apenas enquadrados, isso significava que teria direito também a uma aposentadoria (Grifo da autora).

¹³³ Aqui a palavra identidade representa a afinidade e escolha relacionada a profissão de professores, a vida e experiências das vivências anterior a sala de aula (Grifo da autora).

vinculada à mudança social em nossa cultura uma vez que, todos os movimentos sociais reformistas ou revolucionários apostavam na instituição escolar como um instrumento de mudança. Sobre essa perspectiva de mudanças, também faço parte dessa vivência com a profa Dona Rosa e relato um fato que me inspirava a ser professora e que contribuiu para minha identidade como professora que sou hoje.

Esse fato se revela nas brincadeiras de escolinha, que fazíamos no fundo do quintal da minha casa com meus irmãos e vizinhos e, que falei para Dona Rosa, durante uma das nossas conversas (entrevistas).

- Naquele tempo que a senhora foi minha professora no 4º ano eu tinha muita vontade de imitá-la. Lembro-me que a senhora usava uma roupa marrom. Era uma blusa de botão e uma saia bem comprida. Eu adorava imitar a senhora nas brincadeiras de escolinha. Então, um certo dia, peguei uma camisa marrom de um vizinho¹³⁴ e vesti para imitá-la. – Eu dizia aos meus alunos na escolinha. - Olhem eu sou Dona Rosa, vocês têm que me respeitar. Ser Dona Rosa para mim era um grande privilégio. E dizia repetidas vezes. Eu sou Dona Rosa, (risos) (Narrativa de Magnólia Costa, realizada em Mossoró/RN 27/11/2017).

Dessa forma, podemos compreender que os professores transmitem valores e reforçam os comportamentos. Nessa profissão de educadores, é possível nos depararmos com questões relacionadas ao convívio desses sujeitos entrelaçados com as dos alunos, suas emoções, seus conflitos e a afetividade nas relações estabelecidas com o alunado. Isso reforça a ideia e as proeminências de que os professores são plurais, caracterizado segundo essa perspectiva, com as formas de convivência entre culturas diferentes (alunos e pares da equipe escolar) numa mesma cultura através do diálogo crítico, revelando as mudanças na profissão e, também, na vida de alguns alunos. Sobre este aspecto, a profa Dona Rosa nos presenteia com a seguinte informação.

Na Escola Ambulatório, a Diretora era Dona Das Dores Araújo¹³⁵, peguei uma sala pequenininha com apenas 20 crianças, mas tinha crianças de todas as idades na época não tinha essa seleção pela idade. Mas na época existia envolvimento do professor com o aluno e esses tendiam a imita-los. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró, RN 16/08/2017).

¹³⁴ Esse vizinho já foi mencionado antes “Miguel”. A sogra dela se chamava Dona Mariinha. Quando me viu com a camisa que estava estendida no varal, correu mandando eu tirar a camisa de Miguel eu era nova.

¹³⁵ Professora de renome do Alto da Conceição na cidade de Mossoró. Segundo informações de pessoas da família da professora Maria Das Dores Araújo Gois inicia uma linhagem familiar de professores. (Tia da Autora)

A partir das informações de Dona Rosa constatamos que os professores são competentes e sujeitos de seus próprios conhecimentos, são intérpretes ativos de suas ações educativas. A seriação na época não era necessária, podemos dizer até que não existia. Na época, o objetivo maior era a alfabetização das crianças. Dona Rosa, relata ainda, que ao entrar na sala teve um grande impacto, pois aceitar o convite foi fácil, e que só dependia dela mesma, mas enfrentar a sala de aula era algo, que estava além de suas expectativas, a saber: “Senti um friozinho na barriga, e tive vontade de voltar, de sumir, mas como meu desejo era ser uma professora, não ia voltar atrás, tinha que enfrentar e dar o melhor de mim mesma para ser uma boa professora”.

A perspectiva da professora, de dar o melhor de si para não decepcionar a diretora, pode ser entendida que não era bem a diretora que ela não poderia decepcionar, mas aos alunos, que ela queria empolgar. Sintia obrigação de dar o melhor de si, visto que o aluno leva o professor melhore sua prática.

Foi possível também compreender que essa postura se refere mais a própria professora. Dona Rosa revela que há imaturidade e desconforto para os professores iniciantes, seus saberes são postos a observações. Seus projetos são concebidos como produtores de saberes, com suas especificidades e suas expectativas.

A profa Dona Rosa relata seu processo de entrada na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, onde esteve por 28 anos até a aposentadoria. Conta-nos suas vivências e das práticas pedagógicas, que serviram de aprendizagens e conhecimento e, assim fazerem ou contribuíram para (auto)avaliação. O procedimento de recrutamento dos educadores acontecia, primordialmente, pelas categorias de autoridade das desenvolturas elementares.

Um dia ia passando ao lado do Estevam Dantas e a diretora Dona Vicença Pinheiro, conhecida como Dona Cencinha perguntou se eu queria trabalhar lá, pois o governo estava recrutando os professores que tinha Magistério para as escolas Estaduais para ficar aboleto. Nesta fui encaminhada para uma turma de 4 ° ano. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 16/08/2017).

Nas narrativas da entrevistada sobre o início de sua trajetória na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, percebemos que as histórias tecem um emaranhado de fatos, que se entrecruzam com as vivências no Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas. As histórias de vida se entrelaçam e as trocas de experiências vão se transformando e se consolidam em práticas,

através dos momentos formadores de identidades profissionais que, muitas vezes, se prolongam por vários anos e, que, ao longo de sua vida de professores, no decorrer do percurso, se mantêm como conquistas e tesouros adquiridos, que servem por determinado espaço de tempo.

Segundo Josso (2010, p. 71) sobre o percurso formativo em busca da identidade, ressalta que:

O conjunto de aquisições acumuladas ao longo da vida é analisado em termos de experiências formadoras e/ou fundadoras, caracterizadas pelas aprendizagens ou conhecimentos reagrupados em quatro categorias, de acordo com a teorização proposta em *Cheminer vers soi* (Caminhar para si) (1997). Aprendizagens existenciais, aprendizagens instrumentais, aprendizagens relacionais e aprendizagens reflexivas.

Para Josso, tais aquisições são sustentadas nas experiências vivenciadas ao longo da vida e que aos poucos se transformam em conhecimento e formação e permitem dar luz para que o sujeito seja transformador de sua própria história. As abordagens (auto)biográficas no campo científico, se configura como um movimento social mais amplo, que atende ao rigor científico para dar vez e voz aos sujeitos a partir de suas histórias de vida, que de alguma forma se entrelaçam com a teoria para se transformar em ciência para auxiliar no método (auto)biográfico. Tomamos como base para explicar as abordagens (auto)biográficas as palavras da professora Dona Rosa ao se pronunciar sobre sua entrada na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas: “Eu entrei no Estado no dia 23 de maio de 1959 na Escola Ambulatório José Pereira Lima e no ano de 1962 passei a trabalhar no Estevam Dantas”

Sobre sua atuação como professora, relata que perpassa por um contexto cultural, que viabiliza a formação continuada, afirmando-se como prática pedagógica:

Fui professora de todas as séries de 1º ao 5º. Mas fique no 4º ano por muito tempo. Ainda hoje encontro alunos daquela época e sempre me perguntam se lembro deles. Alguns eu lembro, mas não lembro os nomes. Foram muitos durante 28 anos. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

Na década de 1960, quando a profa Dona Rosa inicia sua carreira profissional, as professoras eram chamadas de professora polivalente¹³⁶, atuavam em todas as séries, ministravam todas as disciplinas, Comunicação e Expressão (Língua Portuguesa), Matemática, Estudos Sociais, que compreendia História e Geografia, e Ciências Moral e Cívica e Religião. Os planejamentos eram diversos e passeavam por várias áreas, por isso a aquisição de conhecimentos por parte do professor está ligada ao organismo social da instituição da qual fazia parte, no qual os elementos de sua cognição eram adquiridos em um processo complexo e adaptativo e das experiências de vida, que se concentram na construção do seu fazer professora, seus conhecimentos se transformam na medida em que entra em consonância com seu fazer pedagógico.

Os professores polivalentes na época atuavam como educadores do Ensino Básico no campo da Educação e desenvolviam seus trabalhos, desde a alfabetização ao ensino, das disciplinas do currículo fundamental de ensino, que era direcionado para profissionais graduados em Pedagogia.

A profa Dona Rosa relata que desempenhou várias funções na escola: atuou como professora, bibliotecária e como vice-diretora, porém, a mais significativa foi o exercício da docência. Revela que sempre gostou do chão da escola, de estar presente na sala de aula e, relata de forma simplificada as atuações durante os anos que esteve na escola. A saber:

Desempenhei na escola várias funções, professora, bibliotecária (as professoras que cuidavam da biblioteca eram as professoras conhecidas como leigas, que faziam cursos de treinamentos de três anos, e eram classificadas com PE-13) e vice-diretora, fui convidada pela chefe do NURE para assumir a vice direção da escola Estadual Cônego Estevam Dantas. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

A partir dessa fala da profa Dona Rosa, convém analisar a relação de afeto entre a professora para com seus alunos. Ela nos informa, que, na biblioteca, trabalhava com os alunos nos chamados encontros de leitura. Não é a mesma coisa de estar no chão da sala de aula, convivendo diariamente com os alunos, participando dos seus problemas, auxiliando-os a resolver alguns, partilhando de suas descobertas e aprendizagens. Enfatiza que “o mais gostoso

¹³⁶ O termo polivalente, segundo Houaiss (2001), significa assumir múltiplos valores ou oferecer várias possibilidades de emprego e de função, a saber: ser multifuncional; que executa diferentes tarefas; ser versátil, que envolve vários campos de atividade; plurivalente; multivalente. Seria polivalente, então, a pessoa com múltiplos saberes capaz de transitar com propriedade em diferentes áreas

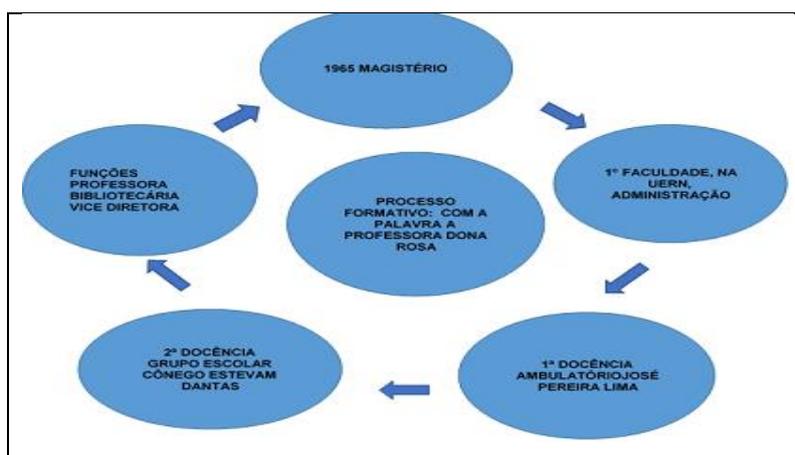
é quando o aluno aprende”. Considerando que os professores são peças fundamentais para dar sentido e coerências às aprendizagens.

De acordo com o relato da professora, percebemos que a aprendizagem dos alunos, o convívio em sala de aula, as várias formas de estar com os alunos estão ligadas ao fazer pedagógico da professora. Visto que essas são algumas das atividades fundamentais dos professores e se desenvolvem nos mais variados contextos. As atividades da professora estão relacionadas a um tipo de sistema escolar, que tem organização própria, em que os conhecimentos e os currículos são compreendidos como um adjacente das áreas disciplinares, que organizam as atividades formativas dos diversos níveis de ensino.

Vale salientar que entre as funções desempenhadas na escola Estadual Cônego Estevam Dantas, Dona Rosa também trabalhou como vice-diretora. “Para atuar como vice-diretora, fui convidada pelo chefe do NURE¹³⁷ para assumir a vice-direção da escola Estadual Cônego Estevam Dantas. No julgamento da professora, ser escolhida para vice-diretora, foi muito bom, sente que seu trabalho foi reconhecido pelos que contribuiu para o bom andamento da escola, as aprendizagens são significativas, mas prefere ensinar.

Essa paixão pelo fazer pedagógico, pode ser compreendido como um processo de edificação do percurso profissional, que acontece com o professor no contexto do espaço da sala de aula, pois isso serve para agregar cognição e permuta ao longo da sua trajetória, acumulando experiências.

QUADRO I- PROCESSO FORMATIVO



Quadro demonstrativo 01- Processo formativo da professora Dona Rosa
Fonte: Magnólia Maria Oliveira Costa.

¹³⁷ Núcleo Regional de Educação.

O quadro acima retrata o processo formativo de Dona Rosa, desde sua formação inicial no curso magistério até sua docência. O que podemos entender é que essas experiências escolares são sempre significativas, o que importa é a valorização e o respeito pelo trabalho, que proporciona muitas experiências compartilhadas, os saberes da prática reflexiva, os saberes pedagógicos, que vai aos poucos fortalecendo a profissão docente, dotando-a de saberes específicos que não são únicos, de modo que não compõe um corpo acabado de conhecimentos, mas sim esse saber é social.

3.2 Narrativas de Dona Rosa sobre suas práticas: ativar a memória para compreender o presente

O saber do docente entrelaça-se com sua identidade profissional, que advém de dentro para fora, visto que a formação do professor tem início antes mesmo da sua entrada nos cursos de formação para o Magistério, faculdade ou cursos de atualizações, e os acompanham durante todo seu caminhar na vida profissional, em treinamento diário no chão da escola, no qual acontece partir de seus conhecimentos teóricos e da socialização dos seus valores e méritos. E a profissionalização constrói-se, gradativamente, em seu fazer habitual em sala de aula como espaço de socialização dos conteúdos sistematizados.

Dessa forma, o professor é o construtor de sua própria prática do seu modo de agir profissionalmente que acontece de acordo com as necessidades e dos problemas que surgem em salas de aulas, pois eles trazem suas vivências extraescolares posteriores, advindas de quando eram alunos durante a vida estudantil. Tais experiências possibilitam a reflexão dos professores sobre sua atuação, na qual têm a possibilidade de fazer sua (auto)avaliação, para tomar conhecimento, onde errou, ou, deixou a desejar, ou ainda, o que foi positivo e o que pode aprimorar em algum ponto na sua prática pedagógica.

Ao falar sobre suas práticas pedagógicas ela nos disse que sua iniciação pedagógica aconteceu na Escola Ambulatório Jose Pereira Lima, onde esteve por um ano e logo foi trabalhar no Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, enfatiza que:

Trabalhei na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, onde estive por 28 anos até a aposentadoria. Naquela época se trabalhava o alfabeto, começava

alfabetizando, dando as letrinhas e ia desenvolvendo. De forma, que o objetivo no final do ano era que a criança soubesse ler alguma coisa, e pelo menos fazer operação sem reserva, tipo assim 8 tirando 4 é igual a 4. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

O ensino de 1º grau designava-se de forma plena para a formação da criança e do pré-adolescente, em que os professores poderiam adequar o conteúdo e as metodologias (formas de repassar o conteúdo) de acordo com as necessidades de desenvolvimento dos alunos, suas capacidades de compreensão de determinado assunto, seu processo gradual de aprender. O ensino tinha duração de oito anos de atividades. Para o ingresso no ensino de 1º grau, os alunos deveriam ter a idade mínima de sete anos, sendo o ensino obrigatório para todas as crianças de 7 aos 14 anos, cabendo aos municípios promover, anualmente, a ascensão das crianças que tivessem a idade escolar.

Clarifiquemos, a seguir, como as recordações narradas por Dona Rosa ressaltam as práticas vivenciadas por um determinado espaço temporal:

A aulas sempre começavam em marco, o mês de julho era todo de férias e em novembro terminava o ano letivo. De acordo com as mudanças e reformas na LDB, de governo e de sistema e com isso diminuiu a carga horária do professor. Aí depois houve essas mudanças essas reformas esse negócio de regime e de mudança e de governo e de sistema, ai pronto, foi que diminuiu muito a carga horária do professor, esse período assim que a gente tinha de férias. (Narrativa da Professora Dona Rosa, entrevista realizada em 28/08/2017, Mossoró/RN).

As experiências de uma determinada época servem de suporte para os próximos contextos advindos de forma que proporcionam reflexões e mudanças. Dona Rosa nos remete a um tempo em que o ensino era pautado no tradicionalismo, e a carga horária de trabalho era excessiva. A fiscalização era muito acirrada com a jornada dos professores. Podemos fazer uma analogia de acordo com as mudanças para se entender como se processam as práticas escolares atualmente, revisitando como acontecem hoje os dias letivos.

De acordo com a Lei Nº 5692/71, nos Estados, no Distrito Federal, nos Territórios e nos Municípios deverá a administração do ensino fiscalizar o cumprimento da obrigatoriedade escolar.

Houve um tempo em que dávamos quatro horas de aula por turno, no turno matutino, as aulas começavam as sete horas e terminava as 11:00 (onze horas),

o intermediário começava de 12:00 (meio dia) e terminava as 14 e o último turno começava e ia até as 18:00 (seis). Os pais começaram a reclamar por que 18:00 (seis horas) as crianças, naquele tempo já tinha medo das coisas perigosas. Aí vem de novo a modificação sei que até que enfim que Dona Delzira nessa época era a diretora, achou que o intermediário não rendia. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

São as experiências de vidas de um determinado tempo, que Dona Rosa ressalta para ilustrar um tempo histórico, e descreve um determinado período de tempo de transformações e mudanças de um estado de como se processava no sistema educacional, delimita os horários escolares, e esse tempo concebe o modelo de hoje. É preciso entender que as mudanças são necessárias para refletir as novas situações existentes advindas das mudanças para compreender o que acontece na atualidade nos procedimentos educacionais.

De acordo como relato da professora, vimos que as experiências de transformação das identidades e da subjetividade são variadas, e a maneira mais fácil de descrevê-las consiste em apresentar atividades vividas, situações contextualizadas que serviram de base para contar, a partir de uma determinada situação as aprendizagens que desencadeiam em saberes necessários à prática educativa do professor, podendo assim utilizar os conhecimentos aprendidos em várias situações que exigem tomadas de decisões. Esses são os saberes pedagógicos e incluem as noções advindas de um processo de transformação e mudança de paradigma, que servem para que o professor possa refletir sua prática.

Com base em Freire (1996, p. 38), ao se referir aos saberes necessários à prática educativa dos professores, como suporte para as vivências em sala de aula, bem como para a afirmação de sua autonomia, observamos o que se segue:

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura.

De acordo com o pensamento do autor, faz-se necessária a fundamentação da prática na formação docente, na qual o aspirante a educador possa acolher, que pensar certo não é nenhum

aspecto fantasmagórico¹³⁸, também não se encontra nos livros, tão pouco em teóricos, mas que o pensar certo sobrepuja o ingênuo e deve ser produzido pelo educandos, na fase de aprendiz em parceria com o educador formador.

Essa formação, conforme podemos observar nas entrelinhas na fala da professora, se revestem de um discurso de apreensão educacional, retornada necessariamente para alfabetizar as crianças e/ou adultos que eventualmente não tivessem tais capacidades. Desse modo, bastava que as professoras dominassem as habilidades ledoras, escritoras e matemáticas embrionárias para que permanecessem lecionando. Para além desses aspectos, é relevante salientar, que, também, existia uma alocação muito intensa quanto ao mote moral dos educadores em relação à formação.

Em 1965 quem tinha Magistério era considerado um professor de destaque, equiparado ao professor que tinha Faculdade (curso superior). Então, eu me sentia importante na minha profissão, mesmo possuindo apenas o Magistério que me possibilitava lecionar apenas no ensino fundamental. Depois surgiu o primeiro curso na Faculdade, mas era de Administração, mas meu interesse era ser professora mesmo. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

A profa Dona Rosa contempla em suas narrativas que iniciou seu processo empregatício como professora em consequência necessidade de profissionais preparados para atuar na educação como professora. Relata que ainda estava estudando quando foi convidada por uma diretora de uma escola para ser professora no bairro do Alto da Conceição, onde residia. Os contextos vão se estendendo até o estabelecido pela cultura educacional de uma determinada sociedade, explícitas nas definições dos fins e objetivos educativos, pelo que a inclusão destes, bem como a dos alicerces históricos culturais e políticos da educação, que se configuram para uma atuação contextualizada da ação do educador.

Terminei o Magistério em 1961, já trabalhava, mas só fui enquadrada¹³⁹ em 1965, no governo de Aluizio Alves. Nessa época o governador aproveita os professores de leigos e para mudarem de letra. Foram feitas três etapas de

¹³⁸ Relativo ou semelhante a um fantasma, um espectro, ou uma aparição; espectral, fantasmagórico significa: Ou relacionada com a alma ou espírito; espiritual. (Dicionário da Língua portuguesa)

¹³⁹ O enquadramento do professor, pressupõe que o profissional comprove possuir a formação necessária que o habilite ao exercício da docência, precisa demonstrar que possui o registro no Ministério da Educação

treinamento para passar de leigo para P6¹⁴⁰. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró, RN, 28/08/2017).

Desde o início desempenhando à profissão de professora, ela atesta que esse fato da mudança de letra foi reconhecido pelo governador e isso fazia com que as professoras se mantivessem na função, mas o salário era insatisfatório. De acordo com as informações cedidas pela professora, percebemos que os direitos sociais dos professores da educação primária na década de 70, não atendiam aos ganhos salariais satisfatórios.

A professora enfatiza ainda que se trabalhava muito para ganhar pouco, e relata que com as mudanças no estatuto do professor e ao iniciar as extrarregências.

Começa a história da extrarregência, que era 10% do salário, isso tem início no governo de Lavoisier Maia. Veio também o aumento de 20% que era pela regência de classe ainda do Plano de cargos carreira e salário. O sindicato, antes era Associação, percebeu que os professores estavam perdendo. O presidente da Associação na época era Olavo Maia, colocou na justiça para recuperar essa perda. Eu como sempre fui sócia do sindicato entrei nesse grupo que o sindicato organizou. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/ RN, 28/08/2017).

A extrarregência foi uma conquista social que se transforma em direito. Para explicar melhor, pegamos como base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96)¹⁴¹, [...] “o piso salarial, a progressão na carreira baseada na titulação e na avaliação de desempenho, uma carga de trabalho que contemple período reservado a estudos”. As pesquisas implementadas na área da Educação durante anos indicam que, em díspares períodos da história da educação no Brasil, foram efetivadas melhoras educativas, que cultivaram a fragilização dos afazeres docente e a precarização de suas condições.

Dona Rosa enfatiza em suas palavras que as condições de trabalho eram rudimentares, trabalhava-se muito. E o trabalho variava de acordo com a série em que a professora ministrava suas aulas, em algumas séries era necessário escrever nos cadernos dos meninos e meninas, isso delimitava muito tempo que poderia ser revertido em aula, “mas naquela década era assim”.

¹⁴⁰ Professor polivalente que atua nas séries iniciais, que ministra todas as disciplinas do currículo.

¹⁴¹ No art. 67 (Lei BR nº 9.394, 1996) estabelece que estatutos e planos de carreira devem garantir o ingresso no magistério por concurso público, o aperfeiçoamento profissional, inclusive com licença remunerada, o piso salarial, a progressão na carreira baseada na titulação e na avaliação de desempenho, uma carga de trabalho que contemple período reservado a estudos, planejamento e avaliação, além de condições adequadas de trabalho. (LDB/1996).

Sobre o trabalho que o professor desempenhava, a entrevistada relata como aconteciam esses momentos de intensos afazeres, porém esclarece que era prazeroso, escrever nos cadernos das crianças e corrigir e perceber os avanços nos alunos.

Por que quando comecei no primeiro ano a gente trabalhava muito, muito, pois tudo era a gente que fazia no caderno a mão. Depois de três anos que estava trabalhando na escola, a diretora comprou uns carimbos em Fortaleza para a escola e as coisas melhoram muito. Antes fazíamos todas as atividades na mão, até os desenhos. Fazíamos as provinhas nos cadernos e os desenhos para os alunos colocarem os nomes. Depois dessa compra passei a fazer a provinha com os carimbos aí facilitou. Cada aluno tinha um caderno de fazer a prova, somente usada para a provinha. Depois veio o mimeografo a álcool e as coisas foram melhorando mais. A partir do 3º ano a prova era escrita no quadro, e os alunos transcreviam para os cadernos, assim eles treinavam a escrita. (Narrativa da Professora Dona Rosa, Mossoró/RN, 28/08/2017).

Dona Rosa revela, ainda, que, naquela época, os professores trabalhavam muito, mas havia um prazer bem saudável, pois, corrigir os cadernos era como se estivesse avaliando os avanços e os recuos dos alunos. A correção dos cadernos, também, visualizava a imagem de cada um de seus pupilos de forma bem particular. Ressalta que todos faziam, ou certo ou errado, mas todos levavam os deveres de casa organizadinhos. Trabalhavam todos os sábados, havia muitas exigências para com as professoras, a gestora junto às supervisoras fazia as reuniões para que as professoras pudessem organizar seus planejamentos e as atividades que deveriam ser ensinadas durante a semana. As reuniões eram feitas por série para o planejamento da semana, pois tinham o planejamento anual, deste se tirava o mensal e do mensal era tirado o diário. Sobre isso tece a seguinte informação:

Nas reuniões, a gente se reunia para fazer o planejamento e decidir os assuntos que iríamos trabalhar. No início era muito difícil, pois se exigia muito dos professores, mas as gestoras sempre foram muito boas e solidarias, apesar das dificuldades ela ajudavam muito. (Narrativa da Professora Dona Rosa, Mossoró/ RN, 28/08/2017).

Segundo Dona Rosa, essas reuniões eram sempre muito significativas, pois a cada reunião tinham muitas novidades e sugestões apropriadas para os professores trabalharem com os alunos na sala de aula e colocarem a teoria em prática. Os professores reuniam-se de acordo com seus pares, a saber, as professoras do 1º ano do turno matutino se reuniam e planejavam

juntas os conteúdos a serem trabalhados, assim acontece no 2º, 3º, 4º e 5º ano, e as supervisoras orientavam. Sempre eram duas e trabalhavam em conjunto. Cada professora se reunia com seu par, de acordo com o ano que lecionava e tinham o apoio da supervisora e da direção. Isso facilitava o planejamento e aquisição do conteúdo.

Essa forma de planejamento serve como suporte na prática pedagógica do professor. O que leva a refletir o quanto é necessário à pesquisa na sua trajetória de docente e serve também para sua (auto)formação. Para dar ênfase ao que estamos discutindo, utilizamos a citação de Freire (1996, p. 32) ao afirmar que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Com base no autor, consideramos que o professor deve estar sempre buscando suas informações em qualquer fonte, que é preciso ter a curiosidade para superar suas expectativas e aspirações, partindo da curiosidade, que existe indagação, criatividade, reflexão e (auto)reflexão sobre a prática pedagógica. Quando o professor faz uma autocrítica se sente mais flexível às mudanças e à aceitação do novo, propiciando aos educandos a compreensão de que são seres inacabados, capazes de intervir no mundo que os cercam e a partir dessa intervenção podem interagir de acordo com suas potencialidades.

Segundo Dona Rosa, no momento dos planejamentos, existia rigorosidade e sistematização, visto que o professor nem sempre define sozinho os conteúdos a serem trabalhados, mesmo tendo o domínio dos saberes das experiências, que resulta de uma espécie de transação entre diversos grupos, tais como: espaço escolar, professores, alunos, conhecimentos e saberes. Todos precisam compartilhar o conhecimento com os demais professores e equipe pedagógica.

O conhecimento dos professores, os saberes, o saber-fazer, as competências, e, as habilidades que buscam nos trabalhos das professoras dentro do ambiente escolar, suas histórias de vida, seus pensamentos, relação entre a cultura dos professores e escolar, destacando os saberes sociais. A professora enfatiza que, além de ser orientadas pelas duas supervisoras da

escola, ainda passava pelo grifo da diretora, que passava o visto, rubricava e colocava observação de acordo com seu olhar e devolvia. Se caso fosse necessário, deveria ser refeito.

Relata um episódio ocorrido em consequência dessa vistoria da direção.

Preparei uma aula muito boa. As supervisoras gostaram. Quando foi para o visto da diretora, ela colocou assim. “Esta aula está muito bem elaborada”. Será assim foi aplicada? Era uma aula sobre o espectro solar e a composição das cores fundamentais que se misturavam e se tornavam brancas. Ganhei do meu esposo uma coleção que tinha muitas sugestões e para essa aula tinha eu peguei um papelão e fiz um disco de papelão enorme, neste eu, junto com os alunos pintamos as cores, depois pegamos um carretel e pregamos embaixo e quando pegava girava, e assim víamos a diversidade de cores. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

A partir do fragmento da fala da professora Dona Rosa, destacamos que se trata de uma gestão autoritária, na qual a figura central é o diretor que dita as regras e todos obedecem sem levar em consideração as opiniões. Existe certa ausência de diálogo e leva-se em conta a valorização da hierarquização¹⁴². Diferente de hoje, que se trabalha, com a gestão democrática, que veio ser contemplada nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) nas escolas para dar visibilidade dos gestores, a autonomia dos professores e de toda comunidade escolar. Relata ainda, que falou para a diretora que a minha maior testemunha de suas aulas, eram os alunos. Naquela época as professoras preparavam os materiais, que precisariam para trabalhar suas aulas de forma que os alunos aprendessem.

De acordo com o conteúdo a ser abordado sobre a confecção dos materiais para as aulas a professora diz que:

No meu tempo, quando iniciei a carreira de professora, no ano de 1959, se ensinava tudo, e tínhamos as vivências da vida estudantil. Ensinavam-se as disciplinas fundamentais de acordo com o que era repassado pelo governo. Fazíamos o possível para trabalhar o material do governo. Mas mesmo assim os educadores preparavam todo o material e ainda escrevia nos cadernos dependendo da turma em que atuava. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

¹⁴² Hierarquia é a ordenada distribuição dos poderes com subordinação sucessiva de uns aos outros, é uma série contínua de graus ou escalões, em ordem crescente ou decrescente, podendo-se estabelecer tanto uma hierarquia social, uma hierarquia urbana, militar, eclesiástica etc.

A entrevistada salienta que trabalhou na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas por 28 anos até a aposentadoria e sobre sua prática pedagógica ressalta que naquela época trabalhava-se o alfabeto, começava alfabetizando, dando as letrinhas e ia desenvolvendo, de forma que o objetivo era que no final do ano a criança soubesse ler alguma coisa e pelo menos fazer operação sem reserva.

Informa-nos sobre a mudança no nome das disciplinas: antes Português era Comunicação e Expressão, e descreve que era adequado o nome, pois envolvia todo o processo da língua portuguesa e, ainda, enfatiza que as mudanças não ocorreram somente com o nome das disciplinas, mas também com o horário das aulas.

Dona Rosa ressalta sobre esse processo que:

Veio também a lei das mudanças de horas. O professor deveria trabalhar três horas e meia, isso diminuiu das quatro. Agora a gente tinha reunião dia de sábado que era para completar a meia hora, aí veio a extrarregência. Essa extrarregência no início a gente recebia era 10% do salário. Depois no governo de, de quem meu Deus? Lavoisier Maia que houve essa reforma, depois veio o aumento de 20%. A gente tinha regência de classe chamada Aí quando houve aquela mudança na lei que fizeram com o plano de cargos e salário no tempo de Vilma Maia, ela pegou e incorporou tudo, aí não tinha mais essa gratificação, mas por um ponto era bom porque a gratificação pode tirar em qualquer época né, por que a gratificação é assim, aí parece que depois que ela incorporou ficou no salário. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 16/08/2017).

A extrarregência foi uma mudança na conciliação da carga horária de professores, de gratificações e extensão de jornada. Essas medidas trazidas na lei foram implementadas pela Lei Nº 20.592, de 2012, que modifica a carreira de professores do ciclo básico do Estado. A norma, sancionada em 29/12/12, é originária do Projeto de Lei Nº (PL) 3.461/12, de autoria do governador¹⁴³. A professora defende que foi um ganho muito significativo para os professores, pois assim têm horários para os afazeres escolares, que antes era tirado do seu dia.

Ainda sobre suas práticas pedagógicas, presenteia-nos com uma narrativa sobre uma aula do sistema circulatório que ela utilizou o livro que ganhou do esposo¹⁴⁴. Tinham muitas

¹⁴³ Ela altera a Lei 15.293, de 2004, que institui as carreiras dos profissionais de educação básica do Estado, e a Lei 15.301, de 2004, que institui as carreiras do grupo de atividades de Defesa Social do Poder Executivo. A Lei 20.592 é, portanto, aplicável tanto aos professores vinculados à Secretaria de Estado de Educação (SEE) quanto àqueles de colégios Tiradentes da Polícia Militar.

¹⁴⁴ Vamos explicar por que o destaque sobre o livro. A professora relata que um senhor passou vendendo uns livros para professores e esposo comprou um livro para presentear a esposa. O que lhe serviu de base.

ideias ilustradas, “era só colocar em prática”. Relata que uma das orientadoras ou supervisoras, como eram chamadas, era Zilda Cabral, ela arranjou os vidrinhos de tubo de ensaio.

A orientadora Zilda Cabral arranjou os vidrinhos de tubo de ensaio para agente separar a parte líquida que era o plasma¹⁴⁵ e a parte sólida onde estão os glóbulos brancos e vermelho aí mostrou tudinho para as professoras. Aí mostrou também como podia usar substância para ao sangue não coagular. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

Refletindo a fala da professora, existe uma contribuição ao longo da vida, pois passamos a conviver com diferentes fontes de saberes dentro como fora das experiências escolares e em cada experiência dessas aprendemos as diferentes maneiras e atitudes. O supervisor escolar é o profissional, que tem a função de organizador ou orientador do trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores em uma escola.

A responsabilidade de supervisor escolar tem como atribuição garantir que a escola cumpra com a sua função social de socialização e construção do conhecimento. A escola trabalha em um sistema aberto, a fim de analisar e controlar o que se passa dentro da escola e direcionar as inovações necessárias ao bom desempenho das suas funções. Em virtude disso, a escola dispõe de profissionais com diferentes papéis, o que possibilita a interação e a troca de conhecimentos entre os membros da instituição. A ação do supervisor na escola é atribuída a ações complexas, configura-se como parceiro do professor. Essa relação se estabelece com o grupo de professores ao qual lidera passa a ser a essência do desenvolvimento de um bom trabalho em parceria com os professores.

Para trabalhar o sistema circulatório, a entrevistada informa que aproveitou materiais simples, que os alunos conhecem das vivências diárias. Para que os alunos entendessem, recorreu ao que a mãe costumava utilizar na cozinha.

Na aula do sistema circulatório, eu fiz o seguinte: disse para os alunos. – Olhe, às vezes a mãe de vocês mata uma galinha, por que nos livrinhos que eles usavam vinha essas coisas do dia a dia, então, ela bota vinagre ou limão e o sangue não coagula fica aquilo sempre líquido. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró//RN, 24/08/2017).

¹⁴⁵ É um líquido de cor amarela e corresponde a mais da metade do volume do sangue. É constituído por grande quantidade de água, mais de 90%, onde encontram-se dissolvidos os nutrientes (glicose, lipídios, aminoácidos, proteínas, sais minerais e vitaminas), o gás oxigênio e hormônios, e os resíduos produzidos pelas células, como gás carbônico e outras substâncias que devem ser eliminadas do corpo.

Nas palavras de Dona Rosa, percebemos que em suas aulas utilizava os conhecimentos prévios dos alunos para desenvolver os conteúdos a serem ministrados. Vimos também que a professora trabalha com o processo de investigação oral para começar uma abordagem sobre um novo conteúdo em sala de aula com indagações e uma breve iniciação sobre o conteúdo a ser repassado para os alunos. A professora pergunta aos alunos o que eles já sabem sobre o assunto em pauta e de acordo com as respostas faz intervenções sobre as informações apontadas e trabalha a partir das informações, que os alunos trazem das suas vivências.

Dona Rosa relata que trabalhava neste sistema de investigar o que o aluno já sabe, mas na época, era tempo de Ditadura Militar. Nesse período, trabalhava-se com poucos recursos e formação docente. Sobre esse fato relembra que:

Mesmo na época de Ditadura Militar que era difícil da gente trabalhar, pois havia muitas censuras e as condições de trabalho eram terríveis no sentido de falta de material pedagógico. Eu sinto que trabalhava numa visão construtivista (hoje eu sei, mas na época não). Eles tinham que descobrir sua aprendizagem, a gente ficava ali até eles descobrirem, para isso eu instigava com perguntas do que eles já sabiam. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

Esses conhecimentos exigem autonomia do professor, não se trata apenas de conhecimentos teóricos, mas de conhecimento adquirido pela experiência e do poder de decisão para diversificar suas aulas, as adaptações a situações novas que exigem dos professores reflexão.

Entendemos que os professores em suas práticas devem se apoiar em conhecimentos especializados e formalizados, os adquiridos na experiência e por intermédio das disciplinas em sentido amplo, incluindo as experiências da vida, levando os alunos a refletirem sobre sua aprendizagem, pois a partir do processo de investigação é possível que aconteça a transformação, percebe-se a investigação como uma atitude de colaboração para aumentar o teor de curiosidade e a busca pelo novo.

3.3 Relação Professor/Aluno e as Metodologias adotadas: a boniteza das relações entre a professora Dona Rosa e discípulos

O tópico mostra a boniteza das relações entre a professora Dona Rosa e seus alunos. Os acontecimentos evidenciados durante os anos delimitados no recorte histórico da pesquisa, entre as décadas de 1970 e 1980. As práticas pedagógicas estão ancoradas na dimensão da profissionalidade docente e seus respectivos subdomínios.

Com relação às práticas da professora, é possível que nos deparemos com questões relacionadas ao seu convívio, a saber: emoções, conflitos com relação aos conteúdos; afetividade pré-estabelecida na relação com os alunos que se fundamenta como identidade, não como um fenômeno adquirido, e nem um produto, mas a identidade a partir das ações existentes, vividas em suas relações com os alunos e os demais pares da escola.

A identidade também adquirida nos espaços de construções e de maneiras de ser e de estar no ofício como professor. Por isso, podemos utilizar a nomenclatura de processo indeníário, destacando o que diferencia o modo como cada um se sente e se diz professor. Sobre o processo da construção da sua identidade como professora.

Dona Rosa relata, que, no seu processo inicial de educadora, entrou com muita alegria, e se deparou com uma situação difícil. Relembra que saiu de uma escola para outra. Mudou-se da escola Ambulatório José Pereira Lima, para o Grupo escolar Cônego Estevam Dantas, pois havia sido convidada pela diretora do Grupo para ensinar. Recorda que aceitou o desafio, já que nunca foi de fugir dos desafios, porém não imaginou que pudesse enfrentar uma sala de jovens adolescentes. Enfatiza um episódio ocorrido:

Quando cheguei ao Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas e me deram uma turma de rapaz e moça, eu só não voltei da porta por que meu negócio era aquele, minha vontade era aquela, de ensinar de ser professora. Por que se não tinha voltado. Mais aí foi uma turma maravilhosa. Mesmo sendo grandes, por que naquela época tinha a classe dos menores, por que não se colocava misturados crianças com adultos. Por que tinha uns que eram adultos. Essa turma se chamava “recuperação”. Assim por causa da idade estavam fora de faixa e a minha turma foi fora de faixa. A minha era a turma era “B”, por que a “A” era sempre a primeira. E eu consegui muita coisa com essa turma. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró28/08/2017).

O que mais chamou nossa atenção foi o episódio de Dona Rosa enfrentar o desafio de aceitar uma sala de alunos adolescentes, pois, para ela ser professora era um objetivo de vida, por isso não voltou atrás, enfrentou a turma de rapazes e moças, como ela relata. Dona Rosa já tinha trabalhado com turmas de crianças pequenas e teve um choque ao se deparar com a turma de jovens denominada como fora de faixa. Também chamada de recuperação, ou seja, eram aqueles alunos, que não conseguiam aprovação e ficavam com idades diferenciadas da turma que fazia parte no ano anterior. Então, a direção juntava os reprovados e colocavam em uma sala. Era a sala de recuperação.

A professora relata ainda, que sua maior surpresa, foi esta, ter sido uma de suas melhores turmas. “Foi uma turma maravilhosa e conseguiu alcançar muitos objetivos propostos para a turma, como a aprovação de todos, avanço dos alunos e, principalmente, o comportamento”. Percebemos na fala da professora que a atividade docente vai além da atividade de ensinar por ensinar, mas que é preciso educar para que os alunos sejam cidadãos críticos, reflexivos, contextualizados e conhecedores de suas funções na sociedade.

É tanto que tem alunos dessa época que hoje estão de cabelos brancos, grisalhos e ainda me cumprimenta. Eles tratavam bem e queriam bem ao professor. A gente sentia o amor que o aluno tinha pela professora. Havia muito respeito. E também a gente também tratava o aluno muito bem. Tinha aqueles que tinha seus problemas, sempre tinha aqueles que eram mais assim... Mas sempre com muito respeito com a professora. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

A prática docente não se limita apenas e exclusivamente a repasses de conteúdo, sem vinculação com o mundo. A atividade do professor é o ensinar, definida como uma atividade prática. Ensina também o respeito para com os funcionários da escola e principalmente com a diretora, a professora sempre conversava com os alunos sobre a figura da diretora, pois por se tratar de uma autoridade, era preciso respeito e reverência.

Dona Rosa narra como era o comportamento dos alunos em relação à professora e à sala de aula, que fazia através de conversas que os alunos demonstravam respeito à diretora e demais funcionários.

Quando eu comecei no Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, a diretora era Cencinha, Vicença Pinheiro. No dia que Dona Cencinha ia. Ela sempre ia mais pela manhã. Mas no dia que ela ia à tarde, menina, a escola era um negócio sério. Era diferente o comportamento dos alunos, funcionários, professores,

precisava nem a gente dizer nada aos alunos. Quando eles chegavam e via que Dona Cencinha estava na escola, eles mesmos cochichavam entre si. Eu sempre conversava com eles que a diretora era uma autoridade na escola (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

De acordo com Dona Rosa, suas práticas pedagógicas e a boniteza das relações com seus alunos efetiva-se por meio das tarefas realizadas, das conversas diárias, dos trabalhos desenvolvidos, em sala e fora, em casa, sendo capaz de transformar o comportamento social e intelectual dos discentes. Atentando a cada dia para as suas trajetórias de vida, sempre levando em consideração os contextos históricos, sociais, culturais, nos quais os alunos estavam na época. A professora refere-se à educação como primordial para o processo de humanização que acontece de forma coletiva, e tem como objetivo, envolver os sujeitos participativos do procedimento educativo.

Dona Rosa enfatiza sempre em suas falas a questão do respeito, que os alunos tinham pelos professores, pelos pais e, até mesmo, pelas pessoas mais velhas independente de ser seu familiar ou não. Na década em destaque, época de ditadura militar, as crianças não respondiam os professores, comportavam-se de acordo com as regras estabelecidas pelas professoras de modo a seguir a filosofia da escola.

Ela nos presenteia com um dos pontos bonitos e prazeroso de suas metodologias. Revela que: “Quando chegava uma pessoa na porta da sala que não fosse da escola, todos os alunos se levantavam e cumprimentavam o visitante. Tínhamos até uma musiquinha que a gente cantava eu já tentei me lembrar e não recordo”. Lembrei a letra da música e Dona Rosa cantou com muita alegria.

Boa tarde visitante, como vai (risos alegres de contentamento),
Da nossa memória nunca sai.
Faremos o possível;
Para sermos bons amigos,
Como vai visitante, como vai
Como vai visitante, como vai! (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

Ao recordar a letra da música, a professora sentiu um enorme prazer, ficou muito feliz com riso solto. Segundo Dona Rosa, essa “musiquinha” fazia parte do cotidiano de suas aulas. Relembra com carinho “Todos em fila, se levantavam e cantavam, todos”. Ressalta que era uma das várias metodologias utilizadas para trabalhar a formação cidadã. A entrevistada observa

que só pelo fato dos alunos ficarem de pé ao lado direito das suas carteiras com postura, as mãos para trás em posição de sentido, já era um fator de rotina, que se transforma em educação. A regra e os bons costumes eram essências para a formação do ser.

Isso também acontecia quando uma pessoa da escola ia dar um aviso, eles levantavam e recebiam bem e agradeciam. “A gente ensinava a eles a ser desse jeito”. Os alunos aprendiam e respeitavam a todos por igual. Relata ainda, que ao cantar os versos da música, na parte que fala sobre ser bons amigos, simboliza a paz. A paz que era necessária naquela época de ditadura, quando não se tinha o poder de externar suas inquietações. Destaca que os alunos aprendiam o respeito e a atenção para com qualquer pessoa, que entrasse na sala de aula. E isso eles levariam para seu dia a dia como um processo de formação e autonomia.

Segundo Freire (1996, p. 64) sobre a prática docente reflexiva, afirma que:

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito.

O autor enfatiza que é a partir da reflexão de sua prática, que o professor passa a compreender o aluno em seu contexto social. É preciso que o professor tenha um olhar crítico sobre a aprendizagem do aluno, para que possa ser significativa e que os estudantes aprendam e sejam autônomos em suas ações diárias.

A partir do narrado por Dona Rosa, entendemos que as práticas docentes só se efetivam na medida em que o professor alarga a consciência sobre as transformações de sua própria prática. O fato de a professora relembrar a música refaz uma visita à memória. Revivi como se estivesse vivendo tudo outra vez. Em sua mente é nítida a recordação da época. Essa memória se constitui como um ideal para compreender sua identidade como professora, que se constrói a partir da significação social da profissão, da revisão fiel dos significados como ponte para seu empoderamento e do seu legado na profissão. Destacamos a sabedoria particular do ser professor como saberes adquiridos na experiência no chão da escola, e se configuram num processo de constante reflexão sobre suas práticas, dando suporte ao processo reflexivo sobre si mesmo, sobre sua atuação dentro e fora da sala de aula.

Dona Rosa relata como a gestora auxiliava no comportamento das professoras do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas na década estabelecida do recorte temporal da pesquisa. Como o fazer diário do professor influenciava na sua profissionalidade docente. Os pais não admitiam que seus filhos estudassem com professores relapsos.

O professor não pode fazer nada de errado. É difícil fazer o nome, mas para desfazer só é preciso uma fofoca. A diretora Dona Delzira sempre dizia que era preciso ter cuidado para não cair na boca do povo¹⁴⁶. Que não precisava vir arrumada demais para dar aula, mas vi composta. Pois é preciso respeitar. O professor que o respeito do aluno, então tem que respeitar. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

Sobre essa reflexão diária e minuciosa que o professor deve ter com em relação à sua função como docente e à sua responsabilidade para com a educação e a formação do aluno cidadão, Dona Rosa ressalta que é a postura do professor e afirma:

É de muita importância também a função do professor dentro da sala e fora da sala de aula. Por que você sabe, eles observam muita a vida da gente viu. Dentro de uma sala de aula do professor polivalente¹⁴⁷, os alunos observam a roupa que você vai, como é que você se veste, onde anda. Se eles virem a professora algum lugar, falam - A, eu vi a senhora em tal canto fazendo isso assim, assim, assim. Os alunos dizem mesmo. E como dizem. Se eles chegarem num canto por exemplo se eles passam perto de um bar e ver um professor ou uma professora, eles comentam: -Eu vi o professor tal tomando uma cerveja lá não sei onde eles observam muito a vida da gente. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

Neste ponto, Dona Rosa faz referência ao seu tempo de professora, levando em consideração a década de plena Ditadura Militar, momento em que tudo era censurado. Naquele tempo, o professor também estava em evidência em todos os sentidos, no pedagógico e na postura e, principalmente, em relação a preservar seu nome, pois era visto como um profissional que não podia cometer erros, ou seja, um educador. Segundo a entrevistada, é preciso haver por parte dos professores uma postura moral e ética, que o professor deve priorizar, tanto na vida profissional, quanto no cotidiano. O professor é um formador de opinião nato.

¹⁴⁶ Expressão utilizada na época.

¹⁴⁷ A professora dona Rosa faz referência ao seu tempo de professora, levando em consideração a década de plena ditadura militar.

Ainda ressalva que os diretores se preocupavam muito com a postura dos professores. Segundo Dona Rosa, os diretores tinham um cuidado muito zeloso com o comportamento das professoras e preservava o nome da escola.

Relata um depoimento sobre a postura da diretora Dona Delzira¹⁴⁸ como líder e formadora dos bons costumes dentro do âmbito escolar:

Um dia ela chamou em particular uma professora, e perguntou se ela não tinha uma sandalhinha melhor para vir a escola. - Você vem com essa chinela japonesa¹⁴⁹, parece que do jeito que você estava em casa varrendo o quintal veio para a escola. Isso não pode, tem que respeitar os alunos e a escola. Se a professora que o respeito do aluno, então ela tem que respeitar também. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 28/08/2017).

Existia também uma boa relação do professor com a direção que ia se constituindo na medida em que o educador repassava para os alunos, que a presença da gestora era um elo que direcionava a escola, mas que isso só poderia acontecer com a ajuda dos professores e educandos. Não como um ditador, mas como uma pessoa da escola que trata do bem comum do ambiente escolar.

A entrevista também relata que Dona Delzira chamava muito a atenção, no quesito da roupa, quando fazia as reuniões. Ela era uma gestora muito observadora e, também, conservadora dos princípios morais. Dona Rosa informa que tinha a roupa de dar aula, a roupa de ir para cinema e a roupa de ir para a missa. Isso fazia parte de sua postura de professora e, também, posso dizer da minha prática.

A professora adotava em suas práticas pedagógicas um posicionamento voltado para uma metodologia construtivista, levando em consideração que na década de 1970 os professores trabalhavam numa visão da Pedagogia tradicional, na qual o ensino era pautado na exposição oral do conteúdo pelo professor. Voltado principalmente para a resolução de exercícios e na memorização das grandes fórmulas, conceitos e datas, generalizando a aplicação de grandes e cansativos exercícios.

A professora revela que utilizava a metodologia da época, o ensino tradicional, fazia cópias, ditados, exercícios, dever de casa, mas também procurava inovar um pouco suas aulas

¹⁴⁸ Diretora da Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas nos anos de 1930

¹⁴⁹ Denominação das sandálias mais conhecidas como chinelos, pois deixava os pés e dedos a mostra. Ao ver da cultura da época era utilizada por pessoas de baixa renda. O termo chinela japonesa surge porque é inspirado num calçado japonês. A Alpargatas Calçados cria um modelo e dá o nome de havaianas.

para melhorar a vida estudantil dos seus alunos. Trabalhava com aulas práticas de acordo com o assunto.

Ainda sobre seu tipo de metodologia, enfatiza e afirma que atendia a aprendizagem dos seus alunos, bem como ressalta que seu modo de ensinar se aproximava do método construtivista.

A metodologia que eu utilizava era um pouco parecida com a do ensino construtivista que tanto se fala muito hoje. Eu acho que a minha metodologia se adequava a aprendizagem do aluno. Naquele tempo as professoras tinham muito a ajuda significativa das supervisoras. Elas sempre trabalhavam em comum acordo com a gente. Logo também, eu tinha interesse em fazer e também tinha tempo. Hoje os professores estão todos sobrecarregados, a maioria tem dois, três empregos. No meu tempo era diferente. O professor só tinha uma escola para trabalhar e também a gente combinava tudo com as supervisoras. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 24/08/2017).

Percebemos na fala da professora algumas das características da concepção tradicional¹⁵⁰. Suas práticas se encontram cada vez mais presente nas práticas pedagógicas de professores atuais. Partindo do princípio que hoje em dia se propaga a importância de instigar os conhecimentos prévios dos alunos, pouco se vê o aproveitamento posterior dessa investigação principal, a sua correlação com os conteúdos curriculares organizados. Por que muitas vezes essa investigação fica fora do foco do que é real a proposta objetiva

Não é preciso ir muito longe para entendermos que as metodologias tradicionais de ensino são utilizadas pelos professores da atualidade: exposição verbal, foco nos exercícios, na repetição e na memorização. No caso da relação professor-aluno, ainda prevalece, na maioria das escolas, a ascendência da autoridade do professor, relacionado não a autoridade como poder, mas voltado para a forma de avaliação, que se encontra de forma total ligada à concepção tradicional em algumas escolas, que se reproduzem por intermédio da prova escrita.

A entrevistada nos fala sobre outros tipos de práticas e metodologias, que utilizava em suas aulas. A escola Estevam Dantas recebia as estagiárias da Escola Normal de Mossoró. As normalistas gostavam de estagiar na minha sala, porque eu fazia as atividades diferentes.

¹⁵⁰ O termo pedagogia tradicional, como bem o conhecemos através dos cursos de formação inicial e continuada, advém do estudo das concepções antigas de educação. Essa teoria ou concepção pedagógica formou-se a partir dos pontos recorrentes nas práticas de ensino evidentes ao longo da história da educação. Daí o termo Pedagogia Tradicional, para explicitar a sua recorrência, a sua gênese histórico-cronológica. (SAVIANI, 2014).

Ressalta que formulou uma aula bem boa e elaborada para dar quando a estagiária começasse a primeira fase do Estágio, a observação. Era uma aula de Ciências sobre o sistema digestivo.

Não é querendo me exaltar. Mas, para esse dia eu levei para a sala de aula uma galinha para abrir junto com os alunos e mostrar aos como era por dentro do animal, para estudar o sistema digestivo. As informações foram retiradas do livro que ganhei do meu esposo, nele tinha veio até o cartaz mostrando como fazer o procedimento. O frango que levei para a escola já estava morto e depenado. Comecei a aula, aí abri e comecei a mostrar, parte por parte, e explicando cada função. Foi uma ótima aula, onde os alunos puderam ver ao vivo o que só era possível ser visto nos livros. Por isso que eu diga que minha metodologia era diferente daquela época. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 24/08/2017,).

O fato que Dona Rosa relata nos chama a atenção para compreender a relação de respeito da boniteza e dedicação, que dispensava aos seus alunos e à profissão. É emocionante perceber a leveza com que a professora trabalhava em sala de aula, não é por acaso que ela era conhecida como a melhor professora do Grupo Escolar na época. No entanto, o que Dona Rosa fazia é uma ação pedagógica tão simples e, ao mesmo tempo inovadora, dada década, apesar de ser considerada antipática pela maioria das pessoas, que a conhecia, era, ao mesmo tempo, carinhosa, cuidadosa com a aprendizagem dos alunos.

Dona Rosa utiliza uma nova forma de abordar os conteúdos diferente da metodologia vigente. Usa uma maneira de se exercitar o potencial dos alunos quando o papel do empírico na totalidade do trabalho, que se configura a postura metodológica e se compromete com criticidade que possam advir dos pais e da comunidade.

Dona Rosa nos presenteia com a explanação de uma aula com demonstração da prática na mesma linha de conhecimento. Esta aula foi trabalhada o funcionamento do coração e informações sobre todas as partes do coração.

Quando fui trabalhar o coração¹⁵¹. E fiquei imaginando o que poderia fazer para passar para os meninos. O livro que eu me baseava tinha um coração muito grande. Então fui ao mercado e comprei um coração de boi no mercado e levei para mostrar aos meninos. Na aula eu informei sobre as quatro partes do coração. Abri e fui mostrando por onde o sangue passava, as cavidades, ou

¹⁵¹ O coração está dividido em quatro cavidades, duas superiores ou aurículas, duas inferiores ou ventrículos. As aurículas, que recebem o sangue trazido pelas veias, não se comunicam entre os ventrículos, que impelem o sangue para as artérias, também não se comunicam entre si. Cada aurícula, porém, se comunica com o ventrículo do mesmo lado por um orifício denominado orifício auriculoventricular.

ventrículos. As aurículas, que recebem o sangue trazido pelas veias, não se comunicam com os ventrículos. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró 27/08/2017).

Refletindo sobre suas palavras, podemos fazer uma analogia entre o passado e os dias atuais, quando podemos ver claramente como a professora mexia com o imaginativo dos alunos e os levava a refletirem seu próprio corpo como as funções são essenciais para o funcionamento saudável. Ao fazermos essa analogia, percebemos a diferença entre as metodologias utilizadas, e vimos que é possível para o professor diversificar suas aulas com materiais do cotidiano do aluno. É notório a diferença do aprendizado quando o aluno visualiza o material concreto, podendo tocar, olhar e fazer sua própria leitura sobre o objeto em estudo. Diferentemente dos dias atuais que se utilizam as imagens computadorizadas ou produzidas em materiais sólidos expostos no laboratório da escola.

Ao olhar para esta postura didático-pedagógica da professora, sinto-a como uma profissional comprometida, engajada e além do seu tempo, capaz de enxergar o aprendiz a atender ao seu anseio de aprendiz. De posse do seu fazer pedagógico, sempre levando os alunos desenvolver sua capacidade de pensar sobre o já conhecido e se deleitar com o desconhecido que reside a riqueza da aprendizagem.

Ressaltamos outro posicionamento da entrevistada sobre suas metodologias: a leveza da sua relação com os alunos sobre seus comportamentos. Porém a obediência vem regada a compreensão. Vejamos o que Dona Rosa nos diz até para ir ao banheiro tinha que haver regras, para não haver desorganização

Sobre a ida à casinha¹⁵². Dona Rosa enfatiza que: Tinha aqueles alunos que gostavam de ir a casinha só para se levantar e sair da sala, passear no pátio e conversar, então para que eles obedecessem sem raiva era preciso conversar.

Eu sempre dizia – Olhem! O regime é esse, na hora que tocou vai para a merenda e aproveita para ir na casinha (banheiro). Por que não vai ficar para lá e para cá não. Aqueles mais ativos que pediam para ir a cada instante eu dizia- Olhem que tiver algum problema urinário, mande a mãe vir falar comigo. Eu dizia desse jeito. Ai que era que queria a mãe na escola. A presença da mãe na escola significava problema sério. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 27/11/2017).

¹⁵² Era um termo utilizado na década de 1970 para designar o banheiro, essa época os banheiros eram separados da casa, sempre se fixavam no fundo dos quintais (Grifo da autora)

Naquela época a obediência estava atrelada à disciplina e à ordem, pois o contexto histórico nos indica que os alunos eram manipulados, moldados e corrigidos. A professora revela na sua fala a importância existente na relação entre professores e alunos. Podemos destacar ser necessárias essa parceria para que aconteça a ordem e o objetivo maior sejam alcançados, as aprendizagens significativas. Isso mostra que é necessário à compreensão de que o professor precisa do aluno e aluno precisa do professor.

3.4 Avaliação da aprendizagem e os conteúdos de ensino: com a palavra a professora Dona Rosa

A avaliação da aprendizagem e do rendimento escolar dos educandos são elementos essenciais da docência, através desses elementos os professores avaliam sua autonomia de forma significativa. A partir da avaliação e da aprendizagem, o professor conduz a direção de sala de aula, e escolhe os temas para o ensino, e a forma como tais temas são desenvolvidos em sala de aula.

É mister ressaltar as questões que envolvem o processo da avaliação como fonte de aprendizagem incide sobre as ponderações em todas as esferas dos procedimentos educativos. Ela nos revela que considera a avaliação da aprendizagem um processo gradual e deve fazer parte em todas as ações do trabalho pedagógico de qualquer professor. Relata ainda que começa esse processo logo nos primeiros dias de aula. e se estendia até o final o último dia de aula. Ao referir-se sobre avaliação:

Sobre a avaliação a gente fazia teste. Esses testes era durante a semana, a cada semana eu fazia de uma matéria diferente e no final do bimestre fazia a prova com todo o conteúdo estudado durante os meses. A prova era uma forma de aplicar para ver se o menino tinha aprendido aquilo que foi ensinado durante o bimestre. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 27/11/2017).

Nas elocuições da professora, entendemos que se retrata do caráter do seu trabalho pedagógico, bem como a busca para legitimar seu elo de ajuntamento com o processo de avaliação. Reconhecemos que, de acordo como o contexto da época e as condições de trabalho, que concretizaram o período aos seus condicionantes econômicos, sociais, políticos e culturais, estão afixados nas práticas confirmadas pela professora em sua sala de aula, e estes estão arraigados, também, aos fatores históricos, que estão envoltos nas circunstâncias educativas.

Sobre as formas de avaliação a Dona Rosa enfatiza que trabalhava também com outras formas de avaliação,

E outra coisa que eu fazia, era dever de casa. O dever de casa a gente não fazia de coisas que ele ainda não tivesse estudado. A gente só fazia do que ele vinha estudando, do assunto que ele estudou naquela na semana. Fazia o dever de casa para ver se ele tinha aprendido mesmo. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 26/08/2017).

A professora relata que utilizava o dever de casa como mais uma forma de avaliar o aluno em vários aspectos, no que se refere ao compromisso com suas tarefas de casa, examonava se os meninos tinham acompanhamento em casa. Sobre isso, profere: “Através do dever de casa eu sabia quem entendeu o assunto ou não”. Observava, também, os mais interessados, os mais caprichosos com seu caderno, e revela “naquele tempo já tinha os alunos que gostavam de enrolar a professora”, quando não faziam o dever de casa criavam histórias fantásticas para justificar.

Dona Rosa enfatiza que, naquele tempo, o número de aluno era de acordo com a metragem da sala. Cada aluno tinha direito a um metro quadrado.

Teve um ano que tinha 38 alunos na minha sala. Meu Deus! O que é que eu vou fazer? Vou falar com a diretora para saber por que na outra turma só tinha 32, a idade era maior e na minha sala eram os das idades menores. Perguntei: - Por que na minha sala tem 38alunos, e na outra tem 32. Não dá para mandar pelo menos uns 4 para a outra sala não? Ela me respondeu assim: - Você sabe quantos metros quadrados tem sua sala? Eu respondi- Sei não. Ela falou: - Pois tem 40 metros quadrados e é um metro quadrado para cada aluno, era para você ter 40 alunos. Então eu respondi: Eu aceito, mas no fim do ano não me venha querer 90 e 100% de aprovação não viu. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 26/08/2017).

A professora reforça que a avaliação é um processo gradual, por isso, é difícil para um professor conseguir que uma turma de quarenta alunos tenha aprovação de 100%, levando em consideração o tipo de avaliação da década, na qual se arrecadavam os conteúdos sem conexão com o contexto, que são transmitidos como verdades absolutas, sem chance de questionamentos ou, levantamentos de dúvidas em relação à sua veracidade.

A professora Dona Rosa considera que a avaliação é um ponto importante do ensino-aprendizagem, porém é a tarefa mais difícil para o professor efetivar. Partindo do princípio da homogeneidade. Os alunos não são iguais, embora recebam conteúdos iguais. Cada um tem sua particularidade e sua forma de entender determinado assunto. A entrevistada revela um fato para demonstrar como é complexo o processo de avaliação e levando em consideração o número excessivo de alunos

Naquele tempo a gente trabalhava muito, não brinque não que quando eu ensinei o 1º ano pela manhã. Os alunos eram fora de faixa. Então esse tipo de turma era conhecido como turma de recuperação. Naquele tempo era chamada de recuperação por que tinha que recuperar e passar de ano. Essa sala era composta de 30 alunos. Tinha aluno que sabia ler e não escrevia, tinha alunos que escrevia e não lia, e tinha aluno que nem lia e nem escrevia. Mas quando terminou o ano ninguém olhasse muito para mim não que eu chorava. Mas consegui que todos lessem ainda tinha aqueles que chegavam chorando e eu tinha que acalantar, ainda fazia o papel de mãe, a gente era tudo, era médico, era mãe, era padre, psicólogo. E ainda tinha uns que me chamavam de mamãe. E todos os alunos tinham que passar, se não significava que a professora não era boa (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 26/08/2017).

Hoje o professor não tem tempo de diversificar muito suas aulas devido à grande carga de trabalho que é obrigado a desempenhar. Porém, a forma que ele adotar para a avaliação, o objetivo alcançado sempre será a aprendizagem. A aprendizagem desempenha o papel de peça fundamental no processo de avaliação para qualquer metodologia, escrita ou oral.

Nas palavras de Dona Rosa, a afetividade é um meio de facilitar a aprendizagem e a avaliação. O fato das crianças a chamarem de mãe, de procurá-la quando necessitam, contribui para um resultado significativo na aprendizagem. Uma vez que são os reflexos da representatividade da professora na vida dos alunos. Revela que conseguiu aprovação de todos, só reforça o grau de interação e afetividade da professora com a turma de modo geral. Dona Rosa, conseguiu alcançar seu objetivo para com a turma, (a aprendizagem e o comportamento

exemplar¹⁵³ dos alunos) e o objetivo como escola e parte integrante do sistema educacional, passa a ser vista como uma professora competente e que não reprova. Os alunos aprendem, conseguem avançar para o ano seguinte. Os reflexos da prática da professora, também são bem vistos com bons olhos pelos pais que passam a respeitar ainda mais a professora.

Durante a entrevista, ela nos fala que tinha uma boa relação com os pais dos alunos, apesar de alguns a acharem carrasca:

As relações com os pais também eram ótimas. Eles vinham para as reuniões dos pais. Procuravam conversar com a gente de forma normal. Se tivesse alguém com um problema chamava o pai em particular e falava como o aluno estava. Ou então antes da reunião a gente mandava chamar e ele vinha, às vezes a criança era muito serelepe e a mãe não resolvia, então a gente só queria o pai. -Diga a seu pai que quando ele for trabalhar passe aqui na escola para falar comigo. -E fique sabendo que eles vinham. Tinha pai que vinha de surpresa e olhava pela janela o comportamento dos filhos. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 26/08/2017).

É notório que, o aluno aprende com mais facilidade e leveza quando existem laços afetivos entre o docente e discente. As atividades que os alunos desempenham são prazerosas e, muitas vezes, independentes, os desafios são enfrentados com mais significação, em alguns casos o próprio aluno determinado seu potencial de entendimento por um assunto independente de conhecê-lo ou não.

Segundo Freire (2014, p, 21)

Não há docência sem deiscência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. [...]. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. [...]. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.

Freire (2014) enfatiza que a autenticidade determinada pela destreza de ensinar-aprender corrobora de um conhecimento absoluto e ético, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a impassibilidade. O aprender, que de acordo com a história,

¹⁵³ Na concepção de Dona Rosa o aluno ter um comportamento exemplar significava que o aluno devia cumprir todas as regras estabelecidas pelas normas da escola.

descobrimos que era admissível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender. É uma metodologia que pode deflagrar no principiante, uma raridade crescente, que pode torná-lo mais e mais fecundo.

Dona Rosa nos informa que também trabalhava com o ditado e a cópia, por muitos criticados, mas ela achava que dava bons resultados e via como significativo para o aluno aprender a escrever as palavras corretas. Sobre isso nos fala: “Trabalhava com o ditado como forma de avaliação, com cópia, onde os alunos passavam do livrinho para o caderno”. Os alunos faziam a cópia para aprenderem a transcreverem e melhorar a caligrafia, a gramática.

Cada método de avaliação utilizado por ela tinha o objetivo de auxiliar na aprendizagem dos alunos como veículo abrangente na busca de diferentes caminhos para estimular o aluno a refletir sobre a produção do seu próprio conhecimento, erguendo novos saberes em conjunto com os outros alunos da turma.

Sobre os conteúdos ensinados, enfatiza que houve mudanças, mas que não são tão visíveis a ponto de transformar, de forma rápida, a compreensão dos alunos. Os conteúdos de ensino eram: Comunicação e Expressão que era Português, Matemática Moderna, Estudo Sociais, Ciências, Moral e Cívica e Religião.

De acordo com as informações narradas pela Dona Rosa, elaboramos um quadro com os subsídios dos conteúdos programados para cada matéria/disciplina.

QUADRO II- OS CONTEÚDOS DE ENSINO

| Quadro dos conteúdos das matérias trabalhadas pela professora Dona Rosa | | |
|---|--|--|
| Matéria/Disciplina | Conteúdos de Ensino | Objetivos |
| Comunicação e Expressão | <ul style="list-style-type: none"> ➤ Leitura ➤ Interpretação da leitura ➤ Gramática ➤ Escrita ➤ Composição ➤ Os substantivos, adjetivos. | Compreender a leitura e escrita de palavras; Entender a Língua Portuguesa; Identificar os termos gramaticais. |
| Matemática Moderna | <ul style="list-style-type: none"> ➤ Partia do concreto para chegar ao abstrato. ➤ Contas ➤ Quadro Valor de Lugar | Resolver problemas das quatro operações; Resolução de exercícios Memorização de fórmulas e conceitos. |
| Estudo Sociais | <ul style="list-style-type: none"> ➤ História do Brasil ➤ Fauna ➤ Flora, ➤ Climas ➤ Vegetações | Resolução de exercícios Memorização de datas acontecimentos e Memorização de fatos nomes dos que fizeram parte da História. |
| Ciências | <ul style="list-style-type: none"> ➤ Os sistemas, ➤ O Corpo Humano | Identificar todas as partes do corpo humano e suas funções. |

| | | |
|------------------|---|---|
| Moral e Cívica e | <ul style="list-style-type: none"> ➤ Os poderes ➤ Os Hinos: Soldado, ➤ Bandeira, ➤ Independência ➤ Escola. | Obedecer às leis impostas pelo sistema da época; Conhecer os deveres do cidadão; Zelar pela Pátria. |
| Religião | <ul style="list-style-type: none"> ➤ A religião Católica | Conhecer os ensinamentos cristãos. |

Fonte: O quadro foi organizado pela autora de acordo com as informações da professora entrevistada

O quadro traz uma demonstração de alguns conteúdos trabalhados pela professora na década do recorte da pesquisa. Dona Rosa informa as disciplinas que trabalhavam e alguns conteúdos delineados de acordo com o sistema educacional de ensino, no qual se ministravam todas as matérias do programa da escola para concretizar a aprendizagem por meio do que era ensinado. Por esse motivo, os professores eram denominados como polivalente. Essa terminologia polivalência, destaca a capacidade do professor de atuar em diversas áreas como flexibilização. São os docentes, que atuam anos iniciais e cumprem múltiplos papéis, e configura-se como uma visão de profissional de capacidade multifuncional.

Em Comunicação e Expressão, hoje Língua Portuguesa, era assim:

As disciplinas de Comunicação e Expressão compreendia leitura, interpretação da leitura a gramática a escrita e a composição, que também já foi chamada de Dissertação, Produção de Texto e Depois Redação. Na composição os alunos tinham que compor um texto partindo de qualquer coisa, uma história que ele ouviu ou que leu, ou que pudesse imaginar. Depois passa a se chamar dissertação, os alunos miravam um quadro levado eu levava e dissertava o que estava vendo naquele quadro e tinha que criar uma historinha. Depois passa a ser chamado de Produção de Texto, os alunos construía um texto partindo de algo preestabelecido pela professora ou da imaginação dele, e agora Redação, eu me lembro que tive um aluno muito bom em redação. Hoje ele é médico em São Paulo. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 26/08/2017).

Em Comunicação e Expressão, o grande enfoque era na leitura, pois os alunos precisavam ler corretamente, explicitando cada palavra, fazendo a pontuação correta então se enfatizava a leitura silenciosa e oral de forma repetitiva. A composição¹⁵⁴ era uma forma também de avaliação da aprendizagem (escrita e pontuação). Segundo a professora, essa

¹⁵⁴ A composição era a produção de texto atualmente. Segundo a professora entrevistada, partia sempre de uma imagem exposta no quadro para os alunos visualizarem e compor sua imaginação sobre a imagem. Só podia partir da imagem exposta.

matéria sempre foi muito difícil para os alunos, pois era preciso decorar as classes gramaticais e todos os assuntos da língua.

Durante uma das entrevistas, manifesta seu grande prazer de trabalhar com a matéria de Comunicação e Expressão “Eu sempre gostei muito de trabalhei a Gramática, era uma das coisas que gostava de ensino”. A professora expõe seu modo de repassar a Gramática para os alunos.

Naquele tempo quando eu comecei a trabalhar na educação a Gramática era assim. A gente primeiro explicava os pós-vocábulos, hiato, ditongo, as classes gramaticais os substantivos, adjetivos, estudava tudo isso, aí. Depois que veio a Gramática funcional (risos) Era a gramática funcional que ela era tudo tirado dali daquela função, a função da palavra ali naquele texto, era uns textozinhos pequenininhos. Fazia aquela troca das frases no texto, “Eu sou brasileiro”. ai quando ia trocando ele aí escrevendo, Brasileiro eu sou, sem perder o sentido geral, e às vezes tinha frase maior, um textozinho, ai ele tinha que mudar a sequencias do que estava escrito aí eles iam ver se podia dizer de outra maneira sem perder o sentido para. Aí dali eles podia descobrir que a palavra era um sujeito e do sujeito podia ser um substantivo. Por que era o que dava nome aquilo ali. Depois que ele descobria o que era o substantivo eles mesmo descobriam e diziam o que era. É nome de pessoa e de lugar, aí eles diziam é nome de uma loja. Eles diziam dessa maneira a gente tinha que aceitava, por que eles tinham descoberto o que era o substantivo. Aí era que a gente ia estudar aquelas classificações própria, comum, simples, composto, coletivo era que a gente ia dando sequencias. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 26/08/2017).

De acordo com a explanação da professora, vimos que a Gramática tem o objetivo de orientar e regular o uso da língua, podendo ser estabelecido um padrão para a escrita e para a fala baseado em diversos critérios. Na verdade, podemos dizer que a Gramática, tem como estudo um sistema de normas, que dá estrutura à língua, por consequente define a língua padrão também, chamada língua culta ou norma culta. Para que alguém possa falar bem e escrever corretamente é preciso estudar a Gramática.

Revela que para trabalhar a leitura, a professora levava os alunos a lerem em um primeiro momento a leitura silenciosa, “apenas com os olhos e a mente”, depois a oral para escutar e avaliar se o aluno compreendeu o que acabou de ler. Assim expõe:

Para trabalhar a Leitura era assim. Primeiro eu pedia aos alunos que fizessem a leitura silenciosa, o aluno lia silenciosamente, depois eu fazia uma série de perguntas relacionadas à leitura que era para o aluno fixar bem na mente, mesmo que ele não entendesse a primeira leitura, ele conseguiria compreender

na segunda leitura, pois as palavras já estavam na mente deles. Em seguida, eles liam oral. Recebi muitos elogios da direção da diretora. Pois a minha sala de aula era do lado da dela. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 26/08/2017).

Na fala da professora, entendemos que ler fluentemente não significa compreender o que se lê, pois é possível ler rapidamente sem entender o assunto de que trata o texto. A leitura de um texto requer conhecimento de seu propósito por parte do leitor, já que a fluência também tem a ver com a intenção da leitura: para que ler, quais estratégias poderão ser utilizadas e o que se espera ao final.

Com relação à Matemática, a professora relata que esta deve ser bem trabalhada nas escolas desde o primeiro ano da vida escolar das crianças, para que os alunos não apresentem dificuldades na construção do raciocínio lógico. Alerta que trabalhar com a Matemática em sala de aula é um grande desafio para o professor, pois deve estimular o aluno, pois a maioria dos alunos mostra algum tipo de dificuldade com:

Matemática moderna começava a dar o concreto para chegar ao abstrato, que era quando os alunos começavam a aprender. Para contar pedia que eles trouxessem uma caixa de fósforos, juntava de 10 palitos até formar uma dezena, tinha o quadro valor de lugar QVL. Aí se usava o material concreto para o abstrato e depois era só fazer a operação. Mostrava sempre que a matemática faz parte de nossa vida. Para os alunos saberem o múltiplo de um numeral – Vamos ver como é? Como é que a gente faz? Olhem $3 \times 3 = 9$. Aí perguntava nove é o que de três? É um múltiplo de né. - Eles diziam é um múltiplo de três. – E como é que se consegue um múltiplo de três. Aí eles diziam multiplicando um numeral pelo outro. Ai pronto eles mesmos faziam o conceito. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 26/08/2017).

A entrevistada mostra que a Matemática está presente em todos os momentos da vida das pessoas e vivemos 24 horas por dia com a matemática, até onde a gente não ver, nos impostos, nas contas, salários, no café, no dinheiro e em todos os aspectos. A matemática é também uma forma de ler a natureza e, ainda, determina o mundo em que se vive. A professora Dona Rosa traz para ilustrar nossa entrevista um pouco sobre os Estudos Sociais que abrangia um universo imenso, afirma como trabalhava de acordo com a década:

Estudo Sociais que abrangia Geografia e História era os dois juntos, que englobava a história do Brasil, Fauna Flora, Climas e vegetações entre outras coisas. Esta matéria compreendia somente de 1º ao 5º ano e se trabalhava muito em decorrência de ser muitos conteúdos. No Ginásio já existia a divisão de História e Geografia. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 16/08/2017).

Nas narrativas da professora revela que trabalhava, mas reconhece que tinha muito conteúdo para os alunos estudarem em Estudos Sociais. Essa nomenclatura só se aplicava aos primeiros cinco anos da escola elementar. Nessa mesma época, os professores ministravam História e Geografia juntas, e informa: “Se só Geografia é muita coisa imagine História junto, aí você veja como os alunos tinha trabalho para aprender tudo”. Afirma também que às vezes os assuntos eram descontextualizados para a compreensão dos alunos.

Com relação a Ciências, relata que era a disciplina que mais gostava de ensinar. Os assuntos eram mais fáceis e podia explorar a prática. Revela que nas aulas de Ciências podia trabalhar com a teoria e a prática. Podia também seguir um livro que ganhou de presente, “Eu lia tudo. O que eu não podia confeccionar para concretizar a prática, eu comprava no mercado. No livro continha muitas informações. Na parte de Ciências tinha todos os sistemas, a saber: sistema digestivo, sistema circulatório, sistemas respiratório e urinário, o esqueleto, anatomia”.

Nas aulas de ciências ministradas por ela, notamos, a partir de sua fala, que suas aulas eram atrativas para os alunos, levando em consideração a década em que se pauta sua prática. E que existia por parte da professora uma busca constante em fazer com que os estudantes se interessem pelas aulas de ciências criando atividades como suporte pedagógico para facilitar a compreensão dos alunos, objetivando que estes queiram descobrir e obter conhecimentos dos conceitos deste fascinante campo que é a ciência.

Sobre a Educação Moral e Cívica, trabalhava com um livrinho do governo que servia de guia, vejamos o que ela nos diz:

Educação Moral e cívica: falava sobre os poderes e cantava os hinos, e toda quinta feira tinha o hasteamento da bandeira pela manhã e à tarde tinha o arreamento cantando o hino nacional, e era obrigatório aprender os hinos do soldado, da bandeira, da independência e também o da escola. Era obrigatório o ensino de Educação Moral e Cívica. (Narrativa da Professora Dona Rosa, em Mossoró/RN, 27/11/2017,).

Segundo a professora, o ensino Educação Moral e Cívica em era obrigatório em todas as escolas brasileiras, de todos os níveis de ensino como disciplina e prática educativa, que tinha caráter integrativo, num período de grande movimento de reestruturação do sistema educacional brasileiro. Os militares utilizaram a educação de forma estratégica, para controlar a política e a ideologia. A reforma do ensino propôs um modelo de socialização, que tinha como estratégia educar as crianças e os jovens nos valores e no universo moral, conforme os comportamentos do homem, da mulher que se adequassem ao sistema vigente.

Nessa década, o ensino voltado para o processo ditatorial, tinha como projeto esvaziar o conteúdo crítico, previa o culto à pátria, bem como aos seus símbolos e tradições, para aprimorar o caráter dos alunos e tratava também de exaltar o nacionalismo á pátria.

QUADRO III: FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS DE DONA ROSA SOBRE SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

| TÓPICO/OBJETIVOS | DONA ROSA | INTERPRETAÇÃO |
|---|--|--|
| 3.1 A profissionalidade docente e os elementos constituintes da identidade de Dona Rosa como produto da história de vida, formação e prática. | Comecei a trabalhar como professora desde que entrei no Magistério foi convidada a participar como professora na Escola Estadual Ambulatório José Pereira Lima ¹⁵⁵ , pois estava precisando de professora, como já estava estudando para ser professora, aceitei o convite e fui. Um mês depois me colocaram como professora do Estado no ensino Primário. (Narrativa da Professora Dona Rosa, entrevista realizada em 16/08/2017, Mossoró/RN). | Podemos analisar nas palavras de Dona Rosa, os processos de formação que oferecem o conhecimento do ponto de vista da interação com o outro. Isso também pode ser evidenciado nos percursos de vida profissional de professora primária, concentrados nas subjetividades. As vozes nas narrativas da professora nos contam muito mais que detalhes de uma vida, nos revelam contornos de sua respectiva de ingressar no processo de formação que serve de estímulo para o desenvolvimento de suas capacidades, sendo protagonista de uma verdadeira identidade e autonomia profissional. |
| 3.2 Narrativas de Dona Rosa sobre suas práticas: ativar a memória para compreender o presente | Trabalhei na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, onde estive por 28 anos até a aposentadoria. Naquela época se trabalhava o alfabeto, começava alfabetizando, dando as letrinhas e ia desenvolvendo. De forma, que o objetivo no final do ano era que a criança soubesse ler alguma coisa, e pelo menos fazer operação sem reserva, tipo assim 8 tirando 4 é igual a 4. (Narrativa | O ensino de 1º grau designava-se de forma plena para a formação da criança e do pré-adolescente, onde os professores podiam adequar o conteúdo e as metodologias (formas de repassar o conteúdo), de acordo com as necessidades de desenvolvimento dos alunos, suas capacidades de compreensão de determinado assunto, seu processor gradual de aprender. O ensino tinha duração de oito anos de atividades. Para o ingresso no ensino de 1º grau, os alunos deveriam ter a idade mínima de sete |

¹⁵⁵ Escola mantida pelos Padres Franciscanos Paroquia do Alto da Conceição.

| | | |
|---|--|---|
| | da Professora Dona Rosa, entrevista realizada em 28/08/2017, Mossoró/RN). | ano, sendo o ensino obrigatório para todas as crianças de 7 aos 14 anos, cabendo aos Municípios promover, anualmente, a ascensão das crianças que tivessem a idade escolar. |
| 3.3 A relação professor/aluno e as metodologias adotadas: a boniteza das relações entre a professora Dona Rosa e discípulos | Quando cheguei ao Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas e me deram uma turma de rapaz e moça, eu só não voltei da porta por que meu negócio era aquele, minha vontade era aquela, de ensinar de ser professora. Por que se não tinha voltado. Mais aí foi uma turma maravilhosa. Mesmo sendo grandes, por que naquela época tinha a classe dos menores, por que não se colocava misturados crianças com adultos. Por que tinha uns que eram adultos. Essa turma se chamava “recuperação”. Assim por causa da idade estavam fora de faixa e a minha turma foi fora de faixa. A minha era a turma era “B”, por que a “A” era sempre a primeira. E eu consegui muita coisa com essa turma. (Narrativa da Professora Dona Rosa, entrevista realizada em 28/08/2017, Mossoró/RN). | O que mais chamou nossa atenção foi o episódio de Dona Rosa enfrentar o desafio de aceitar uma sala de alunos adolescentes. Pois, para ela, ser professora era um objetivo de vida, por isso não voltou atrás, enfrentou a turma mesmo sendo de rapazes e moças, como ela relata. Dona Rosa já tinha trabalhado com turmas de crianças pequenas, e teve um choque ao se deparar com a turma de jovens. Denominada como fora de faixa. Também chamada de recuperação, ou seja, eram aqueles alunos que não conseguiam aprovação e ficavam com idades diferenciadas da turma que fazia parte no ano anterior. Então a direção juntava os reprovados e colocavam em uma sala. Era a sala de recuperação. A professora relata ainda, que sua maior surpresa, foi esta, ter sido uma de suas melhores turmas. “Foi uma turma maravilhosa e conseguiu alcançar muitos objetivos propostos para a turma, como: a aprovação de todos, avanço dos alunos e principalmente o comportamento”. Percebemos na fala da professora que a atividade docente vai além da atividade de ensinar por ensinar, mas, que é preciso educar para que os alunos sejam cidadãos críticos, reflexivos, contextualizado e conhecedor de sua função na sociedade. |
| 3.4 Avaliação da aprendizagem e os conteúdos de ensino: com a palavra a professora Dona Rosa | É de muita importância também a função do professor dentro da sala e fora da sala de aula. Por que você sabe, eles observam muita a vida da gente viu. Dentro de uma sala de aula do professor polivalente ¹⁵⁶ , os alunos observam a roupa que você vai, como é que você se veste, onde anda. Se eles virem a professora algum lugar, falam - A, eu vi a | Neste ponto a Dona Rosa faz referência ao seu tempo de professora, levando em consideração a década de plena ditadura militar, onde tudo era censurado. Neste tempo, o professor também estava em evidência em todos os sentidos, tanto no pedagógico quanto na postura e principalmente em relação a preservar seu nome, pois era visto como um profissional que não podia cometer erros. Um educador. Segundo a entrevistada, é |

¹⁵⁶ A professora Dona Rosa faz referência ao seu tempo de professora, levando em consideração a década de plena ditadura militar. Mas faz referência que o processo de ensino tradicional não impediu que trabalhasse de forma interdisciplinar, desenvolvendo o potencial dos alunos.

| | | |
|--|--|--|
| | <p>senhora em tal canto fazendo isso assim, assim, assim. Os alunos dizem mesmo. E como dizem. Se eles chegarem num canto por exemplo se eles passam perto de um bar e ver um professor ou uma professora, eles comentam: -Eu vi o professor tal tomando uma cerveja lá não sei onde eles observam muito a vida da gente. (Narrativa da Professora Dona Rosa, entrevista realizada em 28/08/2017, Mossoró/RN).</p> | <p>preciso haver por parte dos professores uma postura moral e ética. Que o professor deve priorizar, tanto na vida profissional, quanto no cotidiano. O professor é um formador de opinião nato.</p> <p>Ainda ressalva que os diretores se preocupavam muito com a postura dos professores. Segundo Dona Rosa, os diretores tinham um cuidado muito zeloso com o comportamento das professoras e preservava o nome da escola.</p> |
|--|--|--|

Fonte: Elaborado pela autora com base nas narrativas da professora Dona Rosa. Mossoró, 2017.

As mudanças de eixo da educação são constantes. Os tempos de valorização de uma aprendizagem e, por isso, de uma avaliação formal dos conteúdos escolares são substituídos pelos tempos de valorização dos processos de conhecer. O construtivismo valoriza a mudança de perspectiva, de eixo de análise. Propõe uma organização dos pontos de vista da aprendizagem. A partir das leituras, é possível compreender que a avaliação é um componente básico do processo de ensino.

Destaca como objetivo verificar e qualificar os resultados obtidos no decorrer desse processo de aprendizagem. Suas características refletem a unidade dos objetivos, conteúdos e métodos utilizados pelo professor. A avaliação pode e deve auxiliar no acréscimo de capacidades e desenvolvimentos do educador e dos educandos, pois possibilita a revisão do plano de ensino, refletindo valores e expectativas do professor em relação aos alunos, ou seja, é um componente essencial no processo de aquisição de conhecimentos pelo aluno, bem como, auxilia na reflexão das práticas pedagógicas dos professores.

Podemos enfatizar que as entrevistas foram fundamentais para elucidar as práticas pedagógicas da Professora Dona Rosa. Em vários momentos, a personagem desta história ganhava vida e isso possibilitava a mentalização dos caminhos trilhados por Dona Rosa. Foi possível compreender que a professora demonstra afeição pelas suas histórias com atenção, responsabilidade e afetividade, que garantiram o respeito e amabilidade da comunidade da escolar.

Conforme nos narra a professora, as relações com os alunos eram sempre amistosas e preponderava o companheirismo. Percebemos que a maneira como se processaram as práticas

pedagógicas da professora que cursou, apenas, o Magistério, estiveram fundamentadas nas vivências ao longo da vida, sobretudo, nas experiências pedagógicas motivada e inspirada pelos ideais de ser professora, considerando a formação da professora do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas o contexto histórico vivenciado no Brasil nessa época com relação a educação profissionalizante.

Refletindo sobre a história do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, ressaltamos que a contribuição desse estudo não é apenas, uma leitura da escola no período histórico, mas uma contribuição significativa para a comunidade escolar e para o corpo de funcionários da escola. É possível compreender o movimento histórico da educação, as ideias e concepções que fundamentam o ideário de um período.

DISCUSSÕES E PALAVRAS INTERPRETATIVAS

Trilhar caminhos na construção de uma pesquisa é se deleitar em busca de novos saberes. Ao enveredar nesse processo de construção, sabíamos que ao longo do percurso muitos conhecimentos seriam construídos e que nossos saberes em relação à temática se ampliaram e prevaleceriam as aprendizagens significativas. Dessa forma, ganharíamos maturidade e aproximação com a temática (auto)biográfica ao mesmo tempo em que fortaleceríamos os laços com as narrativas.

Compreendíamos também que muitos desafios surgiriam e teríamos que enfrentá-los como parte do desvedamento das nossas inquietações com relação aos objetivos propostos no trabalho até chegarmos ao momento, que não avaliáramos como um fim pronto e acabado, mas como uma construção valiosa, com zelo, dedicação e, acima de tudo, amor, pois depositamos todo nosso comprometimento para transformar nossa pesquisa em um trabalho que pudesse contribuir para a sociedade mossoroense e para a comunidade escolar da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas. Essa contribuição proporcionou um novo olhar para a instituição e para as práticas pedagógicas desenvolvidas durante os anos de sua existência.

Refletimos sobre aspectos relevantes vivenciados ao longo da pesquisa e apresentamos elementos para perceber as práticas pedagógicas vivenciadas por uma professora da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas em suas narrativas. Tais práticas foram comprovadas a partir da entrevista (auto)biográfica, com o intuito de interpretar como os saberes docentes foram adquiridos ao longo de sua vida de professora dos anos iniciais, como os conteúdos eram ministrados e suas experiências durante sua carreira. Através das sessões (auto)biográficas, a professora conseguiu exercitar a ação de purgar suas emoções, sensações, momentos marcantes de dor, alegria, imprevistos, medos, lutas e vitórias, de forma simples e prazerosa.

A pesquisa (auto)biográfica possibilita ao pesquisador vivenciar fatos inusitados, que impulsionam aprendizagens e tomadas de decisões. Vivenciamos um fato dessa natureza durante a execução da pesquisa. Iniciamos a entrevista com duas professoras. Em uma determinada ocasião, uma informou que não poderia continuar, tivemos que enfrentar o desafio de trazer as práticas de, apenas, uma professora. De início, houve certa intranquilidade e desconforto, pois já havíamos feito os primeiros contatos e a entrevistada cedeu alguns materiais utilizados em sua aula na década de 1980, como planos de aula, planejamentos, imagens e alguns textos. Uma gama de riquezas, que poderia ilustrar nossa pesquisa e puxar as

discussões de como eram efetivadas suas práticas. Imaginávamos como poderia dar continuidade a pesquisa, uma vez que o projeto de dissertação e o primeiro capítulo haviam sido aprovados pela banca de qualificação.

O fato foi comunicado à orientadora, que, de forma compreensiva, nos tranquilizou, informando que era possível continuar com uma professora, pois a riqueza de contribuições seria de um valor profundo e afirmou, ainda, que uma entrevistada daria conta de responder as questões norteadoras da pesquisa com qualidade, clareza e coesão. Isso nos deu um grande impulso de continuar. Agora, podemos afirmar que não importa o número quantitativo de entrevistados e elementos para efetivar uma pesquisa de cunho (auto)biográfico, mais a qualidade do teor discursivo.

A rota do nosso caminhar foi trilhada na ótica da (auto)biografia e tinha como pergunta de partida, a saber: Quais as práticas pedagógicas de uma professora que atuou na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas em Mossoró/RN nos anos de 1970- 1980 em suas narrativas? Para respondermos essa indagação, traçamos como objetivo geral: Analisar as práticas pedagógicas realizadas por uma professora que lecionou e fez parte na constituição da história da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas nos anos 1970 a 1980 com base em suas narrativas no processo da profissionalização docente.

Com o intuito de atingir esse objetivo, direcionamos nosso olhar investigativo aos enunciados de uma professora, construídos através de entrevistas (auto)biográficas, na qual estabelecemos um diálogo acerca do processo de formação e da construção dos saberes docentes relacionados a boniteza das práticas docente, tendo em vista que esta abordagem carrega, em seu cerne, a discussão da narrativa (auto)biográfica.

Para compreender e responder aos questionamentos da temática, realizamos um estudo bibliográfico para compor o Estado da Arte, nos bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) nas dissertações defendidas Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da UERN e no banco de teses da UFRN. Enfatizamos na produção acadêmica publicada no período compreendido entre 2000 e 2010.

O capítulo *Tecendo Narrativas (Auto) Biográficas: dar voz ao percurso de formação e transformação*, nossa discussão foi em torno de tecer narrativas (auto)biográficas: dar voz ao percurso de formação e transformação, no qual tinha como objetivo específico narrar na perspectiva (auto)biográfica o meu processo formativo, as experiências de vida e a aproximação

com o tema de estudo. O nosso objetivo foi alcançado através dos relatos da trajetória da minha história de vida. Detalho os desafios, as superações, as dedicações e a busca pelos meus ideais.

É preciso ressaltar que lembramos apenas o que foi significativo em algum tempo de nossa vida, às vezes prazerosas, outras tristes, mas que nos leva a refletir sobre nosso passado. O nossos objetivos foram alcançados por meio das narrativas (auto)biográficas, fizemos uso da memória do outro para retratar lembranças, e reflito sobre alguns dos momentos charneiras por mim vivenciados, como a infância, um tempo feliz e ao mesmo tempo vivido com muita dificuldade, mas com momentos de muita alegria e descontração, regado a muita harmonia nas brincadeiras infantis na rua da casa dos meus avós, dos dias felizes quando a turma toda se juntava para brincar, e o quanto foi maravilhoso recordar esses momentos.

Memória de mim e do outro, eu, texto e contexto: dar voz a minha infância como ressignificação da formação, foi refletido através da evocação da memória, no qual trouxemos fatos que fizeram parte nos contextos pessoal, educacional e formativo da vida e os caminhos trilhados na busca do encontro de mim para comigo, a minha formação e o despertar para a pesquisa, foi evidenciado por meio da aproximação com o método das narrativas (auto)biográficas, na busca da inconclusão do ser para aprender a aprender, como também de estudos, leituras, congressos, e a pertença com a temática do estudo. Tudo isso foi necessário para a conclusão do capítulo.

No caminhar da construção, no tópico, *Adolescência: uma viagem nas asas do passado retratado na busca e na da redefinição da formação inicial*, nosso objetivo foi obtido por intermédio dos devaneios, nos quais revisitamos a memória para trazer a imagem da profa Dona Rosa, de forma mais consistente percebemos que a passagem desta docente foi significativa para a construção do texto dissertativo. Também foi possível alcançar o propósito pelo fato da pertença e a ligação com a escola. *O curso magistério: reter algumas linhas de força sobre os sonhos de se formar professora: os primeiros passos rumo à carreira de professora* justificam-se por meio da narrativa de busca e afinidade com o tema de pesquisa que vem de encontro a carreira de docente da Educação Básica dos anos iniciais e dos Anos Finais. No tópico *Aproximação com o método (auto)biográfico: uma viagem pela memória conseguimos* compreender através das narrativas o percurso em busca da minha profissão de professora. As mudanças significativas ocorridas na prática pedagógica e aprimoração do exercício em sala de aula na turma de 4º ano. Dando continuidade ao processo em busca de formação continuada, ingressei na pós-graduação no Programa de Especialização em Educação na mesma instituição

na área da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao concluir a especialização, tem início a minha entrada na mesma instituição como professora universitária, onde lecionei de 2007-2015, o que também serviu de base para minha formação e, por fim, o sonho do mestrado, que se concretiza no ano de 2016. O objetivo deste tópico foi estudar as relações advindas do ser professor, o tempo e o aprendizado do trabalho, sabendo que os saberes servem de base para o ensino. Para tanto, narremos a aproximação com o método (auto)biográfico, entendendo que a história da escola também é a minha história. Então, com muito zelo desenvolvemos nossa pesquisa sobre as práticas da professora Dona Rosa.

No *Contexto Histórico dos Grupos Escolares e o processo de institucionalização*, nosso objetivo foi alcançado com base na apresentação de recortes em jornais, acervo da Escola a partir da década de 1970. Finalizamos a missão de deixar um pouco da história da escola. Através do objetivo específico foi possível purgar as inquietações para trabalhar com o *Contexto Histórico-social dos Grupos Escolares e o Processo de Institucionalização*, fizemos uma apreciação das representações e os fatos existentes na trajetória e histórias a partir de um estudo bibliográfico foi possível resgatar o contexto histórico-social dos Grupos Escolares em seus preâmbulos, sua implementação enquanto instituição escolar. O estudo oportunizou compreender que a implementação do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas surge como instituição escolar no sentido de dar suporte a educação com o intuito de diminuir o analfabetismo das crianças e jovens do bairro do Alto da Conceição. Para dar apoio, fizemos um estudo no histórico contemporâneo para conhecer seu processo de escola Rudimentar à Escola Estadual, analisamos o regimento escolar, ato de funcionamento, atas, livros internos, os percalços percorridos para a constituição de sua história. Compreendemos que a história dos Grupos Escolares está intimamente ligada à institucionalização da instrução pública e se verifica o surgimento da preocupação em instruir o povo e, como consequência, a organização das primeiras instituições escolares no Rio Grande do Norte.

Para entendermos o *Histórico do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas: de Escola Rudimentar a Escola Estadual*, referenciamos as décadas de 1970 e 1980. Por meio da pesquisa, foi possível averiguar documentos para compreender seu processo de escola Rudimentar, a primeira diretora, as primeiras professoras que fizeram parte da equipe de docentes, sua identidade a partir de suas práticas pedagógicas. Chegamos à conclusão que o processo de racionalização, a escola, os professores e os alunos tinham seus papéis previamente definidos, quanto ao quê, como e quando ensinar, demonstrando o grau de objetividade e de produtividade

ao qual a educação fora subordinada. Visualizamos também, o histórico político e social que era implementado para as professoras que tinham o Magistério na modalidade normal, levando em consideração que a formação continuada não era enfocada devido a uma estruturação política e econômica da década do recorte histórico, que já se configurava como suficiente para dar conta da demanda de uma sala de aula, essas moças que estudavam na escola Normal eram chamadas de normalistas, nos anos de 1970 e 1980.

Sobre a *Biografia do Padre Cônego José Estevam Dantas: nasce nome da escola*, este nome foi cotado pelo fato do padre Estevam Dantas fazer parte da linhagem pedagógica, também vem ao encontro de busca constante pela formação humana dos jovens, dentro de um ambiente escolar identificado pelo espírito evangélico de liberdade e solidariedade.

Para alcançar os propósitos elencados no objetivo para esse capítulo, fizemos também, um *Resgate das práticas educativas do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas: os acontecimentos que marcaram e fizeram sua história*. Demonstramos os eventos pedagógicos executados com o apoio da equipe de funcionário e da comunidade escolar, como as professoras trabalhavam os conteúdos, a saber: como as datas comemorativas eram festejadas, as evidências nas festividades cívicas e religiosas, e isso nos permitiu entender como se fundamentava na realidade essas práticas educativas. Para tanto, o estudo dialogou com referenciais que concebem as realidades vividas em espaços e tempos determinados, articulados a construções sociais complexas que complementam a formação com seu funcionamento, a organização curricular, suas práticas educativas, o cotidiano de alunos e professores. Entendemos que a vida pode estar na pesquisa e a pesquisa na vida, pois vimos na história de Dona Rosa o respeito às particularidades e identidade dos alunos.

Esse capítulo carrega em seu cerne, a discussão das narrativas da professora entrevistada, *Profissionalidade docente e os elementos constituintes da identidade de Dona Rosa como produto da história de vida, formação e prática*, pretendeu deixar como contribuição acadêmica uma discussão mais aprofundada, a fim de permitir à sociedade conhecer as práticas pedagógicas de uma professora que lecionou na escola na década de 1970 e 1980. Traz como objetivo específico identificar nas narrativas da professora as práticas pedagógicas ancoradas no processo da profissionalização. Este objetivo foi alcançado por meio das próprias narrativas da professora entrevistada Dona Rosa.

Tratamos de forma breve *a profissionalidade docente e os elementos constituintes da sua identidade de Dona Rosa como produto da história de vida, formação e prática*. A

entrevista narrativa (auto)biográfica semiestruturada com perguntas acerca das práticas pedagógicas de Dona Rosa que participou tanto do recorte histórico delimitado pela pesquisa, quanto em relação da minha vivência de formação e transformação. Dona Rosa também fez parte da minha história de vida. Ao interpretar sua entrevista, podemos vislumbrar quais as práticas, o que utilizava além do quadro e do giz para trazer os alunos a frequentarem com prazer e aprenderem significados para a vida em sociedade, levando em consideração a época.

Narrativas de Dona Rosa sobre suas práticas: ativar a memória para compreender o presente. A partir das palavras da professora, fizemos um resgate dos fatos que aconteceram na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas e que representaram significativamente para alunos e professores, também para a comunidade em torno da escola de modo geral e particular. Podemos entender como eram viabilizadas essas práticas, o apoio da escola como um todo para sua inserção no dia a dia das professoras.

No tópico *Relação professor/aluno e as metodologias adotadas: a boniteza das relações entre Dona Rosa e discípulos*, após criteriosa avaliação das entrevistas de Dona Rosa, compreendemos o processo da profissionalidade docente e os elementos constituintes da sua identidade como produto da história de vida, formação e prática, nos deparamos com questões relacionadas ao convívio desses sujeitos, suas emoções, seus conflitos e a afetividade nas relações estabelecidas com seus alunos. A profissionalização docente nos faz entender as práticas pedagógicas percebidas como uma ação do professor no espaço de sala de aula. Sendo esta entendida na percepção de como a humanização do professor no espaço de sala de aula.

No tópico *Avaliação da aprendizagem e os conteúdos de ensino: com a palavra a professora Dona Rosa*, percebemos que o nosso objetivo foi alcançado após levantar discussões e reflexões acerca de como acontece a aprendizagem dos conteúdos, evidenciamos como a professora avaliava seus alunos a partir dos assuntos ensinados, levando em consideração os recursos que detinham para se ter uma boa aula, que na década explícita na pesquisa o material existente era o livro, o giz e o quadro negro, evidenciamos também o espaço físico e as estruturas da escola. O que a professora utilizava para administrar essas aulas para se tornarem prazerosas e a reflexão que fazia sobre si própria, pautada no olhar para a diversidade de vida da professora.

Os resultados obtidos foram positivos na medida em que podemos entender as práticas pedagógicas da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas como práticas eficazes para a década em que a pesquisa foi pautada. Através das entrevistas com a professora, percebemos a

constituição de práticas exitosas, nas quais exigem contíguo coordenado de ações e refere-se também ao ambiente escolar, favorece as ações exitosas. O intercâmbio entre os professores durante as reuniões, os planejamentos diários, organização de eventos e experimentos eram sempre fiscalizados pelos gestores e supervisores. Para a professora entrevistada, essas fiscalizações serviam para a construção de práticas pedagógicas dos educadores e foi positivo à medida que se torna conhecida e respeitada.

Consideramos que as reflexões e apreciações desenvolvidas durante a pesquisa contribuíram para os estudos da linha de pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, vinculadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN/POSEDUC.

A pesquisa dialogou com a nossa pergunta de partida, bem como atingiu os objetivos sugeridos. A partir das apreciações das entrevistas (auto)biográficas, reconhecemos que a construção das práticas docentes é advinda de uma metodologia de formação inicial acoplada às experiências desenvolvidas, nos contextos educacionais, como a concretização das práticas pedagógicas e as interações, que ocorrem nesses contextos, nos planejamentos escolares, nas interações dos professores com seus pares. Esperamos que esse estudo possibilite o alargamento das pesquisas acerca das práticas pedagógicas da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas e dos estudos dos grupos escolares, partindo da prerrogativa de que é um tema relevante para a academia e traz contribuições para o Programa de Mestrado da UERN.

Ressaltamos que é um trabalho peculiar de cunho significativo/informativo para a academia, pois possibilitará a execução de outros trabalhos como fonte de pesquisas, e para a Escola Estadual Cônego Estevam Dantas, pois revela a importância da escola enquanto formadora educacional de gerações, que vem desde seu mais início quando ainda funcionava como escola subvencionada até os dias atuais e possibilitará a expansão da história da escola, das práticas pedagógicas da professora em destaque e de outras que fizeram parte desta história, que tivemos satisfação de conhecer e divulgá-la para o conhecimento de toda sociedade mossoroense e, em especial, para a comunidade local do bairro do Alto da Conceição. Cientes que esta abrirá caminhos para outras pesquisas em outras linhas de pesquisas

Destacamos como contribuição social a possibilidade de discussões fora das paredes da academia, levando para a comunidade escolar na qual a escola se localiza, para que os alunos, professores e demais funcionários da instituição pesquisada conheçam sua história e as práticas, aqui destacadas. Esperamos que os fatos analisados sirvam como fonte de inspiração para os

futuros profissionais da educação que adentraram na Escola Estadual Cônego Estevam Dantas.

Com relação à contribuição pessoal, levamos em consideração que o trabalho é de fundamental importância para a reflexão e o enriquecimento da minha prática pedagógica, uma vez que permitiu o encontro com as minhas lembranças no sentido de consentir um olhar no retrovisor do passado e perceber que as pegadas deixadas permitiram mudanças significativas na minha prática pedagógica. Tudo isso remeteu ao modo como fui me estabelecendo como sujeito social, e como hoje me (auto)formo.

Não finalizando, mas, apenas, encerremos este escrito, pensando na sua inconclusão. Temos o desejo de continuar a discussão no doutorado, a partir dos questionamentos que surgiram durante a pesquisa. Partindo do princípio de que a pesquisa nos permite ir para frente, desbravar e refletir sobre questões ora engessadas. Entendendo que a partir dela, os sujeitos, em sua complexidade, dialogam, trocam saberes, nem sempre encontram verdades, mas percorrem um caminho de possibilidades. Nossa pesquisa esta escrita e narrada por sujeitos inconclusos que poderam compor outras vidas, outra sociedade.

No decorrer deste estudo, na ação de escutar as narrativas, nós nos deparamos com a abertura para diversos outros assuntos atraentes de pesquisa e, sem o anseio de findar, mas despertar para outras investigações, destacamos algumas inquietações aquecidas neste caminhar, a saber: Quais as orientações conceituais na Formação Inicial de Professores, em Mossoró, nas décadas de 70 e 80? Por que a profissão de professora polivalente era direcionada somente para o sexo feminino? De que forma o curso magistério contribuía para a formação inicial e a certificação de competências das professoras polivalentes?

Deixamos registrado o nosso anseio e necessidade em adentrar em maiores aprofundamentos sobre o tema, em nível de doutorado, admitimos a certificação de que ainda há um amplo campo a ser investigado-reconstruído-analisado a respeito das práticas e experiências docentes, que deram vida a história das práticas pedagógicas da professora que participou como membro da equipe do Grupo Escolar Cônego Estevam Dantas, bem como da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas. Portanto, faz parte de nossos desígnios, a partir dos fatos históricos evidenciados no texto, despertar no professor e aluno da escola um olhar crítico e interpretativo, para que novos questionamentos sejam erguidos e novas práticas pedagógicas desvendadas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira. **Narrando Para Não Esquecer: Memórias e História da Faculdade de Educação.** (OrG) 1ª Ed- Curitiba, PR: CRV, 2014. P, 62-72

ALBUQUERQUE, Durval Muniz Júnior de. **Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil.** Natal. (RN) 2006. p 11.

ARROYO, Miguel. Mestre, Educador, Trabalhador: organização do Trabalho e Profissionalização. Belo Horizonte, Livre Docência, Faculdade de Educação, 1985.

ASSIS, Renata Machado de. **A Educação Brasileira durante o Período Militar: a escolarização dos 7 aos 14 anos.** *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 3, n. 2, p. 320-339, jul. /Dez. 2012.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para Educadores.** São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Desfiles Patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971).** In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971).** Campinas: Mercado das Letras, 2006. p. 299-321.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Lei Nº 5692/71 de 11 de agosto de 1971: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 197.

BREJON, Moysés. **Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus: leituras.** 23. ed. São Paulo: Pioneira, 1993.

CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUZA, M. Cecília C. C. e SOUSA, Cynthia Pereira de (Org.) **Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras.** *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, São Paulo, nº 2, PP 61/76, Mai./Ago. 1996.

CONNELLY, F. M., e CLADININ, D. J. **Stories of experience and narrative Inquiry.** *Educational Researcher*, 19 (5), p.2-14.

COSTA, Magnólia Maria Oliveira. **A avaliação e Inclusão: um estudo de Campo com docentes da educação básica: uma análise na perspectiva da Educação Inclusiva.** III Congresso Nacional de Educação- CONEDU. Natal/RN. 2016

_____, **A Contribuição dos Contos de Fadas no processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil.** III Congresso Nacional de Educação- CONEDU. Natal/RN. 2016

_____, **A Educação Infantil como suporte a Formação integral dos educandos: um**

trabalho de Campo numa Escola Particular do Município de Aracati. III Congresso Nacional de Educação- CONEDU. Natal/RN. 2016

COSTA, M.A. T, OLIVEIRA, M. E. B, FREIRE, S. H. S. L. M. **História e Memória da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN (1969-2006).** (In) COSTA, M. A. T. da. de; Narrando para não esquecer: memórias e história da faculdade de educação. Curitiba: CRV, 2014 Narrando para esquecer: memórias e história da faculdade de educação. Curitiba: CRV, 2014.

_____. **Lições de professores do magistério primário do Rio Grande do Norte sobre o ensinar, o aprender, o ser professora (1939-1969).** Tese de Doutorado. Natal/RN: UFRN, 2003.

DOMINICÉ. Pierre. **O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais.** In: FINGER, Mathias; NÓVOA, António (Orgs). O método (auto) biográfico e a formação. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus. 2010. p. 81-95.

Educabrasil.com.br. **Informações para a formação.** Acessado em 01 de abril de 2017.

ESCÓSSIA, L. Cronologias Mossoroenses. Coleção Mossoroense. 2 ed. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, 305 p. 2010.

FARIA, Tereza Cristina Leandro de. **Práticas Pedagógicas em debate: relatos e experiências.** Natal (RN): Infinita Imagem. 2010.

FAZENDA, Ivani (org). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.** 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997. (Coleção Práxis).

FERREIRA, Antônio Gomes, **Três propostas pedagógicas de finais de seiscentos:** Gúsmão, Fênelon e Locke. Coimbra: Imprensa de Coimbra. FOUCAULT, Michel, (1972). A arqueologia do saber. Petrópolis: Vozes. (1988).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar.** O minidicionário da Língua Portuguesa. 4 ed. Ver. ampliada. – Rio de J Nova Fronteira. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 1996.

_____. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra. 23 ed. 1999.

_____. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** 39 ed. São Paulo, Cortez, 1999.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17 eds. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GEERTZ, Clifford, 1926- **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. - 1.ed., IS. reimpr. Rio de Janeiro: LTC. 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2 eds. Rio de Janeiro. Vozes. 1968.

IMBERNÒN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6 ed. São Paulo, Cortez. 2006. (Coleção Questões da Nossa Época).

LIBÂNIO, José Carlos. **O papel dos profissionais do magistério e dos movimentos massociativos na organização do sistema e ensino e na organização escolar**. In.: Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstrom. A Escola de Professores do Instituto de Educação. Arquivos do Instituto de Educação. Prefeitura do Distrito Federal: Departamento de Educação. Rio de Janeiro, v.I, n.1, p. 15-26, jun.1934.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994

LÜDKE, Menga, ANDRÉ. E.D.A. (org). **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al (org). **A Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOURA, W. B. Umas tantas Lembranças da velha Mossoró e sua gente. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, 218 p. 2006. (Coleção Mossoroense. Série C)

NÓVOA, Antonio. Et al (org). **Vidas de Professora**. 2 ed. Rio de Janeiro: Porto Editora, 1992. (Coleção Ciências da Educação).

_____. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

Ozelita Cascudo Rodrigues (1907-1996). **Mulher 500.org**. Consultado em 05 de agosto de 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-2.

_____. **Narrativa autobiográfica: uma prática reflexiva na formação docente** (Trabalho publicado nos Anais do II Colóquio Nacional da AFIRSE – UNB – set/2003). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

PIMENTA, Selma Garrido, FRANCO, M. A. S. (org). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. Edição Loyola. v. 2, São Paulo. 2008.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. Da Era das cadeiras isoladas à Era dos grupos escolares. 2001. 263 f. **Tese** (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

REBOUÇAS. Jose de Paiva. **Da amizade sincera de um urubru**. Mossoró/RN: Editora offset, 2014.

Revista Educação em Questão. Capa, v. 49, n. 35 (2014) Araújo.

RIO GRANDE DO NORTE. Relatório anual da instrução pública. Natal: Tipografia de A República, 1906.

RIO GRANDE DO NORTE. Atos legislativos e decretos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Decreto n. 239, de 15 de dezembro de 1910. Código de Ensino. Natal: Tipografia de A República, 1910. p.119-148.

_____. Lei n. 405, de 29 de novembro de 1916. Reorganiza o Ensino Primário, Secundário e Profissional. Natal: Tipografia de A República, 1917a.

_____. A reforma do ensino. Ligeiro comentário à Lei n. 405, de 29 de novembro de 1916. Reorganiza o Ensino Primário, Secundário e Profissional. Natal: Tipografia de A República, 1917b.

_____. Regimento Interno das Escolas Isoladas. Natal: Typ. d'A República, 1925b.

_____. (1917c). Diretoria Geral de Instrução Pública. Registro de ofícios, n. 57, 1917. Natal. (Manuscrito).

_____. Atos legislativos e decretos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte (1907-1913). N. 10. Natal: Tipografia de A.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21 ed. Ver. e ampl. – São Paulo: Cortez. 2000.

SOUZA, João Francisco de. **Atualidade de Paulo Freire: contribuição ao debate sobre a**

educação na diversidade cultural. Recife: Bagaço, 2001.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no estado de São Paulo, 1890-1910.** São Paulo, SP: Fundação Editora UNESP, 1999.

SILVA, Maria da Conceição Farias. **Da História da educação formal de mulheres em Assú/RN (1920-1955). Projeto de Pesquisa.** Assu: UERN, 2007.

TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude. (org). **O Ofício de Professor: história, perspectivas e desafios internacionais.** 3 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docente e formação profissional.** 9 ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 2008.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Antoni Zabala; tradução Ermani F. da F. Rosa- Porto Alegre: Artemed, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1- AUTORIZAÇÕES DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEUDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS

- 1- Pelo presente documento, Dehua Santos do Nascimento (nome), casada (nacionalidade), brasileira (estado civil) RN (profissão), RG 252928 emitido por CPF 596.464.504-59, residente e domiciliada na Rua Aminante Barroso, 208 na cidade de Mossoró/RN, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte à pesquisadora Magnólia Maria Oliveira Costa a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre as entrevistas prestadas no mês de agosto de 2017, na cidade de Mossoró, RN.
- 2- Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais do Brasil é signatário, a entrevistada, proprietária original das entrevistas de que trata este termo, terá indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais, sobre as referidas entrevistas, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer citação.
- 3- Fica, pois, a Universidade do estado do Rio Grande do Norte e pesquisadora, Magnólia Maria Oliveira Costa autorizados a utilizar as referidas entrevistas, no todo, ou em partes, editadas ou integrais, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em (03) três vias de igual teor e para um só efeito.

Mossoró-RN, 16 de agosto de 2017.

Dehua Santos do Nascimento
Assinatura da participante
RG/CPF 252928

Magnólia Maria Oliveira Costa
Assinatura da pesquisadora
RG/CPF 480.713.904-93

Rozely de Sousa Fernandes
Assinatura da testemunha
722447634-04

ANEXO II- AUTORIZAÇÕES DO USO DA IMAGEM



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
 LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
 INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Maria do Socorro Anacleto Oliveira estado civil Divorciada
 residente: Rua Cesari Campos nº 184 município de
 Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos
 metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de
 minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e
 Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa
 de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade
 do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas,
 Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual
 Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 –
 1980**, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em
 Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou
 depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima
 especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação
 de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
 sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Maria do Socorro Anacleto Oliveira
 Assinatura do participante
 RG/CPF 299-659

Magnólia Maria Oliveira Costa
 Assinatura da pesquisadora
 RG/CPF 480.713.904-53

Marta Maria Oliveira Costa de Araújo
 Assinatura da testemunha
813.727.604-15



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Maria Cidete Dantas (gestora), estado civil divorciada
 residente: R. Eurásio de Oliveira, 28 Jto da Penha município de
 Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos
 metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de
 minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e
 Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa
 de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade
 do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas,
 Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual**
Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 –
1980, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em
 Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou
 depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima
 especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação
 de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
 sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Maria Cidete Dantas

Assinatura do participante
 RG/CPF 480.784.334-68

Magnólia Maria Oliveira Costa

Assinatura da pesquisadora
 RG/CPF 480.713.904-53

Abelino Giovanni dos Santos Duarte

Assinatura da testemunha
 DSC. 581.474.01



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Delma Santos do Nascimento, estado civil casada residente: Colunante Barroso nº 208 - Alto da Conceição município de Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 – 1980**, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Delma Santos do Nascimento

Assinatura do participante

RG/CPF 252 928

Magnólia Maria Oliveira Costa

Assinatura da pesquisadora

RG/CPF 480.713.904-53

Rozely de Souza Fernandes

Assinatura da testemunha

722 447 63404



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Maria Joneide da Silva Lima estado civil casada residente: Rua Luiz Colombo, 665 - bairro Paredos, município de Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 – 1980**, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Maria Joneide da Silva Lima
 Assinatura do participante
 RG/CPF 030.042.814-65

Magnólia Maria Oliveira Costa
 Assinatura da pesquisadora
 RG/CPF 480.713.904-53

Ingridy Jaisara Oliveira Macrimo
 Assinatura da testemunha
2073732



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Wladimir Gervasio dos Santos Duarte, estado civil Soltis
 residente: Av. Cunha Leites, 887, Centro município de
 Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos
 metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de
 minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e
 Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa
 de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade
 do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas,
 Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual**
Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 –
1980, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em
 Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou
 depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima
 especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação
 de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
 sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Wladimir Gervasio dos Santos Duarte

Assinatura do participante

RG/CPF 086.581.474-01

Magnólia Maria Oliveira Costa

Assinatura da pesquisadora

RG/CPF 480.713.904-53

Rosely de Souza Fernandes

Assinatura da testemunha

722 447 634-04



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, ANDRÉ ANTONIO FERREIRA estado civil CASADO
 residente: Rua Sérgio Manoel nº 350 município de
 Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos
 metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de
 minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e
 Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa
 de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDOC da Universidade
 do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas,
 Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual**
Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 –
1980, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em
 Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou
 depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima
 especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação
 de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
 sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

[Assinatura]
 Assinatura do participante
 RG/CPF 289202288 88

Magnolia Maria Oliveira Costa
 Assinatura da pesquisadora
 RG/CPF 480.713.904-53

Ingridy Juscara Oliveira Macrinho
 Assinatura da testemunha
 2073712



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Francisco José de Sílva, estado civil solteiro residente: Rua Fco Sales N.º 88, APLICÇÃO I município de Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 – 1980**, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Francisco José de Sílva
 Assinatura do participante
 RG/CPF 663.738.914-53

Magnólia Maria Oliveira Costa
 Assinatura da pesquisadora
 RG/CPF 480.713.904-53

Wladimir Giovanni dos Santos Duarte
 Assinatura da testemunha
050.589.474.01



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Rosilene Rodrigues de Castro, estado civil viúva residente: Rua Coronel Gurgel, 1130/Alto da Conceição município de Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas, Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 – 1980**, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Rosilene Rodrigues de Castro

Assinatura do participante

RG/CPF 626.158.584-91

Magnólia Maria Oliveira Costa

Assinatura da pesquisadora

RG/CPF 480.713.904-93

Melânia Cavalcanti dos Santos Diniz

Assinatura da testemunha

RG. 581.474-01



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Arnilton Araújo de Sousa, estado civil casado
 residente: AV. Contabilista Estromelo V. Melo 1521 município de
 Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos
 metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de
 minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e
 Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa
 de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade
 do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas,
 Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual**
Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 –
1980, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em
 Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou
 depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima
 especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação
 de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
 sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Arnilton Araújo de Sousa

Assinatura do participante

RG/CPF 008.378.504-36

Magnólia Maria Oliveira Costa

Assinatura da pesquisadora

RG/CPF 480.713.904-53

Madirini Severina dos Santos Duarte

Assinatura da testemunha

080.581.474.01



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Artur Helder Lopes Lima, estado civil solteiro
 residente: Rua, Pauprosino de Oliveira nº 275 município de
 Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos
 metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de
 minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e
 Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa
 de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDOC da Universidade
 do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas,
 Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual**
Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 –
1980, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em
 Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou
 depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima
 especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação
 de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
 sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Artur Helder Lopes Lima

Assinatura do participante

RG/CPF 03553164476

Magnólia Maria Oliveira Costa

Assinatura da pesquisadora

RG/CPF 480.713.904.53

Rosely de Souza Senando

Assinatura da testemunha

71.046.7621.06



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO.**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Maria Elizângela da Silva, estado civil casada
residente: Rua Cecília Medeiros de Moura, 460 município de
Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos
metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de
minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa
de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade
do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas,
Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual
Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 –
1980**, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em
Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou
depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima
especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação
de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Maria Elizângela da Silva
Assinatura do participante
RG/CPF 32.556.08-98

Magnólia Maria Oliveira Costa
Assinatura da pesquisadora
RG/CPF 480.713.904-53

Wladimir Giovanni dos Santos Duarte
Assinatura da testemunha
080.581.474-01



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Ingridy Juscara Oliveira Norinho estado civil divorciada
 residente: Rua: Dália Maia - 593, Santa Dulmira município de
 Mossoró/Rio Grande do Norte, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos
 metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de
 minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e
 Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, para ser utilizada em pesquisa
 de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade
 do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Pedagógicas,
 Cultura, Diversidade e Inclusão, intitulada **Práticas Pedagógicas da Escola Estadual**
Cônego Estevam Nas Narrativas De Uma Professora: uma análise dos anos de 1970 –
1980, desenvolvida por Magnólia Maria Oliveira Costa e orientada pela professora Dr^a em
 Educação Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a utilização fotos/imagens e/ou
 depoimentos para fins acadêmicos, culturais e de estudos, em favor das pesquisadoras acima
 especificadas com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação
 de fonte e autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
 sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização em 03 (dias) vias de igual teor e forma.

Mossoró-RN, 12 março de 2018.

Ingridy Juscara Oliveira Norinho
 Assinatura do participante

RG/CPF 078.900.274-43

Magnólia Maria Oliveira Costa
 Assinatura da pesquisadora

RG/CPF 480.713.904-53

Rosely de Sousa Fernandes
 Assinatura da testemunha

72244763404

Plano de Aula

2. Atividade

1. Texto

No dia 13 de agosto de 1860, nasceu na cidade de São José de Mipibú no Estado do Rio Grande do Norte: Estevam José Dantas.

Iniciou seus estudos no Brasil, porém concluiu em Roma onde se tornou padre. Em sua terra natal prestou relevantes serviços.

Viveu em nossa cidade de fevereiro de 1901, até fevereiro de 1907, fundou o colégio Diocesano Santa Luzia, tendo sido o seu primeiro Diretor.

Depois de grandes serviços prestados em várias cidades do interior, faleceu no dia 29 de julho de 1929.

Cônego Estevam Dantas é o patrono da nossa Escola, ele foi um grande sacerdote e educador.

2. Interpretação do texto

Responda certo:

1. Em que dia, mês e ano nasceu Estevam Dantas?

2. Em que cidade do Rio Grande do Norte?

3. Onde iniciou e concluiu seus estudos?

ORIGEM DA ESCOLA



Nos idos de 1865, no chamado quarteirão dos macacos, atualmente bairro Alto da Conceição o pioneiro do ensino primário, o professor **Manoel Antônio de Albuquerque**, instala uma escola rudimentar, que viria a manter por 41 anos até sua aposentadoria no ano de 1916, ensinando crianças e jovens as primeiras letras. O professor era conhecido como pai vobis; que apesar das dificuldades não se intimidava, era um destinado amante do ensino e extremada dedicação ao bairro que viu crescer.

Construiu a primeira sala de aula e contribuiu para construção de uma capela, onde hoje é a matriz de Nossa Senhora da Conceição. A construção de uma escola na comunidade era anseio dos moradores. Conforme anotações aproximadamente 1914 o poder municipal construiu um prédio para funcionar a escola, constava de duas salas de aula, um cômodo para parte administrativa e dois banheiros.

1920 – Reforma do ensino, novo sistema escolar, passou de escola rudimentar para escola isolada, sendo dirigida por leigos. A escola recebeu uma restauração.

1925/1930 – Início das nomeações de professores diplomados pela Escola Normal de Mossoró. Após 1930, no governo de Rafael Fernandes a escola passou de escola isolada para escolas reunidas. Recebendo o nome de **Cônego Estevão Dantas**. Merecida homenagem ao Sacerdote e educador que se destacou por sua dedicação em nosso estado, de modo particular a Mossoró.

1940 – Recebeu sensíveis melhoramentos incluindo a nomeação de quatro professores formados pela **E.N.M.** (Escola Normal de Mossoró).

- 1- Ozelita Cascudo Rodrigues
 - 2- Heloiza Leão de Moura
 - 3- Francisca Freire de Carvalho
 - 4- Luiza Bezerra
- Para 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries.

Nesse mesmo ano foi designada sua primeira diretora: Ozelita Cascudo Rodrigues, que acumulava a direção e professora.

OUTROS DADOS

Prof. Francisca Ferreira Souza Dias (mora em Natal)

➤ Dr. Airton Paula Torres (Secretário do Pólo Gás-Sal)
Tel. 232-1783 / 988-0950

➤ Demétrio Paula Torres

➤ Dr. Luzimar (Casa de Saúde Santa Luzia – 311)-1155

➤ Zélia Dias – Gracinha – Conceição (Natal)

➤ Dra. Socorro Castro (Natal)

Goretti, Dalva, Salete, Prof. Jomar (321-6096 / 3061-0858)

DIRETORES

1940 – Ozelita Cascudo Rodrigues

1950 – Vicença Pinheiro Costa

1960 – Adelzira Cabral Freire

1970 – Maria Benta de Araújo Bezerra (76)

1980 – Francineide Dias Bezerra

1981/1988 – Maria Irenilce Costa e Silva

1990 – José de Anchieta Lima

1995 – Antônia Neuma M. de Oliveira Pinto

1996/2002 – Gumércia Araújo Dantas

2003^{a 2004} – Edson Teixeira Lima

Foto atual da Escola Estadual Cônego Estevam Dantas



